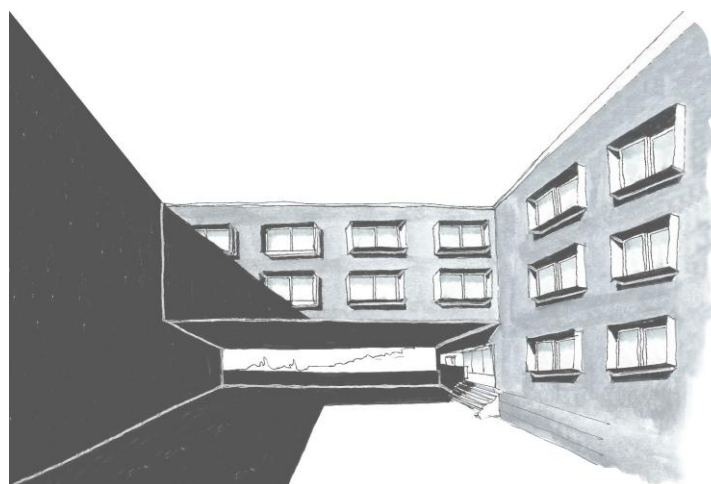




**FACULDADE DE ARQUITECTURA**  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



## **ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL**

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA

José Tiago Vieira Gonçalves  
(Licenciado)

Dissertação/ Projeto para Obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura  
(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientador Científico: Professor Doutor Jorge Manuel Fava Spencer  
Co-orientador Científico: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Júri  
Presidente: Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa  
Vogal: Professor Doutor Pedro Belo Ravara

Lisboa, FAUTL, Novembro, 2013

Figura da página anterior (registro gráfico do autor)



## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Jorge Spencer e ao Professor Hugo Farias, pelo desafio, pelo apoio, pela disponibilidade e pela sapiência partilhada.

À Família, aos meus Pais, ao meu Irmão e à minha Avó.

Aos Amigos de sempre.

A todos os que se cruzaram no percurso.



## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA

**Nome:** José Tiago Vieira Gonçalves

**Mestrado:** Mestrado Integrado em Arquitetura

**Orientador:** Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

**Co-orientador:** Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

**Data:** Lisboa, Novembro, 2013

### RESUMO (183 palavras)

Ao longo dos tempos o modo de habitar evolui. A casa sofre uma crescente compartimentação espacial, em direção à pretensão de maior privacidade. Decorrente deste processo possibilita-se o retiro individual no espaço doméstico, mas também evidencia-se o maior isolamento e, consequentemente, maior alheamento social face à família, ao grupo, à comunidade residente.

Em *Espaço Coletivo e Interação Social*, pretende-se focar e desenvolver uma investigação direcionada para o estímulo do contato social no espaço de uma residência universitária na área da Colina de Sant'Ana, hoje ocupada pelo Hospital Santo António dos Capuchos. Pretende-se explorar a habitação como uma estrutura de espaços que providencie possibilidades de encontro e despoletar interesse pela apropriação e interação social. Pensa-se o espaço coletivo mas, focando-se as relações deste com os espaços envolventes que podem determinar o maior sucesso deste objetivo. Assim, aborda-se o caráter de abertura destes espaços, e como este se pode revelar crucial no incentivo à interação social e consequente coesão da comunidade residente. Como metodologia, recorre-se ao reconhecimento bibliográfico dos diversos subtemas abordados e à investigação de casos de estudo, como instrumentos operativos para o projeto.

**Palavras-chave:** Espaço Coletivo | Interação Social | Territorialidade  
| Apropriação | Abertura



## COLLECTIVE SPACE AND SOCIAL INTERACTION

A STUDENT HOUSING IN SANT'ANA'S HILL

**Name:** José Tiago Vieira Gonçalves

**Masters:** Master Degree in Architecture

**Advisor:** Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

**Co-advisor:** Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

**Date:** Lisbon, November, 2013

### ABSTRACT (191 words)

With the passage of time, the way of living evolves. The house suffers an increasing spatial compartmentalization towards the pretense of privacy. Resulting from this process we reach the possibility to individual retreat in home, but also it gets more visible the greater isolation and, consequently, social ignoring towards family, group or resident community.

In *Collective Space and Social Interaction*, we intend to focus and develop a research directed to the stimulus of social contact in a student housing in the area of Sant'Ana's Hill, now occupied by the Hospital Santo António dos Capuchos. We intend to explore housing as a structure of spaces that provide opportunities to meet and trigger interest in appropriation and social interaction. The work focuses on collective space, and, more importantly, its relations with the surrounding spaces that may determine the success of this greater goal. Thus, we approach the character of openness of collective space and it may be crucial in encouraging social interaction and consequent resident community cohesion. The methodology is based on a bibliography recognition of the various subtopics discussed and a research of study cases as operating instruments for the design project.

**Palavras-chave:** Collective Space | Social Interaction | Territoriality | Appropriation | Openness



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
Tema .....	1
Objetivos .....	1
Pertinência do Tema .....	3
Metodologia e Estrutura .....	3
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
A Dimensão Social da Arquitetura .....	5
O Espaço Coletivo e a Casa .....	8
A Residência Universitária.....	10
1.A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA E O RESIDENTE.....	15
1.1. A Residência Como Território Primário .....	15
1.1.1.A Preservação da Privacidade.....	16
1.1.2.A Importância do Comunitário .....	24
1.1.3. Espaço Coletivo e Identidade .....	25
1.2.A Vida Residencial e o Estudante .....	27
2.TERRITORIALIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL NO ESPAÇO COLETIVO .	33
2.1.A Apropriação do Espaço .....	33
2.2.A Interação Social.....	36
2.3.O Papel da Territorialidade na Interação Social .....	38
2.4.Procura de Novos Espaços Coletivos .....	40
2.4.1.Abertura e Encerramento.....	40
2.5.Casos de Estudo .....	47
2.5.1.Espaço Privado e Espaço Coletivo .....	47
2.5.2.Espaços Coletivos Comunicantes.....	50
2.5.3.Vazios Interiores.....	57
2.5.4.A Cozinha.....	60
3.APRESENTAÇÃO DO CASO PRÁTICO .....	65
3.1.Contexto.....	65
3.2.Estratégia e Proposta Urbana.....	67
3.3.A Residência Universitária e o Lugar .....	69

4.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	73
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
6.COMPONENTES COMPLEMENTARES DO PROJETO FINAL DE MESTRADO .....	79

#### ANEXOS

ANEXO I – Registos Gráficos do Processo Evolutivo

ANEXO II – Reflexões e Notas

ANEXO III – Maquete como Método de Investigação



## ÍNDICE DE IMAGENS

<b>FIG. 1  </b> FOTOGRAFIA DE DIGNE MELLER-MARCOVICZ. LA CABAÑA DE HEIDEGGER: UN ESPACIO PARA PENSAR. CORTESIA EDITORIAL GUSTAVO GILI. ( <a href="http://FRONTERAD.COM/?Q=CABANA-FILOSOFO&amp;PAGE=&amp;PAGINA=1">HTTP://FRONTERAD.COM/?Q=CABANA-FILOSOFO&amp;PAGE=&amp;PAGINA=1</a> ).....	9
<b>FIG. 2  </b> PLANTA DO PISO TÉRREO – PROJETO EM PARIS, 1647 (CAMESASCA, ETTORE, HISTORIA DE LA CASA, EDITORIAL NOGUER, S.A., BARCELONA, 1971, PÁG. 152) ..	9
<b>FIG. 3  </b> O NOVO 'COLLEGE' DE OXFORD, 1379 (THOMSEN, JUDITH; STUDENT HOUSING – STUDENT HOMES? ASPECTS OF STUDENT HOUSING SATISFACTION, TRINDHEIM, NTNU, 2008, PÁG. 37).....	10
<b>FIG. 4  </b> 'COLLEGES' DE CAMBRIDGE (MULLINS, WILLIAM; STUDENT HOUSING: ARCHITECTURAL AND SOCIAL ASPECTS, MINNESOTA, PRAEGER, 1971, PÁG. 19) ..	10
<b>FIG. 5  </b> REPÚBLICA DO PRÁ-KYS-TÃO - CASA DA NAU, FOTO GSN (NEVES, GONÇALO SEIÇA; A REPÚBLICA DO PRÁ-KYS-TÃO, JORNAL ARQUITECTOS", Nº 204, (JAN./FEV. 2002), LISBOA, ORDEM DOS ARQUITECTOS, PÁG. 29) .....	11
<b>FIG. 6  </b> CASA DA NAU, PLANTA DO SEGUNDO ANDAR, 1530, GSN (NEVES, GONÇALO SEIÇA; A REPÚBLICA DO PRÁ-KYS-TÃO, JORNAL ARQUITECTOS", Nº 204, (JAN./FEV. 2002), LISBOA, ORDEM DOS ARQUITECTOS, PÁG. 29) .....	11
<b>FIG. 7  </b> SALA DE CONVÍVIO DA REPÚBLICA DO PRÁ-KYS-TÃO, FOTO GSN (NEVES, GONÇALO SEIÇA; A REPÚBLICA DO PRÁ-KYS-TÃO, JORNAL ARQUITECTOS", Nº 204, (JAN./FEV. 2002), LISBOA, ORDEM DOS ARQUITECTOS, PÁG. 31) .....	12
<b>FIG. 8  </b> CABANAS PRIMITIVAS E A ORIGEM DA ARQUITETURA SEGUNDO CHAMBERS (GALFETTI, GUSTAVO GILI ; NÃO É SOMENTE UMA QUESTÃO DE DIMENSÕES, CASAS REFUGIO, BARCELONA, EDITORIAL GUSTAVO GILI, 2002, PÁG. 9).....	15
<b>FIG. 9  </b> MECANISMO AMBIENTAL REGULADOR DA PRIVACIDADE (MUGA, HENRIQUE; PSICOLOGIA DA ARQUITETURA, CANELAS, EDIÇÕES GAILIVRO, 2005, PÁG. 145). 17	
<b>FIG. 10  </b> A BUSCA PELA PRIVACIDADE (CHERMAYEFF, SERGE, TZONIS, ALEXANDER, SHAPE OF COMMUNITY, 1971, PENGUIN BOOKS, MIDDLESEX, PÁG. 35) .....	20
<b>FIG. 11  </b> AS ANTECÂMARAS COMO ESPAÇOS-VÁLVULA (CHERMAYEFF, SERGE, TZONIS, ALEXANDER, SHAPE OF COMMUNITY, 1971, PENGUIN BOOKS, MIDDLESEX, PÁG. 234) .....	22
<b>FIG. 12  </b> PLANTAS DAS RESIDÊNCIAS ESTUDADAS POR BAUM E VALINS EM 1977 (THOMSEN, JUDITH; STUDENT HOUSING – STUDENT HOMES? ASPECTS OF STUDENT HOUSING SATISFACTION, TRINDHEIM, NTNU, 2008, PÁG. 26).....	23
<b>FIG. 13  </b> A SALA COMUM NO PISO TÉRREO DE TRINITY HALL, EM CAMBRIDGE (MULLINS, WILLIAM; STUDENT HOUSING: ARCHITECTURAL AND SOCIAL ASPECTS, MINNESOTA, PRAEGER, 1971, PÁG. 99).....	28
<b>FIG. 14  </b> O ESPAÇO DE ESTUDO DE UM QUARTO DE TRINITY HALL, EM CAMBRIDGE (MULLINS, WILLIAM; STUDENT HOUSING: ARCHITECTURAL AND SOCIAL ASPECTS, MINNESOTA, PRAEGER, 1971, PÁG. 99) .....	30
<b>FIG. 15  </b> POSSIBILIDADES DE APROPRIAÇÃO, ESCOLA MONTESSORI, EM DELFT DO ARQUITECTO HERMAN HERTZBERGER, 1966 (HERTZBERGER, HERMAN; LIÇÕES DE ARQUITETURA, SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2006, PÁG. 153) .....	34
<b>FIG. 16  </b> UM POSSÍVEL INÍCIO DE CONTATOS A OUTROS NÍVEIS (GEHL, JAN; LIFE BETWEEN BUILDINGS – USING PUBLIC SPACE, THE DANISH ARCHITECTURAL PRESS, COPENHAGA, 2010, PÁG. 16) .....	36

<b>FIG. 17</b>   CONTATOS ENTRE VIZINHOS, COPENHAGA (GEHL, JAN; LIFE BETWEEN BUILDINGS – USING PUBLIC SPACE, THE DANISH ARCHITECTURAL PRESS, COPENHAGA, 2010, PÁG. 74) .....	36
<b>FIG. 18</b>   BANCO-PARAPEITO DO PARQUE GËLL, BARCELONA, GAUDÍ (HERTZBERGER, HERMAN; <i>LIÇÕES DE ARQUITECTURA</i> , SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2006, PÁG. 211).....	37
<b>FIG. 19</b>   LUGARES INTROVERTIDOS E EXTROVERTIDOS DO BANCO-PARAPEITO DO PARQUE GÜELL, BARCELONA, GAUDÍ (HERTZBERGER, HERMAN; <i>LIÇÕES DE ARQUITECTURA</i> , SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2006, PÁG. 211) .....	37
<b>FIG. 20</b>   FORMAS DE CONTATO E NÍVEIS DE INTENSIDADE (GEHL, JAN; LIFE BETWEEN BUILDINGS – USING PUBLIC SPACE, THE DANISH ARCHITECTURAL PRESS, COPENHAGA, 2010, PÁG. 12).....	37
<b>FIG. 21</b>   INFLUÊNCIA NA CONVERSAÇÃO DAS POSIÇÕES À VOLTA DA MESA (MUGA, HENRIQUE; <i>PSICOLOGIA DA ARQUITECTURA</i> , CANELAS, EDIÇÕES GAILIVRO, 2005, PÁG. 125) .....	38
<b>FIG. 22</b>   REFLEXÕES SOBRE POSSIBILIDADES DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL NO CASO PRÁTICO DESENVOLVIDO – VER EM ANEXO II (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	39
<b>FIG. 23</b>   REFLEXÕES SOBRE ABERTURA E POSSIBILIDADES DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO COLETIVO NO CASO PRÁTICO DESENVOLVIDO - VER EM ANEXO II (REGISTOS GRÁFICOS DO AUTOR) .....	41
<b>FIG. 24</b>   FOYER DO CENTRO MUSICAL VREDENBURG DO ARQUITECTO HERMAN HERTZBERGER, UTRECHT, 1978 (HERTZBERGER, HERMAN; <i>LIÇÕES DE ARQUITECTURA</i> , SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2006, PÁG. 198) .....	42
<b>FIG. 25</b>   RELAÇÃO VISUAL COM O QUE ACONTECE NO ESPAÇO INTERIOR DO CENTRO MUSICAL VREDENBURG (HERTZBERGER, HERMAN; LESSONS FOR STUDENTS IN ARCHITECTURE, ROTERDÃO, 1991, 010 PUBLISHERS, PÁG. 210).....	42
<b>FIG. 26</b>   CORTE DO PROJETO DA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA – O VAZIO POSSIBILITA O CONTROLO VISUAL DO ESPAÇO POR PARTE DOS RESIDENTES, PODENDO DESPERTAR INTERESSE EM INTERAGIR COM O OUTRO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR).....	42
<b>FIG. 27</b>   OS SENTIDOS E A COMUNICAÇÃO – O ESPAÇO PODE PROMOVER OU EVITAR O CONTATO (GEHL, JAN; LIFE BETWEEN BUILDINGS – USING PUBLIC SPACE, THE DANISH ARCHITECTURAL PRESS, COPENHAGA, 2010, PÁG. 62) .....	44
<b>FIG. 28</b>   SALA DE ESTAR COM O SOFÁ CONTRA A JANELA, CASAWERKBUNDSIEDLUNG, VIENA 1930, ADOLF LOOS (COLOMINA, BEATRIZ; <i>PRIVACY AND PUBLICITY</i> , MIT PRESS, MASSACHUSETTS, 1994, PÁG. 236) .....	45
<b>FIG. 29</b>   A SALA DE ESTAR POSSIBILITA RELAÇÃO VISUAL COM O PÁTIO, VILLA SAVOYE, POISSY, 1929, LE CORBUSIER (COLOMINA, BEATRIZ; <i>PRIVACY AND PUBLICITY</i> , MIT PRESS, MASSACHUSETTS, 1994, PÁG. 284) .....	45
<b>FIG. 30</b>   REFLEXÃO SOBRE ABERTURA E A OPORTUNIDADE DE EXPANSÃO DO ESPAÇO INTERIOR PARA O EXTERIOR CONTÍGUO NO CASO PRÁTICO DESENVOLVIDO – VER EM ANEXO II (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR).....	46
<b>FIG. 31</b>   REFLEXÃO SOBRE A EXPANSÃO E PROMOÇÃO DO CONTATO NO CASO PRÁTICO DESENVOLVIDO – VER EM ANEXO II (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	46
<b>FIG. 32</b>   CORREDORES DO LAR DE IDOSOS DE DRIE HOVEN (HERTZBERGER, HERMAN; <i>LIÇÕES DE ARQUITECTURA</i> , SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2006, PÁG. 198) .....	47

<b>FIG. 33  </b> ESPAÇOS INTERMÉDIOS NA RUA DE CONVIVÊNCIA (HERTZBERGER, HERMAN; <i>LIÇÕES DE ARQUITECTURA</i> , SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2006, PÁG. 198) .....	47
<b>FIG. 34  </b> ESPAÇOS PRIVADOS, ANTECÂMARAS E ESPAÇOS DE DISTRIBUIÇÃO (MAQUETE DO AUTOR) .....	48
<b>FIG. 35  </b> PLANTA DO DE QUARTO DUPLO E INDIVIDUAL, PLANTA ESQUEMÁTICA DE ZONAS E FUNÇÕES E PLANTA DE PERCURSOS DESDE O ESPAÇO COLETIVO PARA O PRIVADO E POSSIBILIDADE DE ENCONTRO ESPONTÂNEO (REGISTOS GRÁFICOS DO AUTOR) .....	49
<b>FIG. 36  </b> PERSPETIVAS SEQUENCIAIS DO PERCURSO DESDE O ESPAÇO COLETIVO DE DISTRIBUIÇÃO ATÉ AO QUARTO DUPLO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	49
<b>FIG. 37  </b> CORTE PERSPÉTICO DE UM QUARTO INDIVIDUAL E DUPLO, E DO CORREDOR (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	49
<b>FIG. 38  </b> PÁTIO DA RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES ( <a href="http://archdaily.com/141892/student-residence-in-paris-architecture/lan_rivp-rcsidence-etudiante/">HTTP://ARCHDAILY.COM/141892/STUDENT-RESIDENCE-IN-PARIS-LAN- ARCHITECTURE/LAN_RIVP-RCSIDENCE-ETUDIANTE/</a> ).....	50
<b>FIG. 39  </b> PLANTA DO PISO TÉRREO DA RESIDÊNCIA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	51
<b>FIG. 40  </b> PLANTAS ESQUEMÁTICAS DE DISTRIBUIÇÃO HORIZONTAL E ACESSIBILIDADE À SALA COMUM (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	51
<b>FIG. 41  </b> POSSIBILIDADES DE ACESSO À SALA COMUM (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	51
<b>FIG. 42  </b> SALA DE ATIVIDADES DA RESIDÊNCIA ( <a href="http://archdaily.com/278319/harbonnieres-residential-chartier-dalix-architects/506a28c028ba0d11ee000081_harbonnieres-residential-chartier-dalix-architects_chartierdalix_hrb_vue_d_une_salle_de_jour_l-boegly-jpg/">HTTP://ARCHDAILY.COM/278319/HARBONNIERES-RESIDENTIAL-CHARTIER-DALIX- ARCHITECTS/506A28C028BA0D11EE000081_HARBONNIERES-RESIDENTIAL- CHARTIER-DALIX- ARCHITECTS_CHARTIERDALIX_HRB_VUE_D_UNE_SALLE_DE_JOUR_L-BOEGLY-JPG/</a> ) .....	52
<b>FIG. 43  </b> RELAÇÃO VISUAL PERMITE O CONTROLO DO QUE ESTÁ A ACONTECER NO PÁTIO ( <a href="http://archdaily.com/278319/harbonnieres-residential-chartier-dalix-architects/506a292428ba0d11ee000087_harbonnieres-residential-chartier-dalix-architects_chartierdalix_hrb_vue_du_patio_depuis_les_circulations_l-boegly-jpg/">HTTP://ARCHDAILY.COM/278319/HARBONNIERES-RESIDENTIAL-CHARTIER-DALIX- ARCHITECTS/506A292428BA0D11EE000087_HARBONNIERES-RESIDENTIAL- CHARTIER-DALIX- ARCHITECTS_CHARTIERDALIX_HRB_VUE_DU_PATIO_DEPUIS_LES_CIRCULATIONS_L- BOEGLY-JPG/</a> ) .....	52
<b>FIG. 44  </b> PLANTA DO PISO TÉRREO DA RESIDÊNCIA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	52
<b>FIG. 45  </b> PLANTAS ESQUEMÁTICAS DO SISTEMA DE DISTRIBUIÇÃO E RESTANTES ESPAÇOS COLETIVOS (REGISTOS GRÁFICOS DO AUTOR).....	53
<b>FIG. 46  </b> CORTE MOSTRANDO A CONEXÃO DAS SALAS DE ATIVIDADES COM O PÁTIO CENTRAL (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	53
<b>FIG. 47  </b> PLANTA DE PISO DE UM BLOCO DA RESIDÊNCIA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) ..	54
<b>FIG. 48  </b> PERSPETIVA MOSTRANDO A ABERTURA DOS ESPAÇOS DE CONVÍVIO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR).....	54
<b>FIG. 49  </b> PLANTA DE PISO ESQUEMÁTICA MOSTRANDO A ABERTURA DO ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO PARA ESPAÇOS COLETIVOS DE ESTADIA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	54
<b>FIG. 50  </b> PLANTA DO CASO PRÁTICO À COTA 68.30 MOSTRANDO ABERTURA DOS ESPAÇOS COLETIVOS CONTÍNUOS INTERIORES (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR).....	56
<b>FIG. 51  </b> PLANTA PROGRAMÁTICA DE PISO À COTA 75.30 – LEGENDA: CINZENTO CLARO- QUARTOS INDIVIDUAIS, CINZENTO ESCURO-QUARTOS DUPLOS, AZUL-COZINHAS, PRETO-ACESSOS VERTICAIS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	56

<b>FIG. 52   PLANTAS ESQUEMÁTICAS MOSTRANDO RELAÇÃO ENTRE EDIFÍCIO E ESPAÇOS EXTERIORES CONTÍGUOS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>56</b>
<b>FIG. 53   CORTE DO HALL DE ENTRADA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>57</b>
<b>FIG. 54   CORTES MOSTRANDO A ABERTURA E RELAÇÕES VISUAIS NO ESPAÇO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>57</b>
<b>FIG. 55   SALA DE ESTAR DE ERDMAN HALL (<a href="http://flickr.com/photos/regulusalpha/galleries/72157626583327675">HTTP://FLICKR.COM/PHOTOS/REGULUSALPHA/GALLERIES/72157626583327675</a>) .....</b>	<b>58</b>
<b>FIG. 56   PLANTA DO PISO TÉRREO — ESPAÇOS COLETIVOS COMO VAZIOS CENTRAIS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>58</b>
<b>FIG. 57   OS VAZIOS NOS ESPAÇOS COLETIVOS DO PISO TÉRREO PERMITEM CONTROLO VISUAL DESDE OS PISOS SUPERIORES (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>59</b>
<b>FIG. 58   PERSPETIVA MOSTRANDO OS VAZIOS DOS ESPAÇOS DE DISTRIBUIÇÃO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>59</b>
<b>FIG. 59   PERSPETIVA DO VAZIO JUNTO À COZINHA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>59</b>
<b>FIG. 60   PLANTAS MOSTRANDO A LOCALIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL CENTRAL DA COZINHA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>60</b>
<b>FIG. 61   PLANTA DE IMPLANTAÇÃO — LOCALIZAÇÃO DAS COZINHAS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>61</b>
<b>FIG. 62   PLANTA DO PRIMEIRO PISO MOSTRANDO O ENCERRAMENTO DA COZINHA FACE AO ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>61</b>
<b>FIG. 63   COMPOSIÇÃO DE PLANTA DO PRIMEIRO PISO E DO PISO TÉRREO, MOSTRANDO OS ESPAÇOS DE REFEIÇÕES RÁPIDAS E COZINHA, RESPETIVAMENTE (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>61</b>
<b>FIG. 64   PLANTA PARCIAL DO CASO PRÁTICO À COTA 71.80 MOSTRANDO A RELAÇÃO DA COZINHA COM O VAZIO E O ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO HORIZONTAL (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>63</b>
<b>FIG. 65   ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA COZINHA SEGUNDO ORDEM DE PREPARAÇÃO DAS REFEIÇÕES (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>63</b>
<b>FIG. 66   CORTES DA VARANDA E DA COZINHA MOSTRANDO A POSSIBILIDADE DE VISTA PANORÂMICA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>63</b>
<b>FIG. 67   PERSPETIVA DA RELAÇÃO VISUAL ENTRE O ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO E A COZINHA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>63</b>
<b>FIG. 68   PERSPETIVA INTERIOR DA COZINHA — BANCADA DE REFEIÇÕES (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>63</b>
<b>FIG. 69   PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DA PROPOSTA URBANA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>65</b>
<b>FIG. 70   IMPLANTAÇÃO DE UMA PROPOSTA PRECEDENTE — PROCESSO EVOLUTIVO DE PROJETO (MAQUETE DO AUTOR) .....</b>	<b>66</b>
<b>FIG. 71   PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>67</b>
<b>FIG. 72   PLANTA ESQUEMÁTICA DO CONCEITO — DUAS ZONAS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>67</b>
<b>FIG. 73   PLANTA ESQUEMÁTICA DO SISTEMA DE ACESSIBILIDADES — EIXOS VIÁRIOS E PEDONAIS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>67</b>
<b>FIG. 74   PLANTA ESQUEMÁTICA DO SISTEMA DE VISTAS (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) ..</b>	<b>67</b>
<b>FIG. 75   CORTE NORTE-SUL DA PROPOSTA URBANA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>68</b>
<b>FIG. 76   CORTE ESTE-OESTE DA PROPOSTA URBANA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....</b>	<b>68</b>

<b>FIG. 77  </b> PERSPETIVA DESDE O PROMONTÓRIO PARA SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR).....	68
<b>FIG. 78  </b> PERSPETIVA DO ACESSO VIÁRIO EM FRENTE À RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA COM VISTA PANORÂMICA DE LISBOA COMO FUNDO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR).....	68
<b>FIG. 79  </b> REFLEXÕES SOBRE A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA - VER EM ANEXO II (REGISTOS GRÁFICOS DO AUTOR) .....	69
<b>FIG. 80  </b> IMPLANTAÇÃO DA RESIDÊNCIA (MAQUETE DO AUTOR, ESCALA 1/500) .....	69
<b>FIG. 81  </b> ESTUDOS DO EDIFÍCIO QUANTO A ESTRUTURA, FORMA E MATERIALIDADE (MAQUETES DO AUTOR, ESCALA 1/500) .....	69
<b>FIG. 82  </b> PERSPETIVA DO PÁTIO INTERIOR - VER EM ANEXO II (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	70
<b>FIG. 83  </b> PERSPETIVA DA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA MOSTRANDO OS ACESSOS - VER EM ANEXO II (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	70
<b>FIG. 84  </b> PERSPETIVA DA ENTRADA PRINCIPAL DA RESIDÊNCIA (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	70
<b>FIG. 85  </b> PERSPETIVAS DO ACESSO SECUNDÁRIO JUNTO AO APARTAMENTO DO FUNCIONÁRIO INTERNO (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR) .....	70
<b>FIG. 86  </b> REFLEXÕES SOBRE MATERIALIDADE - VER EM ANEXO II (REGISTOS GRÁFICOS DO AUTOR) .....	71
<b>FIG. 87  </b> ESTUDOS DE ALÇADOS DA FRENTE-RUA (REGISTOS GRÁFICOS DO AUTOR).....	71
<b>FIG. 88  </b> PERSPETIVA DO PÁTIO MOSTRANDO A MATERIALIDADE EM AZULEJO E A DOMINÂNCIA HORIZONTAL PELAS BANDAS DE LIOZ (REGISTO GRÁFICO DO AUTOR)..	71
<b>FIG. 89  </b> A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA – MAQUETE FINAL (MAQUETE DO AUTOR, ESCALA 1/100).....	72
<b>FIG. 90  </b> ESPACIALIDADES INTERIORES – MAQUETE FINAL (MAQUETE DO AUTOR, ESCALA 1/100).....	72



## **INTRODUÇÃO**

### **Tema**

O presente trabalho aborda o espaço coletivo na habitação como objeto de estudo, procurando investigar a sua capacidade de incentivar o contato social numa sociedade movida cada vez mais pelo isolamento social.

No desenvolvimento de uma sociedade em constante transformação, o discurso arquitetônico tem sido direcionado para a valorização do espaço individual e privado, em detrimento do coletivo.

Decorrente da evolução da habitação em direção à compartimentação espacial, e em paralelo com a pretensão de maior privacidade no habitar, evidencia-se o individualismo e o isolamento. A habitação revela-se um território central para a expressão da identidade individual e coletiva do homem, e estrutura basilar do seu cotidiano. Em confluência com esta condição, impõe-se o comportamento e modo de habitar contemporâneo, que importa compreender.

Numa habitação coletiva como uma residência universitária, os espaços coletivos assumem um papel importante no estabelecimento de um sentido de comunidade, para os seus residentes. Distinguem-se como potenciadores de relações sociais, aproximando a comunidade-residente. No entanto, esta oportunidade nem sempre existe, dependendo do papel que ocupam na estrutura da habitação e da forma como se oferecem ao usufruto pela comunidade-residente.

### **Objetivos**

Pretende-se refletir sobre o espaço coletivo como criador de oportunidades para o encontro e o convívio, promovendo a interação

social: a sua organização, a sua forma e qualificação, e as relações que estabelece com o restante sistema estrutural e espacial do edifício.

Este objetivo passa por repensar o espaço coletivo como integrante e integrador do sistema que é a residência universitária, que se revela importante na definição da identidade do indivíduo e na criação de um sentido de coletividade para a comunidade-residente.

Procura-se atribuir ao indivíduo a possibilidade de apropriação do espaço numa lógica de proporcionar o preenchimento das necessidades pessoais e sociais do residente no habitar contemporâneo. Sem descorar, ainda assim, o compromisso de preservação do privado face ao espaço público/coletivo.

Debatem-se estratégias de projeto a utilizar na criação destes espaços, proporcionando o convite ao contato social. Mas, antes do enfoque ser o próprio espaço, é indispensável repensar as conexões que este pode estabelecer com os espaços comunicantes dentro da residência. Se o objetivo é acolher o residente, é necessário pensar que os limites deste espaço podem ser relevantes no convite à sua apropriação espontânea. Com esse objetivo em vista, exploram-se aspetos como a sua abertura e encerramento, tentando compreender como maximizar as possibilidades de apropriação, e deste modo, aumentar o potencial de socialização entre os residentes. No que se refere à abertura dos seus limites, investiga-se como o controlo visual pode ser importante para a apropriação espacial e para a promoção do contato social espontâneo.

Mesmo que se incida mais assertivamente sobre o espaço interior, a residência compromete-se na relação com o exterior contíguo, podendo este também apresentar-se como catalisador para a coesão social da comunidade.



## **Pertinência do Tema**

Pensar sobre o espaço coletivo e a sua dimensão social remete-nos para a necessidade que a arquitetura contemporânea enfrenta hoje de incentivar a integração social. Embora se possa conhecer as implicações sociais – de inibir ou estimular o contato – que a arquitetura pode ter numa comunidade, torna-se importante compreender de que forma é que o espaço e as estratégias de projeto utilizadas podem ser operativos nesse estímulo.

Num tempo de rápidas transformações da sociedade, o desafio de estabelecer relações com o outro torna-se maior. Em oposição à tendência da sociedade contemporânea para o individualismo e isolamento social, torna-se extremamente pertinente providenciar oportunidades de contato nas quais o homem se pode encontrar a si mesmo, promovendo-se uma maior união e coesão social.

Sendo a arquitetura concebida para o ser humano, revela-se assim importante que a investigação recaia sobre a promoção da sua integração social. A investigação deve contribuir para as suas boas práticas, promovendo a criação de um ambiente com o qual o homem se possa identificar.

## **Metodologia e Estrutura**

O método que enquadra o presente trabalho baseou-se primeiramente na contextualização do tema por meio de uma revisão bibliográfica dos principais conceitos estruturantes operativos, abordando também a sua dimensão histórica e social. Posteriormente, estudaram-se casos práticos de natureza pragmática e complexidade semelhantes às do caso prático desenvolvido ao longo do trabalho.

O desenvolvimento do trabalho de projeto acompanhou a investigação teórica, levantando-se questões às quais se procuram

responder. Este processo operativo, entre projeto e investigação, definiu o desenvolvimento do trabalho

O trabalho organiza-se em quatro momentos.

O primeiro foca a residência e o residente, numa perspetiva de *Indivíduo, Coletivo e Comunidade*. Antes de incidir sobre a importância do coletivo e da comunidade, reflete-se sobre a privacidade como realidade complementar e necessária. De seguida, aborda-se o residente universitário e o seu quotidiano.

O segundo momento aproxima-se da temática da apropriação do espaço coletivo, abordando a importância que esta pode exercer no despoletar da interação social entre os membros da comunidade-residente. Procura-se evitar o pensamento redutor do espaço ser a única resposta para a questão colocada, direcionando-se a investigação para a ideia de que o espaço coletivo é apropriado e acolhe a possibilidade de contato social também na relação que estabelece com os espaços comunicantes, tal como já foi referido. Neste sentido, aborda-se o caráter de abertura e encerramento do espaço coletivo como possível resposta operativa no caso prático.

Num terceiro momento, recorre-se à busca de instrumentos operativos no caso prático através de uma investigação crítica de casos de estudo. Estabelecem-se certos pontos de análise que despertaram interesse ao longo do trabalho.

O quarto, e último momento, constitui a fundamentação do caso prático de projeto desenvolvido: apresenta-se o contexto da intervenção, a estratégia ao nível da intervenção urbana e, finalmente descreve-se a proposta arquitetónica da residência de estudantes.

Os desenhos apresentados ao longo do documento, são registos executados no desenvolvimento do processo de investigação, que por vezes podem não coincidir com os resultados finais. A investigação centrou-se fortemente na busca através do desenho.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A Dimensão Social da Arquitetura

*“A arquitetura não é uma ‘arte social’ simplesmente porque os edifícios são importantes símbolos visuais da sociedade, mas também porque, a partir das maneiras pelas quais os edifícios, individualmente ou coletivamente, criam e ordenam o espaço, somos capazes de reconhecer a sociedade: que esta existe e tem uma determinada forma.”<sup>1</sup>*

Hillier e Hanson, em *The Social Logic of Space*, deixam a descoberto a inquietação quanto às consequências sociais que advêm das decisões arquitetônicas sobre a forma e a organização espacial, pois esta é, de certa forma, produto da estrutura social. A arquitetura estabelece uma relação direta com a vida social, criando condições para o movimento, o encontro e o impedimento. A arquitetura pode ser geradora de relações sociais. Os autores constatarem que a evolução das sociedades levou a profundas mudanças do ambiente espacial.<sup>2</sup>

Nesta evolução, *“(...) a sociedade é geradora da arquitetura. A ordem de necessidades práticas é naquela determinante; o útil, em arquitetura, supõe a habitabilidade individual, familiar e tribal, mas também a do grupo organizado, (...)”<sup>3</sup>*.

Hertzberger, em *Lições de Arquitetura*, afirma que *“Tudo o que um arquiteto faz ou deliberadamente deixa de fazer – a maneira como ele se preocupa com a abertura e o isolamento – sempre influencia, intencionalmente ou não, as formas mais elementares das relações sociais.”<sup>4</sup>*. Não só a dimensão social se torna fulcral na compreensão da relação entre arquitetura, espaço e coletividade, como também exerce um maior peso na concepção arquitetônica, face ao comportamento do homem contemporâneo e ao individualismo a

---

<sup>1</sup> HILLIER, Bill; HANSON, Julienne; *The Social Logic of Space*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, Pág. 2 (tradução livre do autor)

<sup>2</sup> Idem, Pág. 27

<sup>3</sup> MADEIRA RODRIGUES, Maria; *O que é Arquitetura*, Lisboa, Quimera, 2002, Pág. 33

<sup>4</sup> HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitetura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 214

que se assiste. O homem recusa o coletivismo. O autor disserta sobre o facto de este ser “(...) a última barreira que o homem construiu para evitar o encontro consigo mesmo”<sup>5</sup>. Nesta reflexão, o autor pretende expressar que nem o individualismo, nem o coletivismo apreendem a humanidade como um todo. É no contato e na interação com a coletividade que o homem pode aceder à identidade do coletivo, que lhe mostra a identidade individual, pois uma pressupõe a outra. Assim, os espaços coletivos e individuais reconciliam-se neste compromisso de conferir identidade aos usuários, aquando da interação social e da apropriação paralela dos espaços. Hertzberger conclui que o individual e o coletivo se reconciliam na medida em que a estrutura representa o coletivo, sendo esta só interpretada através das exigências individuais.<sup>6</sup> Para o autor, “(...), toda a intervenção nos ambientes das pessoas, seja qual for o objetivo específico do arquiteto, tem uma implicação social.”<sup>7</sup>

Sendo o espaço coletivo transportador desta dimensão social da arquitetura e, tendo em conta que a organização do espaço influenciará em certo grau o comportamento dos seus usuários, impõe-se a necessidade de pensá-lo.

Norberg-Schulz, em *Intentions in Architecture*, aproxima-se da componente social do edifício quando afirma que este é uma expressão de uma coletividade. O edifício participa de forma reguladora na interação humana, pois pode distanciar ou aproximar os seres humanos. O autor afirma que um ‘milieu’<sup>8</sup> é caracterizado pelas possibilidades para a vida social.

---

<sup>5</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 13

<sup>6</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 91

<sup>7</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 174

<sup>8</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian; *Intentions in Architecture*, Massachusetts, The MIT Press, 1992, Pág. 119

*“Quando usamos a palavra 'possibilidades', queremos apontar para o fato de que a nossa experiência do meio não é apenas uma função do que realmente fazer, mas ainda mais do que poderíamos fazer, se quiséssemos.”*<sup>9</sup>

Uma vez que a habitação coletiva para estudantes universitários, é o enquadramento do nosso objeto de estudo, interessa-nos sublinhar o quão importante se revelam os espaços coletivos no quotidiano dos residentes e nesta estrutura. A residência universitária concentra igualmente a necessidade de privacidade e escolha pelo isolamento, mas dela espera-se também um sistema que proporcione possibilidades de estabelecer relações, de convívio, de travamento de conhecimentos e de troca de experiências entre os residentes.

Coloca-se assim a questão: compreendendo o papel do espaço coletivo na interação social e na identidade desta comunidade-alvo, de que forma é que a arquitetura se pode posicionar face à exigência de que temos vindo a falar, de proporcionar possibilidades de contato e interação social?

Para que a arquitetura cumpra esta missão, é necessário que o homem recorra, paralelamente à necessidade de interação social ou assaltado pela sua possibilidade convertida no contato espontâneo, ao uso do espaço. O uso do espaço coletivo só será ativado pela apropriação deste por parte do homem. E esta só acontecerá se o espaço oferecer oportunidades de apropriação, ou seja, a possibilidade para que o usuário exerça controlo sobre este. A apropriação ativa a identidade do lugar. Assim, aproximamo-nos do conceito de territorialidade que tanto explora Muga, em *Psicologia da Arquitetura*. Moles (1976), apresenta a territorialidade como estando estreitamente associada à apropriação do espaço: a

---

<sup>9</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, Op. Cit., Pág. 119 (tradução livre do autor)

apropriação é um processo complexo baseado na noção de “*identidade do lugar*”, na construção dos locais “*aos quais me fixo*”.<sup>10</sup>

Posto isto, debruçemo-nos sobre o esclarecimento da operatividade do conceito de territorialidade no contacto social e na identidade do coletivo. Muga, citando Holahan (1982) e Fisher (1984), afirma que:

*“(…), a territorialidade desempenha três importantes funções psicossociais: gestão das atividades diárias, desenvolvimento da organização social e desenvolvimento da identidade pessoal e grupal.”*<sup>11</sup>

A territorialidade, associada à apropriação do espaço, é crucial na definição da identidade coletiva<sup>12</sup>, oferece-nos ainda a função psicossocial de desenvolver e manter a organização social. É no seguimento desta linha de raciocínio, na partilha do espaço coletivo decorrente da apropriação coletiva do mesmo, e no contacto coletivo, que surge uma possibilidade de resposta à problemática inicial.

A arquitetura assume uma responsabilidade acrescida na conceção do espaço e da sua apropriação, em paralelo às crescentes necessidades sociais e físicas do modo de habitar contemporâneo.

## **O Espaço Coletivo e a Casa**

O modo de habitar, ao longo dos tempos, revelou-se sempre como reflexo do homem, em constante transformação. Os tempos contemporâneos têm sido agentes aceleradores desta transformação, pelo que se torna crucial repensar, em cada momento, o habitar.

---

<sup>10</sup> Moles in MUGA, Henrique; *Psicologia da Arquitectura*, Canelas, Edições Gailivro, 2005, Pág. 127

<sup>11</sup> Holahan e Fisher in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 131

<sup>12</sup> MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 131

Heidegger reflete que o homem é na medida em que habita. E fá-lo ao transpor-nos para a modesta cabana na Floresta Negra<sup>13</sup>. A “habitação é o próprio ser do homem”<sup>14</sup> e, sendo que este se revê na evolução do modo de habitar na casa, concluíamos que esta é o paradigma da habitação. A Casa é onde se admite encontrar a identidade do homem, pois “tomar posse de uma casa é tomar posse dum mundo carregado de memórias de política, de pensamento, de símbolos, de envios.”<sup>15</sup>

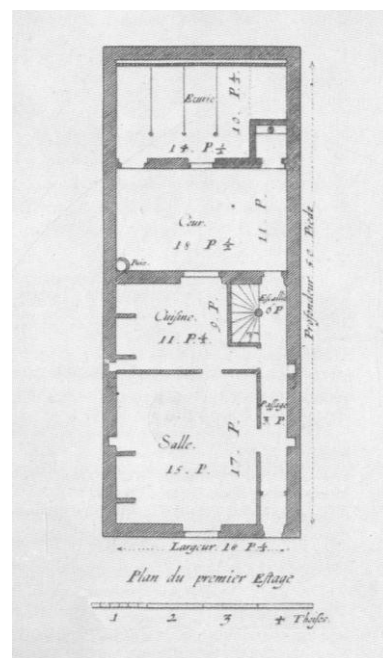
A evolução do modo de habitar pode ser constatada quando se assiste à compartimentação espacial da casa, que acontece face à necessidade que o homem tem de diferenciar espaço coletivo de espaço individual, ao longo dos últimos tempos.

Até ao século XVIII, as casas europeias não dispunham de divisões com funções fixas. Ou seja, até então não havia espaços privados ou especializados, caracterizando-se por serem espaços muito versáteis. É no século XIX que surge uma maior compartimentação espacial da casa a favor da necessidade de privacidade e de atribuição de funções específicas a cada espaço.<sup>16</sup> Assim, o espaço coletivo, termo que, de certa forma, caracterizava a maioria dos espaços da casa, começa a revelar e a ganhar uma dimensão importante quanto à identidade do coletivo – dimensão social – e à identidade do indivíduo. Uma pressupõe a outra.

A progressiva compartimentação espacial e criação de espaços privados, ocorre em paralelo a uma sentida necessidade de individualidade e isolamento social. Os espaços coletivos assumem-se, não estrita e necessariamente como espaços de convívio, mas como espaços que podem potenciar o contato mais coletivo.



**Fig. 1 |** Fotografia de Digne Meller-Marcovicz. La cabaña de Heidegger: Un espacio para pensar. Cortesía editorial Gustavo Gili.  
(<http://fronterad.com/?q=cabana-filosofo&page=&pagina=1>)



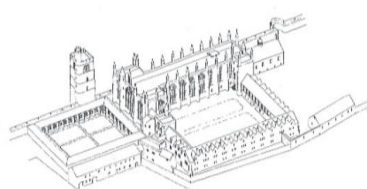
**Fig. 2 |** Planta do piso térreo – Projeto em Paris, 1647 (CAMESASCA, Ettore, Historia de La Casa, Editorial Noguer, S.A., Barcelona, 1971, Pág. 152)

<sup>13</sup> HIGINO, Nuno; Álvaro Siza. *Desenhar a Hospitalidade*, Matosinhos, Casa da Arquitectura, 2012, Pág. 49

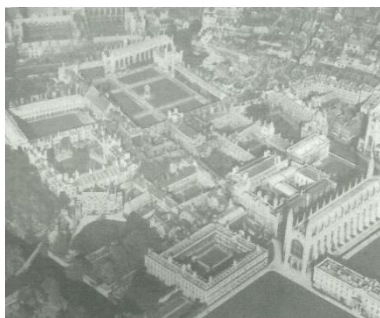
<sup>14</sup> HIGINO, Nuno, Op. Cit., Pág. 49

<sup>15</sup> HIGINO, Nuno, Op. Cit., Pág. 49

<sup>16</sup> MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 148



**Fig. 3 |** O Novo 'College' de Oxford, 1379 (THOMSEN, Judith; *Student Housing – Student Homes? Aspects of Student Housing Satisfaction*, Trondheim, NTNU, 2008, Pág. 37)



**Fig. 4 |** 'Colleges' de Cambridge (MULLINS, William; *Student Housing: Architectural and Social Aspects*, Minnesota, Praeger, 1971, Pág. 19)

## A Residência Universitária

Thomsen, em *Student Housing – Student Homes?*, procura compreender as origens e a evolução da residência universitária, através de um breve reconhecimento da sua história, à escala internacional. Faz referência às '*nations*', aos '*colleges*', aos '*campus*' e aos '*halls*'. A autora faz referência ao sistema organizador dos '*colleges*'. Aqui combinava-se a integração do ensino, o interesse pela disciplina e o alojamento. A instituição assumia uma responsabilidade pela educação adequada ao indivíduo em vez dos pais – "*in loco parentis*"<sup>17</sup>. É pertinente fazer referência ao '*College*', pois a típica estrutura que caracteriza estas instituições é inspirada no princípio organizador do claustro e na estrutura quadrangular, isolando a comunidade-residente do mundo exterior. Obtém-se um maior sentido de segurança e estimula-se a integração social.

*"Este é um bom exemplo de como a organização espacial é uma forma de estruturar as relações sociais dos seus usuários."*<sup>18</sup>

Embora a abordagem destes modelos seja importante para o nosso enquadramento mais geral, é necessário focar aquele que é o nosso enquadramento mais particular – um alojamento coletivo para estudantes universitários em Portugal.

A realidade do alojamento para estudantes universitários no âmbito português é relativamente recente. Luís Paulo Sousa, em *Repúblicas de Coimbra*<sup>19</sup>, reporta-se para o panorama mais evidenciado, o sistema de alojamento estudantil das repúblicas de Coimbra.

O conceito de República surge no início do século XIX e caracteriza-se por acolher a vida em comunidade. É gerida pelos que aqui convivem e é independente de qualquer organização ou instituição externa.

<sup>17</sup> Aldmen in THOMSEN, Judith; *Student Housing – Student Homes? Aspects of Student Housing Satisfaction*, Trondheim, NTNU, 2008, Pág. 36

<sup>18</sup> THOMSEN, Judith, Op. Cit. Pág. 36 (tradução livre do autor)

<sup>19</sup> SOUSA, Luís Paulo; *Repúblicas de Coimbra: o Alojamento Estudantil de que Portugal Precisa*, *Jornal Arquitectos*, nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos

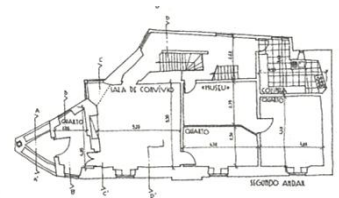


Exprime-se como local propício à interação entre residentes, como promotora de criação de laços intergeracionais, inter-regionais e interdisciplinares. Decorrente dos laços que se podem gerar, e para completar esta ideia de “segunda família”<sup>20</sup>, uma empregada interna de meia idade fica responsável pela gestão, arrumação e pelas refeições, criando uma relação maternal com os estudantes residentes e contribuindo para a coesão e o sentimento de pertença à comunidade. Na residência combate-se o individualismo e potencia-se ainda mais a interação social.

Segundo Neves<sup>21</sup>, em *A República do Prá-Kys-Tão*, na década de 60, surgiram ensaios nos quais o acesso a qualquer compartimento da habitação teria que ser feito pela sala, o espaço social por excelência. A crescente compartimentação da habitação, em paralelo à maior pretensão pelo individualismo, levou à rejeição de tais modelos<sup>22</sup>. Assiste-se ao isolamento. Como exemplo contrário, podemos indicar a República do Prá-Kys-Tão, em Coimbra, na qual se verifica que cada residente, ao dirigir-se para o seu quarto, passará pelos espaços sociais da casa. Este é um elemento positivo de socialização, pois há um convite à interação social e integração grupal. O autor afirma que “a experiência de pertença à República, não só ensina a viver em comunidade, como também se mostra um contributo importante para aprender a habitar”<sup>23</sup>. Este aspeto suscita a pertinência de fazer referência à abertura e encerramento dos espaços coletivos, tema que abordaremos mais à frente.



**Fig. 5 |** República do Prá-Kys-Tão - Casa da Nau, Foto GSN (NEVES, Gonçalo Seça; *A República do Prá-Kys-Tão*, Jornal Arquitectos", nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Pág. 29)



**Fig. 6 |** Casa da Nau, planta do segundo Andar, 1530, GSN (NEVES, Gonçalo Seça; *A República do Prá-Kys-Tão*, Jornal Arquitectos", nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Pág. 29)

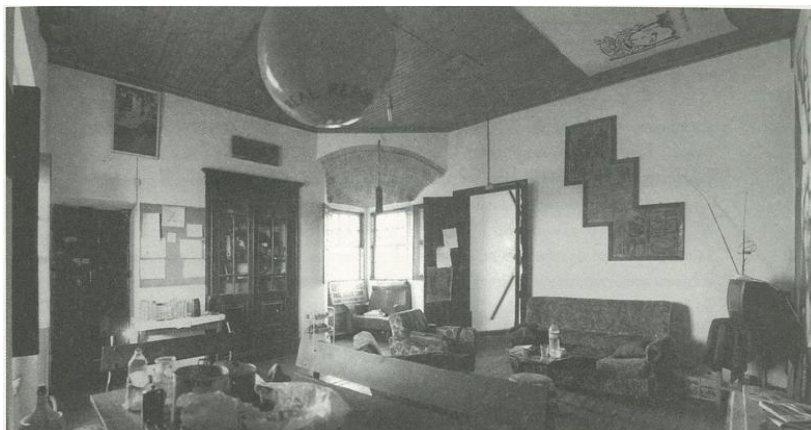
---

<sup>20</sup> NEVES, Gonçalo Seça; *A República do Prá-Kys-Tão*, Jornal Arquitectos", nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Pág. 27

<sup>21</sup> NEVES, Gonçalo Seça, Op. Cit., Pág. 29

<sup>22</sup> NEVES, Gonçalo Seça, Op. Cit., Pág. 29

<sup>23</sup> NEVES, Gonçalo Seça, Op. Cit., Pág. 31



**Fig. 7 |** Sala de convívio da República do Prá-Kys-Tão, Foto GSN (NEVES, Gonçalo Seica; A República do Prá-Kys-Tão, *Jornal Arquitectos*", nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Pág. 31)

De acordo com Sousa<sup>24</sup>, do ponto de vista da razoabilidade económica do investimento por parte das instituições, a solução do problema inicial do alojamento para estudantes poderia passar por alojamentos bastante maiores, ou seja, pela criação de residências universitárias. Todavia, em contrapartida, assistir-se-ia a uma diminuição do grau de coresponsabilização do estudante, dificuldade de identificação do residente com o local de alojamento, custos de manutenção elevados, etc.

Inevitavelmente, sentiu-se a necessidade de criar residências universitárias, pois a recessão económica leva a uma logística mais exigente e as residências universitárias tornam-se as "*novas repúblicas*". A grande instituição deve prezar-se, não só por alojar um maior número de estudantes, mas também pela simultânea coesão da comunidade em que se inserem, clarificando o carácter comunitário deste novo lugar. O grande exercício é otimizar infraestruturas e minorar custos de exploração e, também, manipular a relação entre social e privado, para que se evite a massificação do todo, humanizando-o e otimizando a respetiva utilização<sup>25</sup>. Embora as preocupações de Sousa sejam várias, apenas nos focaremos sobre as de índole social e identitária.

<sup>24</sup> SOUSA, Luís Paulo, Op. Cit., Pág.25

<sup>25</sup> RODEIA, João Belo; SAINT-MAURICE, Júlio De, *Incentivo à Partilha, Arquitectura e Vida* nº 18 Julho/Agosto, 2001, Lisboa, Loja da Imagem Marketing Comunicação e Gestão, Lda., Pág. 67

Com uma abordagem direcionada para a vida residencial, o cotidiano, as práticas sociais e as necessidades diárias dos residentes, Mullins, em *Student Housing: Architectural and Social Aspects*, discorre sobre a vida residencial universitária e a importância desta relação para o residente. A arquitetura pode ser responsável por fomentar ou até desencorajar formações de grupo social.<sup>26</sup> É importante fazer este reconhecimento para se apropriar o desenho do espaço à realidade que deve acolher.

---

<sup>26</sup> MULLINS, William; *Student Housing: Architectural and Social Aspects*, Minnesota, Praeger, 1971



## 1.A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA E O RESIDENTE

### 1.1. A Residência Como Território Primário

*“As inúmeras definições sobre a casa são e foram, ao longo da história da arquitetura, muito frequentes. Em todas estas definições que situam a casa como algo mais que um solo e um teto aparecem reiteradamente termos como símbolo, mito, sonho ou felicidade. Quando estas definições tentam estabelecer uma origem histórica se remetem a termos como abrigo, morada, choupana, toca ou cabana, referidas sempre à arquitetura primitiva, à arquitetura anónima ou à arquitetura popular.”<sup>27</sup>*



**Fig. 8 |** Cabanas primitivas e a origem da arquitetura segundo Chambers (GALFETTI, Gustau Gili; Não é somente uma questão de dimensões, Casas Refúgio, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002, Pág. 9)

Desde os primórdios da história da arquitetura até aos dias de hoje, o homem e o modo de habitar evoluiu. Inicialmente, desprotegido de todas as externalidades, o homem recorre à caverna na pretensão de se refugiar da natureza, dos perigos, das condições climáticas extremas, intempéries, etc. Com a evolução do modo de habitar<sup>28</sup> - aquele que se pressupõe face à sua apropriação da caverna - e o desejo de se impor à natureza, as suas exigências e necessidades revelaram-se cada vez maiores. A cabana primitiva revela-se como a primeira casa e o primeiro lar do homem, a origem e o arquétipo. A casa-refúgio nasce como a primeira expressão arquitetónica. A este respeito, Rykwert, mencionado por Galfetti, defende que o retorno às origens pressupõe inevitavelmente o processo de repensar o que se pratica atual e habitualmente<sup>29</sup>.

É nesta perspetiva que nos podemos reportar para Heidegger e a sua modesta cabana, pensando no modo de habitar que esta sugere e em que medida a habitação é a expressão do homem.

A Casa surge na história da arquitetura como conceito decorrente da evolução do conceito de abrigo. Embora enquadrada pelo suporte

---

<sup>27</sup> GALFETTI, Gustau Gili; Não é somente uma questão de dimensões, Casas Refúgio, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002, Pág. 9

<sup>28</sup> Definição do modo de habitar segundo Bernard: “a relação estabelecida por uma pessoa ou família com a sua casa, uma relação que pode ser analisada através do tempo passado na casa, do interesse que a mesma desperta nos seus moradores e sobretudo das práticas que aí são desenvolvidas” PEREIRA, Sandra Marques; Casa e mudança social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa, Lisboa, Caleidoscópio, 2010, Pág. 21

<sup>29</sup> GALFETTI, Gustau Gili, Op. Cit., Pág. 10

físico que é a arquitetura, a casa define-se pela noção de lar quando se dota o domicílio de significado. Para isto, o habitante tem que viabilizar a existência do espaço doméstico, tomando posse dele, manipulando-o e adequando-o ao seu modo de vida. O lar é a habitação individualizada, uma expressão da personalidade. Armazena memórias, desejos, medos, e é suporte de rituais, ritmos pessoais e rotinas quotidianas. Referido por Galfetti, Adolf Loos afirma:

*“O vosso lar será feito convosco, e vós com o vosso lar.”*<sup>30</sup>

A relação que o homem exprime com a casa não é só prática e funcional, mas também simbólica, pelos aspetos identitários que a caracterizam e pela sua dimensão emocional. Citando Giddens, Pereira afirma que a casa comunica *“(…) um sentimento de confiança na continuidade da autoidentidade pessoal do habitante (…)”* e *“(…) um sentido de fiabilidade das coisas e de credibilidade das pessoas.”*<sup>31</sup>.

A Casa surge no quotidiano do residente como um território primário, um território de caráter visceral na expressão da identidade individual. O indivíduo exerce controlo completo sobre esta e a sua posse é reconhecida por outros. É um território central na vida do indivíduo, passível de ser altamente personalizado, facilitar a intimidade<sup>32</sup>, o retiro e a privacidade.

#### **1.1.1.A Preservação da Privacidade**

A privacidade, potencialmente proporcionada pela Casa, expressa-se a partir da função de gerir as interações sociais, dentro desta ou mesmo na relação com o ambiente exterior, e desenvolver um sentido de identidade pessoal do residente.

---

<sup>30</sup> Loos in Galfetti, Gustau Gili ; Minha casa, meu paraíso : a construção do universo doméstico ideal, Lisboa, Blau, 1999, Pág. 7

<sup>31</sup> PEREIRA, Sandra Marques, Op. Cit., Pág. 23

<sup>32</sup> MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 129

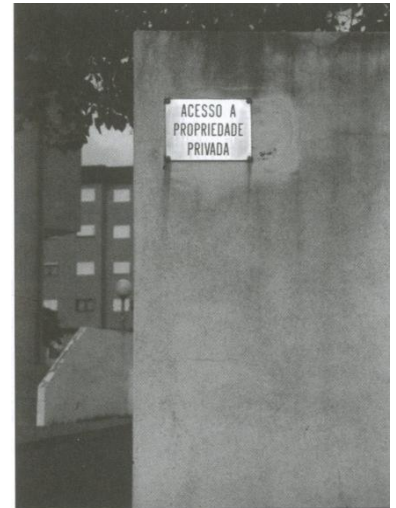
A privacidade exprime-se como gestão do contacto social. Altman, citado por Muga, afirma que *“a privacidade é o controlo seletivo do acesso a um indivíduo ou a um grupo”*<sup>33</sup>. Traduz-se no controlo das fronteiras face ao contacto que o indivíduo pretenda, com quem pretenda. Desta forma, o homem descobre como definir as próprias fronteiras pessoais, distanciando-se do outro.

É a privacidade que proporciona a possibilidade do retiro, da reflexão, da reconstrução da identidade e que atribui um sentimento de segurança ontológica.

Altman, defende ainda que a privacidade é como um processo dialético, no qual as qualidades do comportamento de *“estar aberto”* ou *“estar fechado”*<sup>34</sup> se apresentam face à interação social. O desafio deste processo assenta em atingir um nível ótimo de privacidade em que a privacidade satisfatória é aquela em que o contacto desejado equivale ao contato conseguido pelo indivíduo.

O arquiteto assume grande responsabilidade quando é confrontado com a necessidade de possibilitar este equilíbrio no quotidiano, ou seja, permitir ao residente optar pelo contacto social ou pelo isolamento, consoante a sua intenção. Assim, Altman defende a necessidade de se criar ambientes flexíveis para possibilitar este equilíbrio<sup>35</sup>. Hertzberger, em *Lições de Arquitectura*<sup>36</sup>, nesta linha de pensamento, também faz referência à criação de condições para uma grande variedade de opções, satisfazendo o desejo de maior ou menor contato com o outro.

Por excelência, a casa mostra-se ser a esfera mais privada e mais íntima na qual o homem se pode refugiar, mas o conceito de privacidade na casa que conhecemos hoje surge há relativamente pouco tempo devido à compartimentação progressiva dos espaços. Hall<sup>37</sup>, discorre sobre este tema quando afirma que até ao século XVIII os espaços domésticos europeus não tinham funções definidas e



**Fig. 9 |** Mecanismo ambiental regulador da privacidade (MUGA, Henrique; *Psicologia da Arquitectura*, Canelas, Edições Gailviro, 2005, Pág. 145)

---

<sup>33</sup> MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 142

<sup>34</sup> Hall in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 143

<sup>35</sup> Altman in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 147

<sup>36</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., 2006

<sup>37</sup> Hall in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 148

não havia espaços privados nos quais os residentes se pudessem isolar.

A casa burguesa típica na cidade, do século XIV, servia de residência e, ao mesmo tempo, de espaço de trabalho. O primeiro piso, pelo menos o espaço em contacto com a rua, era frequentemente definido como espaço de trabalho. E nele, a gente cozinhava, comia, recebia convidados e clientes, e dormia. A casa medieval era um lugar público, e não privado:

*“As casas estavam cheias de pessoas, muito mais do que hoje, e a privacidade era desconhecida. Além disso, os quartos não tinham funções especializadas, ao meio-dia se puxava o púlpito e os moradores da casa sentavam-se à mesa de jantar. Ao entardecer desmontava-se a mesa e o largo banco torna-se um sofá. À noite, aquela que agora funcionava como sala de estar, tornava-se um quarto.”*<sup>38</sup>

Rybczynski, em *La Casa: Historia de una idea*, em relação ao exemplo da casa holandesa, constata que no século XVII, à exceção da cozinha, nenhum dos espaços possuía uma função especializada. Em meados do século assiste-se à subdivisão da casa segundo o carácter de uso diurno e noturno, e em zonas formais e informais. Em média, uma casa alojava entre quatro a cinco pessoas, enquanto recebia outras que visitavam aquele que antes reunia também a função de local de trabalho, que entretanto cai em desuso.

A casa constituía-se por diversos espaços coletivos, cenários do quotidiano dos seus residentes. Os muitos artesãos convertiam-se em comerciantes ou em ricos rentistas, construindo os seus estabelecimentos independentes da casa, para os negócios. Desta forma, o carácter público que uma vez definia a casa, foi substituído pela vida caseira familiar tranquila e mais privada.<sup>39</sup>

A casa converte-se no lugar de trabalho doméstico especializado, e mais influenciado pela mulher. É agora um contexto para os atos

---

<sup>38</sup> RYBCZYNSKI, Witold, *La Casa: Historia de Una Idea*, Madrid, Editorial Nerea, 1986, Pág. 30 (tradução livre do autor)

<sup>39</sup> RYBCZYNSKI, Witold, *Op. Cit.*, Pág. 69



privados e momentos pessoais. Torna-se mais íntima devido ao controlo levado a cabo pela mulher, na limpeza, na imposição de regras e na introdução daquilo que é a domesticidade. Segundo Rybczynski, a domesticidade está relacionada *“(....) com a família, a intimidade e uma consagração da casa, bem como a sensação de que a casa incorpora esses sentimentos, e não só os de refúgio”*<sup>40</sup>. Procurava-se cada vez mais o espaço para o retiro e isolamento, o que se reflete na crescente divisão do espaço doméstico – para a privacidade.

*“As pessoas estranhas à casa entravam e saíam à vontade, enquanto as mesas ou as camas se armavam e desarmavam segundo o humor ou o apetite dos donos. A partir do século XIX a estrutura da casa mudou: as divisões adquirem uma determinada função (os nomes ingleses são bem ilustrativos – bedroom, living room, etc.), são dispostas de forma a dar para um corredor ou um hall, levando os ocupantes a deixar de atravessar várias divisões para se deslocarem dentro de casa.”*<sup>41</sup>

A Casa deixa de ser uma estrutura de espaços coletivos, desprovidos de possibilidade de privacidade, e caracterizados por um certo nível de versatilidade que seria operativa na configuração dos espaços de acordo com a intenção dos residentes. É com a crescente compartimentação, particularização funcional espacial e maior desejo de intimidade que surge o conceito de privacidade e, com ele, os termos espaciais de individual e coletivo.

*“O direito à privacidade tem se tornado no direito de permanecer “fora da fotografia”, (...)”*<sup>42</sup>

A privacidade é um *“(....) maravilhoso composto de retiro, independência, solidão, silêncio, contemplação e concentração (...)”*<sup>43</sup>. Abriga o homem do caos e da confusão através do isolamento físico. Em *Comunidad y*

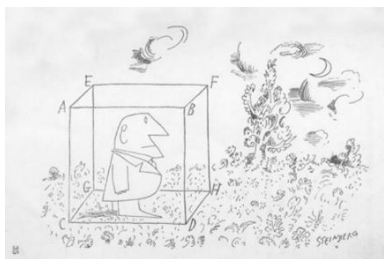
---

<sup>40</sup> RYBCZYNSKI, Witold, Op. Cit., Pág. 84 (tradução livre do autor)

<sup>41</sup> RYBCZYNSKI, Witold, Op. Cit., Pág. 148 (tradução livre do autor)

<sup>42</sup> COLOMINA, Beatriz, Privacy and Publicity, MIT Press, Massachusetts, 1994, Pág. 9 (tradução livre do autor)

<sup>43</sup> CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher, *Comunidad Y Privacidad*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1963, Pág. 33 (tradução livre do autor)



**Fig. 10 |** A busca pela privacidade (CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander, Shape of Community, 1971, Penguin Books, Middlesex, Pág. 35)

*Privacidad*, Chermayeff e Alexander criticam a sociedade do final do século XX, abordando o tema da privacidade:

*“O indivíduo precisa de barreiras para se proteger contra o som e a imagem de inumeráveis visitantes, entre os quais se encontram (...) a rádio e a televisão, trazidos por um ou outro elemento da família. A família, por sua vez, deve proteger-se contra as intrusões de todo o tipo realizadas pelos seus vizinhos imediatos; e este grupo mais amplo deve manter-se, por sua vez, firme face à caótica profusão de acontecimentos que se sucedem para além do seu domínio.”<sup>44</sup>*

Na evolução da casa pela busca de maior privacidade experimenta-se, em paralelo, um maior sentido de individualismo e isolamento social. O residente isola-se, reduzindo qualquer possibilidade de contato social com o grupo. Assim, os espaços que hoje denominamos de coletivos têm uma grande tarefa, apresentando-se não apenas como cenário diário das tarefas comuns, como também destinando-se quase estritamente à reunião grupal e ao contato social. Revelam-se como integradores da comunidade nas relações que potenciam e proporcionam, seja num contexto de uma casa unifamiliar ou numa residência universitária, como é o exemplo do caso prático.

*“Muitas das atividades do homem são de carácter social, mas em última análise estas atividades, por práticas e exteriorizadas que sejam, têm a sua fonte na privacidade.”<sup>45</sup>*

A privacidade estabelece-se na busca pela individualidade, e apresenta-se face à existência da comunidade. Segundo Chermayeff e Tzonis, a privacidade é a necessidade que é reconhecida como a oposição complementar da comunidade. Ao se maximizar o nível de interação do residente com a comunidade, oferece-se ao homem a

<sup>44</sup> CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher, Op. Cit., Pág. 75 (tradução livre do autor)

<sup>45</sup> CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher, Op. Cit., Pág. 13 (tradução livre do autor)

possibilidade de se tornar mais humano, onde e quando puder fazê-lo.

*“A evolução humana não é possível fora da entidade social da humanidade e interação coletiva do homem com o seu meio ambiente. Assim, embora um indivíduo exista temporariamente como um organismo único completo, ele pode nem sobreviver, muito menos cumprir todo o seu potencial, sem o envolvimento na ação social em todos os níveis.”<sup>46</sup>*

A residência universitária enfrenta todas estas questões, e é a arquitetura do espaço que participará na dimensão da existência e do comportamento humano. Tal como a Casa, também a residência abriga a tensão entre a individualidade e a comunidade, a individuação e a socialização, entre a independência e dependência dos outros.

*“Desvalorizamos a palavra togetherness (capacidade para estarmos juntos), mas, no entanto, não há nada de engraçado sobre o declínio na nossa própria capacidade de estarmos juntos, connosco próprios e com os outros seres vivos do planeta.”<sup>47</sup>*

Ambas, a casa unifamiliar e a residência universitária, expressam-se neste compromisso entre o indivíduo e a coletividade, embora se repare que a residência o faz a um nível particular. Neste género de habitação coletiva, o espaço coletivo deve potenciar relações de interação social entre indivíduos, numa comunidade-residente que, supostamente, não se define ‘ainda’ por laços ou relações de intimidade já existentes. Já o oposto se assiste à escala da casa unifamiliar, na qual a identidade grupal se encontra, em princípio, coesa pelos laços estabelecidos entre os seus membros.

Enquanto se pode notar uma maior individualidade e independência na comunidade-residente, é na residência universitária onde o

---

<sup>46</sup> CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander; *Shape of Community*, 1971, Penguin Books, Middlesex, Pág. 40 (tradução livre do autor)

<sup>47</sup> CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher, Op. Cit., Pág. 10 (tradução livre do autor)

desafio do espaço coletivo se mostra mais exigente. É este espaço que, fazendo parte do cotidiano dos residentes, tem a tarefa de potenciar interação social entre estranhos. Estranhos que reúnem e se inscrevem numa identidade coletiva comum, pois partilham quotidianos, espaços e modos de habitar. Partilham o habitar da residência universitária.

Ainda que se pretenda focar a coletividade e a interação social neste grande sistema que é a residência universitária, não se pode descuidar aquele que define a identidade individual – o espaço privado. Sendo assim, torna-se fundamental recorrer à configuração e relação deste com aqueles que são os espaços coletivos. É necessária uma intervenção atenta na transição entre ambos os espaços – individual/privado e coletivo.

Relativamente à hierarquia de domínios, Chermayeff e Alexander discutem a importância de se fornecer domínios especiais para todos os graus de privacidade e de vida comunitária através de uma hierarquia de elementos físicos novos - com ação recíproca - entre os espaços mais privados e os mais comunitários. Os elementos de separação revelam-se muito importantes, independentes e indispensáveis no desenvolvimento de uma hierarquia de domínios.<sup>48</sup> Mantem-se o caráter de privacidade do espaço individual, através dos espaços que se podem denominar de antecâmaras, como nos exemplos que os autores abordam.

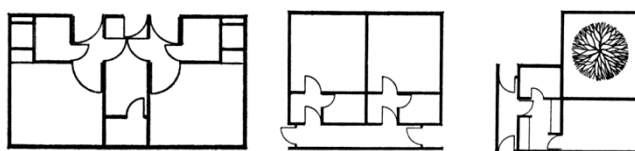


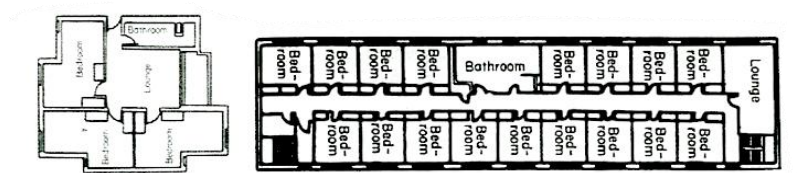
Fig. 11 | As antecâmaras como espaços-válvula (CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander, Shape of Community, 1971, Penguin Books, Middlesex, Pág. 234)

Assiste-se à mesma preocupação no desenrolar do caso prático: procura-se estabelecer um equilíbrio entre comunidade e privacidade através do desenho de articulações físicas. Recorre-se assim à

<sup>48</sup> CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher, Op. Cit., Pág. 34

antecâmara que interliga o espaço coletivo com o espaço individual. Esta protege-o e consciencializa o usuário da mudança de ambiente aquando do seu atravessamento.

Embora se pretenda uma maior coesão social através da interação entre residentes, é importante oferecer a possibilidade de retiro e privacidade. Thomsen refere a posição de Baum e Valins quanto à influência que a organização espacial pode ter nos contactos sociais entre os estudantes, nomeadamente na relação entre o espaço individual e o coletivo, nas residências universitárias. Neste estudo pode-se constatar que os residentes adotam uma postura defensiva e experimentam poucas tentativas de interação com o outro.<sup>49</sup> Relativamente a este aspeto, Robinson aponta que o problema seria a falta de gradação entre espaço público e privado<sup>50</sup>: o espaço privado abre diretamente para a área pública, uma transição demasiado direta, que evidencia a fragilidade da privacidade. O residente tem que percorrer o corredor para aceder às instalações sanitárias. Ainda, a sala de estar é segregada no final do corredor, sem funcionar como um espaço social informal do qual os residentes se poderiam apropriar de forma espontânea.



**Fig. 12** | Plantas das residências estudadas por Baum e Valins em 1977 (THOMSEN, Judith; Student Housing – Student Homes? Aspects of Student Housing Satisfaction, Trondheim, NTNU, 2008, Pág. 26)

Em síntese, o sucesso deste trabalho só será atingido pela garantia da preservação da privacidade, daí ser necessário pensar sobre a transição desde o espaço coletivo para o espaço individual e privado.

---

<sup>49</sup> Baum e Valins in THOMSEN, Op. Cit., Pág. 26

<sup>50</sup> Robinson in THOMSEN, Judith, Op. Cit., Pág. 26

### 1.1.2.A Importância do Comunitário

A crescente compartimentação do espaço doméstico no decorrer dos tempos, acontece aquando da busca da privacidade, mas ao mesmo tempo, do individualismo. Este assenta no princípio imaginário de que o homem consegue viver e ser feliz sem o contacto com o outro. O individualismo estabelece uma relação dialética com o coletivismo. Um só o é face ao outro.

Esta correlação é explorada por Hertzberger, entre privado/público e individual e coletivo. O autor discorre sobre o tipo de acessibilidade e o carácter de responsabilidade atribuída; por exemplo, o privado dispõe de uma área cujo acesso é definido por um pequeno grupo ou por um indivíduo, assumindo a responsabilidade de manutenção. Uma área pública é acessível a qualquer pessoa e a qualquer momento. Hoje, a arquitetura experimenta esta polarização definida pela interação com o outro, em que a individualidade exagerada se posiciona face à coletividade exagerada<sup>51</sup>.

*“Se, porém, o individualismo compreende apenas parte da humanidade, o coletivismo só compreende a humanidade como parte; nenhum deles apreende o todo da humanidade, a humanidade como um todo.*

*O individualismo vê a humanidade apenas na relação consigo mesmo, mas o coletivismo não vê o homem de maneira nenhum, vê apenas a ‘sociedade’.”*<sup>52</sup>

Segundo o autor, esta oposição é um sintoma da desintegração das relações humanas básicas, até porque *“(…) é sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, i.e., é sempre uma questão de coletividade e indivíduo, um face ao outro.”*<sup>53</sup>

Perante esta relação de conceitos extremistas, assiste-se à redução substancial da possibilidade dos contactos passivos, casuais, espontâneos, informais, até mesmo entre conhecidos, vizinhos, etc.

---

<sup>51</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 12

<sup>52</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 13

<sup>53</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 12

Escapam-se as oportunidades de encontro, de conversar com desconhecidos sobre assuntos da atualidade e de constituir novos relacionamentos. Mas é desta forma que os residentes podem adquirir o sentimento de pertença e integração no meio em que se inserem, gerando espírito comunitário - no encontro, na interação e na manutenção das relações pré-existentes. Este pode ser restaurado se se *“(...) aproveitar todas as oportunidades possíveis para evitar uma separação rígida entre habitações e para estimular o que resultou do sentimento de participar em algo que nos é comum.”*<sup>54</sup>.

Torna-se importante possibilitar e suscitar o contato e convivência entre residentes no espaço coletivo, contribuindo para a coesão de uma comunidade-residente – expressão do espírito comunitário. Assim, oferece-se à arquitetura a oportunidade de combater o isolamento social, tão característico da sociedade contemporânea. Os espaços que suscitam a interação social enriquecem potencialmente a comunidade mais alargada, pois eles próprios possibilitam coesão social.<sup>55</sup>

### **1.1.3. Espaço Coletivo e Identidade**

Numa habitação coletiva como uma residência universitária, os espaços coletivos assumem e reúnem um grande papel na criação de um sentido de comunidade. É no contato e na interação com a coletividade que o homem pode aceder à identidade do coletivo, que lhe mostra a identidade individual, pois uma pressupõe a outra. Assim, os espaços coletivos e individuais reconciliam-se neste compromisso de conferir identidade aos usuários, aquando do uso dos espaços e da interação social que acontece em paralelo.

*“Enquanto, por um lado, a estrutura representa o coletivo, por outro, a maneira como pode ser interpretada representa as exigências individuais reconciliando assim o individual e o coletivo.”*<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 54

<sup>55</sup> CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander, Op. Cit., Pág. 163

O espaço coletivo assume grande importância por proporcionar oportunidades de interação social com o outro, na formação da conduta pessoal, nesta fase de transição do estudante para a idade adulta. Ou seja, passiva ou ativamente, contribui não só para a formação de uma identidade coletiva, mas também para a do indivíduo. Reúne ambas.

A apropriação deste espaço “(...), fornece a base para o desenvolvimento do sentido de identidade pessoal e grupal. O sentido de identidade grupal pode emergir simplesmente porque os indivíduos partilham o mesmo local, pois estão expostos a conhecimentos e experiências comuns.”<sup>57</sup>

O sentido de comunidade é gerado e fortalecido aquando da realização das práticas sociais num mesmo espaço coletivo, com outros residentes e ao mesmo tempo, resultando ou não interação social entre estes. É desta forma que se desperta o sentimento de pertença e integração na comunidade residente, pois o residente é confrontado com a partilha de algo em comum com o outro, estejam estes a interagir diretamente ou não.

A identidade emerge quando a comunidade se apropria do espaço coletivo, pois isto significa “(...) ter tomado posse de um mundo, tê-lo compreendido com um ato de identificação”<sup>58</sup>. Se a interação social ocorrer neste processo, fortalece-se a identidade coletiva e regenera-se a individual, no travamento de conhecimentos, troca de experiências, etc. O espaço coletivo desempenha então um papel indispensável na expressão da identidade grupal e na satisfação da urgência do comunitário.

A residência universitária concentra igualmente a necessidade de privacidade e escolha pelo isolamento, mas dela também se espera, na perspetiva de dimensão social, um sistema que seja palco do carácter identitário da comunidade-residente, proporcionado pelas possibilidades de apropriação, de estabelecimento de relações de

---

<sup>56</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 91

<sup>57</sup> MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 131

<sup>58</sup> José Aguiar in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 131



convívio, de travamento de conhecimentos e de troca de experiências entre habitantes.

## **1.2.A Vida Residencial e o Estudante**

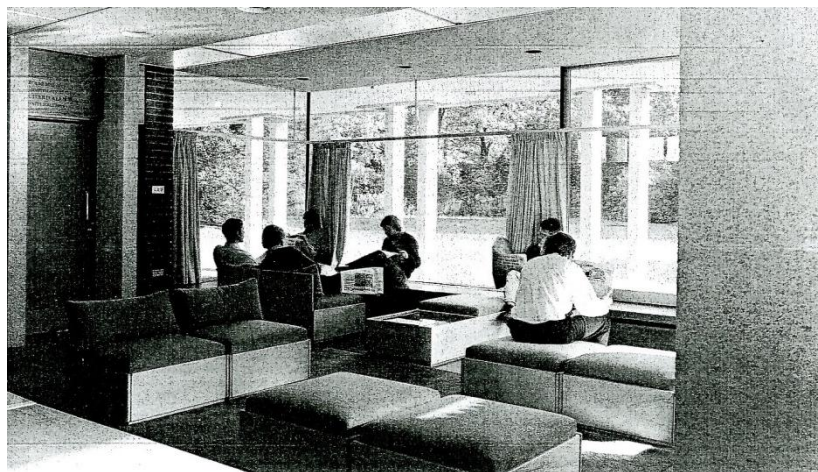
Independentemente da evolução deste tipo de alojamento ao longo do tempo, a residência universitária assume hoje um papel de alta responsabilidade. Não só de abrigar e providenciar condições de habitabilidade aos seus residentes, mas também na providência de condições adequadas de espaços de estudo que possibilitem o sucesso acadêmico, por proporcionarem oportunidades de interação social com o outro, na formação da conduta pessoal dos estudantes, nesta fase de transição para a idade adulta. O desafio funda-se nesta pretensão de se atingir um sentimento de satisfação geral, não só residencial, mas social e pessoal – um equilíbrio de interesses simultaneamente satisfeitos.

De acordo com Frønes & Brusdal, referidos por Thomsen, o residente universitário inclui-se na fase jovem-adulto, caracterizada pela procura de ideais, amizades e novas experiências, e sem família estabilizada. Estabelecem-se novas definições de interação social, das condições de habitabilidade, e os jovens vêem-se confrontados com novas escolhas e tomadas de decisão que lhes são exigidas<sup>59</sup>. Mostram-se dispostos a dar os primeiros passos em direção à independência. A importância da escolha pessoal torna-se mais importante e com ela a expressão da identidade pessoal e autoestima.

Os anos da universidade são anos de procura. O estudante tenta descobrir como viver e para quê viver; pode confrontar-se com a indiferença, com a incapacidade de se comprometer com a ação ou experiência intelectual, com a tendência de se juntar ao grupo ou a isolar-se deste. É este tipo de alojamento, seja por uma estadia de longa ou curta duração, que se pode tornar um meio para esse fim.

---

<sup>59</sup> THOMSEN, Judith, Op. Cit., Pág. 14



**Fig. 13** | A sala comum no piso térreo de Trinity Hall, em Cambridge (MULLINS, William; Student Housing: Architectural and Social Aspects, Minnesota, Praeger, 1971, Pág. 99)

*“Para um estudante, uma parte importante de vir para a faculdade é para conhecer pessoas e, assim, fazer amigos. ‘O confronto de argumentos em torno das chávenas de café aguça a sua inteligência e leva-o face a face com a necessidade de definir, para si mesmo, as suas próprias crenças e ideais’. (...) Tais contactos podem acontecer por acaso ou pelo desenho do espaço, em muitos lugares, (...)”<sup>60</sup>*

Seja no refeitório, no quarto, na sala de estar do tutor, na cozinha comum, na sala de estudo ou de trabalho. O meio físico deve possibilitar, a pequenos grupos a reunião, com privacidade suficiente e silêncio, para a troca de ideias e de experiências.

Para valorizar o que significa estar numa residência, é essencial compreender os indivíduos. Devem providenciar-se oportunidades para os usuários viverem individualmente ou em grupos, quando e como preferirem. As pessoas não carecem da mesma coisa durante todo o tempo, e cada uma tem diferentes carências.

<sup>60</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 26 (tradução livre do autor)

*“Mesmo sem o propósito de educação, formação, emprego, ou atividades especiais de tempo de lazer, o espaço da residência deve providenciar oportunidades, mesmo que estas não sejam, à primeira vista, parte do seu propósito.”<sup>61</sup>*

O jovem precisa de estímulo e aspiração, de silêncio mas também de diversão, de riso, independência e de saber onde encontrar apoio e segurança.

Segundo Mullins, os residentes requerem posses e extensões de si mesmos. Precisam de estar ativos, de fazer coisas, de preferência atividades criativas. Embora careçam de encorajamento para estudar regularmente, precisam permanentemente de boas condições de trabalho disponíveis, espaço seguro para armazenamento e espaço de trabalho onde papéis e outros artigos em uso possam permanecer intatos<sup>62</sup>, aspeto sobre o qual recaiu alguma atenção na conceção do caso prático.

Os estudantes requerem um espaço que seja só seu. Os quartos devem providenciar aquecimento, boa iluminação natural e artificial e isolamento acústico eficiente. É necessário possibilitar o estudo sem qualquer interrupção, se próximo de espaços destinados a outros usos. Os quartos devem estar próximos do espaço de trabalho ou estudo, e por isso, devem criar-se espaços desta natureza em todos os pisos, facilmente acessíveis.

De certa forma, as necessidades dos estudantes são pouco usuais, pois trabalham a toda a hora e requerem condições para que assim seja<sup>63</sup>. Um quarto individual deve oferecer variabilidade e flexibilidade, possibilitando o retiro e a interação social.

---

<sup>61</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 24 (tradução livre do autor)

<sup>62</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 25

<sup>63</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 18



**Fig. 14 |** O Espaço de estudo de um quarto de Trinity Hall, em Cambridge (MULLINS, William; *Student Housing: Architectural and Social Aspects*, Minnesota, Praeger, 1971, Pág. 99)

*“No nosso ponto de vista, muitos estudantes deveriam ter quartos de dormir-estudar individuais em edifícios que partilham com outros jovens, que vivem longe de casa, devido à sua formação, educação ou emprego. Os estudantes precisam de um quarto só seu com espaço suficiente para viver, estudar e receber alguns amigos.”<sup>64</sup>*

Quanto à comunidade-residente, a expressão da respetiva identidade coletiva só é atingida se permitida a interação social à escala dos indivíduos. Alguns podem preferir que o grupo a que pertencem, tenha uma qualidade específica; enquanto viver próximo um do outro, por si mesmo, pode ser uma razão insuficiente para manter membros do mesmo piso unidos. Para que estes vizinhos interajam, é necessário que existam certas semelhanças comportamentais entre ambos. Não se pode partir do princípio de que, alojando na residência um conjunto aleatório de indivíduos, mesmo com inclinações semelhantes, se atinja um benefício mútuo<sup>65</sup>.

Ao nos reportarmos à arquitetura, independentemente do caráter de habitar temporário que a residência universitária sugere, é importante projetar espaços onde os estudantes possam desenvolver um sentimento de pertença. Este pode ser compreendido como parte da experiência da casa, com a qual os seus usuários se podem identificar, pela personalização do espaço como expressão da identidade pessoal<sup>66</sup>. O sentimento de pertença é adquirido, não só na apropriação do espaço, mas também nas relações sociais que este espaço pode acolher.

De acordo com Robert Geddes e Humphrey Osmond, existem limites de dimensão para cada grupo<sup>67</sup>. Estes autores defendem que a frequência do contato involuntário, pessoal, cara a cara, se revela um fator crucial na formação de grupos e amizades informais. A arquitetura deverá facultar esta possibilidade de contato.

<sup>64</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 22 (tradução livre do autor)

<sup>65</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 26

<sup>66</sup> THOMSEN, Judith, Op. Cit., Pág. 9

<sup>67</sup> Geddes e Osmond in MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 27

Para o alojamento da Universidade de Delaware, Geddes sugere quartos de dormir-estudar entre 2 a 6 estudantes, que partilhem um corredor, salas de reunião para entre 30 a 40 quartos, um espaço comum para 100 alunos ou 150 alunas, onde partilhem o espaço de estar, a sala da TV, a sala de leitura, o bar, e a existência de um apartamento para o diretor. Sugere também a existência de um pátio, de um espaço-jardim, com salas de estar intercomunicantes, e espaços de refeições; 750 alunos a partilharem um pátio central<sup>68</sup>.

Segundo uma avaliação realizada em 1964, pelos estudantes de Chandons Hall, em Manchester, apresentada por Mullins, é necessária a criação de residências para pequenos grupos, para que os estudantes possam adquirir o sentimento de pertença, levando à criação de amizades. Numa residência, se se recorrer à criação de subgrupos, o espírito de entreajuda e comunidade poderá prosperar. Proporciona-se espaço intermédio e gradual entre os extremos do individual e do coletivo. Ainda assim, devem prever-se espaços onde os residentes se possam encontrar, independentemente do subgrupo em que se insiram – cria-se assim um espírito de unidade e possibilitam-se contatos mais alargados, de identificação com outro grupo e alcança-se um maior sentido de pertença -, como os espaços coletivos interiores em contacto com os pátios centrais, e os próprios pátios do caso prático desenvolvido. Para se suscitar uma divisão subgrupal na nossa residência, recorre-se estrategicamente à localização das cozinhas, que são cenário de tarefas domésticas e de reunião dos residentes mais próximos.

*“A atividade de tal grupo centrar-se-á naturalmente na cozinha, onde os seus membros preparam o pequeno-almoço ou o chá ou lanches: o espaço comum da cozinha serve assim como o foco para a pequena comunidade.”*<sup>69</sup>

Este espaço, enquanto cenário do quotidiano do estudante e ponto de encontro entre os residentes, apresenta-se como potenciador de

---

<sup>68</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 27

<sup>69</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 27 (tradução livre do autor)

interação social, seja esta espontânea ou não. Segundo Mullins, uma cozinha comum bem desenhada, deve poder ser apropriada por 15 pessoas, tendo em conta que raramente, todas estas lá estarão ao mesmo tempo, pois têm diferentes horários e têm a possibilidade de se dirigir ao refeitório. Quanto mais pequena a dimensão dos espaços comuns, mais facilmente é controlada<sup>70</sup>, desde que satisfaça as necessidades dos residentes.

Com o objetivo de constituir uma continuidade dinâmica, e também alcançar alguma rentabilidade económica no ciclo de vida da residência universitária, espera-se que esta se abra a novas experiências e moradores. Mullins expõe que, embora se aloje os estudantes, é essencial que os quartos da residência sejam usados durante todo o ano. Por exemplo, enquanto os estudantes estão de férias, os quartos podem ser disponibilizados a outros estudantes externos ou estrangeiros, que aqui possam ter acesso a cursos de curta duração ou conferências, etc. Ao implementar esta política, estabelece-se a possibilidade de uma comunidade-residente ativa e de uma interação entre esta e a externalidade. Promovem-se novas experiências, a troca destas entre os indivíduos e contribui-se para a renovação do sentido de comunidade na qual se inserem.

---

<sup>70</sup> MULLINS, William, Op. Cit., Pág. 28

## 2.TERRITORIALIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL NO ESPAÇO COLETIVO

*“Um objetivo fundamental do desenho para a territorialidade é estimular a apropriação do espaço por parte dos utentes.”<sup>71</sup>*

Quando nos referenciamos à questão da interação social, é fulcral pensar que esta não ocorrerá somente em espaços comuns destinados ao estar e ao convívio dos membros da comunidade desta residência universitária. Acontecerá, por exemplo, nos espaços de transição – que se apresentam como espaços de encontro informal – ou nos espaços coletivos que são cenário da vida doméstica e que, como possibilitam a reunião coletiva, desenvolvem a potencialidade do encontro espontâneo, da interação social e do convívio. Podem enumerar-se o espaço de estar, espaços de trabalho e até mesmo a cozinha, entre outros, que se apresentam como potenciadores de interação social, seja esta espontânea ou não.

No entanto, é aqui que se retoma a questão já levantada inicialmente sobre o papel da arquitetura face à nossa exigência de proporcionar possibilidades de uso e suscitar o encontro e a interação social.

### 2.1.A Apropriação do Espaço

Apropriamos um espaço na medida em que o usamos com satisfação; e usamo-lo por nos identificarmos com determinados elementos e espaços evocativos e interessantes, curiosos e estimulantes, clarificadores de limiares e de espaços associados a grupos humanos e a gostos e sentimentos pessoais<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 134

<sup>72</sup> COELHO, António Baptista; *Apropriação e satisfação residencial*, Sociedade e Território, nº 25-26, Fev. 1998, Pág. 148



**Fig. 15 |** Possibilidades de apropriação, Escola Montessori, em Delft do Arquitecto Herman Hertzberger, 1966 (HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 153)

Ainda assim, não se deverá desvalorizar a complexa relação entre a apropriação e a estruturação do modo de vida.

*“A apropriação pode clarificar (...), as características da sua organização social e espacial, da decomposição e articulação dos seus diversos espaços, da utilidade e polivalência de cada compartimento e espaço, da privacidade individual e familiar, do contacto regulado com o exterior e, finalmente, das principais alterações introduzidas e respetivas justificações.”<sup>73</sup>*

Para que a arquitetura leve a cabo a nossa missão inicial, é necessário que o homem recorra paralelamente à necessidade de interação social, ou então que lhe seja possibilitado o contato aquando do encontro espontâneo enquanto usa o espaço.

O uso do espaço coletivo só será ativado pela apropriação deste por parte do homem. E esta só acontecerá se o espaço oferecer oportunidades de apropriação, ou seja, a possibilidade para que o usuário exerça controlo sobre este. Uma potencia a outra. Tendo isto, enfatiza-se a importância do que se citou anteriormente, sobre Norberg-Schulz afirmar que o espaço tem não só que acolher o desenrolar de uma função específica mas ainda de permitir o que se pode fazer a mais se se pretender.

A apropriação tem duas vertentes: a ativa – incentiva e aceita a colaboração e as intervenções dos habitantes, naturalmente enquadradas e previamente estudadas – e a passiva – deve oferecer aos habitantes elementos, espaços e ambientes que por eles possam ser fácil e fortemente apropriados.<sup>74</sup>

<sup>73</sup> COELHO, António Baptista, Op. Cit., Pág. 141

<sup>74</sup> COELHO, António Baptista, Op. Cit., Pág. 148



*“Deveríamos fazer projetos de tal modo que o resultado não se referisse abertamente a uma meta inequívoca, mas que ainda admitisse a interpretação, para assumir sua identidade pelo uso. O que fazemos deve constituir uma oferta, deve ter a capacidade de provocar sempre, reações específicas adequadas a situações específicas; (...)”<sup>75</sup>*

É essencial que o espaço coletivo tenha o máximo potencial de apropriação, proporcionando alguma liberdade de expressão. A apropriação tem relações muito fortes com adaptabilidade, seja a mudar ou rearranjar ambientes, evitando que a identidade de cada um fique limitada. A satisfação atinge-se com a crescente possibilidade de personalizar e adaptar, ou seja, de potencializar a apropriação desse mesmo espaço. Quando a possibilidade de nos apropriarmos do nosso espaço nos é negada, o resultado será o anonimato, o desinteresse e em última instância, frequentemente, o abandono e o vandalismo<sup>76</sup>.

É crucial deixar um amplo campo de exercício à criatividade.<sup>77</sup> Um espaço personalizado reflete-se como extensão dos residentes, através do qual pode regular as relações com os seus semelhantes.

A liberdade de expressão dos residentes torna-se tanto maior quanto mais espaços se possuírem sem utilização estritamente determinada, maximizando as possibilidades de apropriação. Ainda, a satisfação crescerá com a maior capacidade que o residente tem de personalizar os seus espaços aos seus usos, quer seja por meio de mobílias, decoração, jardinagem, etc.

A apropriação deve ser capaz de conciliar e servir a identificação dos habitantes com o seu espaço individual e privado, e a identificação dos grupos de vizinhos com a sua unidade.

---

<sup>75</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 152

<sup>76</sup> COELHO, António Baptista, Op. Cit., Pág. 147

<sup>77</sup> HERTZBERGER, Herman, Op. Cit., Pág. 147

## 2.2.A Interação Social



**Fig. 16** | Um possível início de contatos a outros níveis (GEHL, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010, Pág. 16)



**Fig. 17** | Contatos entre vizinhos, Copenhagen (GEHL, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010, Pág. 74)

No desenvolvimento das práticas diárias, conscientemente ou não, o residente apropria-se do espaço coletivo – cenário das práticas sociais quotidianas. Inevitavelmente, ao fazê-lo, o indivíduo pratica e exprime a identidade coletiva. A comunidade pressupõe todos os aspetos comuns coesivos da sua identidade. Um residente partilha com o outro, no seu quotidiano, a comunidade e o espaço. Os rituais, inscritos no quotidiano, transportam a necessidade de interação com o espaço, com o outro e com a comunidade. Eles implicam uma troca com o espaço onde são realizados. Tendo isto, é importante a “(...) *compreensão das operações materiais que se desenvolvem ao nível da apropriação do espaço em termos daquilo que é configurado na ideia dos indivíduos/grupos e (re)produzido através dos discursos e das práticas sociais.*”<sup>78</sup>.

Tendo em conta o sentido de proximidade e/ou os aspetos comuns que unem os diferentes residentes na comunidade em estudo, a prática de um ritual no mesmo espaço e à mesma hora podem levar ao encontro e ao travamento de conhecimentos, à interação social.

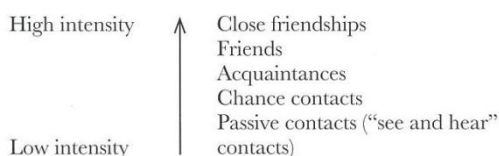
A interação social pode decorrer do confronto espontâneo com o outro. Speller serve-se de Festinger para afirmar que “*O contato passivo é definido como um encontro casual e não planeado. Se estes breves encontros forem suficientemente frequentes desenvolve-se um sentido de familiaridade que varia desde um amigável aceno de cabeça, a uma relação de conversação, até à amizade, (...), os contatos passivos são determinados pela estrutura física do ambiente espacial.*”<sup>79</sup>

A interação social pode decorrer do desenvolvimento das atividades sociais. Gehl, em *Life Between Buildings*, afirma que estas acontecem de forma espontânea como consequência direta da deslocação e da estadia no mesmo espaço. São atividades que dependem da

<sup>78</sup> MENEZES, Marluci, Representações coletivas e reformulações sócio-espaciais no Bairro da Madragoa, *Sociedade e Território*, nº 25-26, Fev. 1998, Pág. 89

<sup>79</sup> SPELLER, Gerda M., A Importância da Vinculação ao Lugar, *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*, org. Luís Soczka, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, Pág. 152

presença dos outros no espaço público<sup>80</sup>. A criação de momentos para o encontro ganha grande importância quando se tenta possibilitar os “contatos passivos”<sup>81</sup>, pois estes, como forma de contatos de baixa intensidade, podem crescer. Possibilita-se o desenvolvimento de amizades, pois “encontros frequentes em conexão com as atividades diárias aumentam as oportunidades de desenvolver contatos com os vizinhos”<sup>82</sup>



**Fig. 20 |** Formas de contato e níveis de intensidade (GEHL, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010, Pág. 12)

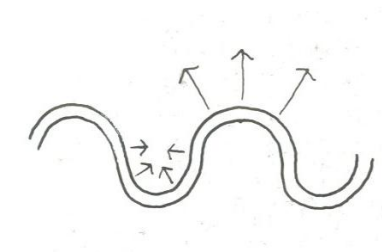
Para encorajar o encontro e a interação no dia-a-dia, existem algumas estratégias de projeto pontuais das quais o arquiteto se pode recorrer.

Osmond<sup>83</sup> reflete sobre este aspeto ao classificar os espaços de acordo com a facilidade ou impedimento destes para desenvolver interação social. Espaços sociófugos são aqueles cujas disposições tendem a prevenir ou desencorajar o desenvolvimento de relações sociais – espaços introvertidos. Os espaços sociópetos são aqueles denominados de extrovertidos, pois encorajam o crescimento de relações interpessoais estáveis, por exemplo, espaços com mesas redondas.

Hertzberger faz referência a estes espaços quando fala sobre a sociologia do sentar, reportando para o banco-parapeito de Gaudí, no Parque Güell, em Barcelona. Este banco constitui uma sucessão de lugares extrovertidos e introvertidos. É possível sentar-se frente a frente com o outro, motivando-se a conversa num lugar informal, e



**Fig. 18 |** Banco-parapeito do Parque Güell, Barcelona, Gaudí (HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 211)



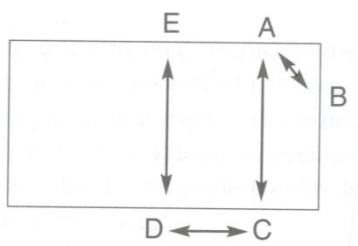
**Fig. 19 |** Lugares introvertidos e extrovertidos do banco-parapeito do Parque Güell, Barcelona, Gaudí (HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 211)

<sup>80</sup> GEHL, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010, Pág. 12

<sup>81</sup> GEHL, Jan, Op. Cit., Pág. 13

<sup>82</sup> GEHL, Jan, Op. Cit., Pág. 19 (tradução livre do autor)

<sup>83</sup> Osmond in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 123



**Fig. 21** | Influência na conversação das posições à volta da mesa (MUGA, Henrique; *Psicologia da Arquitectura*, Canelas, Edições Gailivro, 2005, Pág. 125)

ainda sentar-se na curva para fora, inibindo o despoletar da conversa mas contemplando a vista.

Mesmo tendo como objetivo a criação de espaços que suscitem a interação, é importante que um único espaço nos dê oportunidade para ambas opções: é desejável que o espaço seja flexível, possibilitando ao residente estar socialmente envolvido ou não, dependendo do seu desejo e necessidade.

Sommer<sup>84</sup> procurou explorar os “*limites da conversação confortável*”<sup>85</sup>. O arranjo espacial pode determinar o encontro e o curso das conversações. Segundo o autor, as conversas são mais frequentes ao canto da mesa do que lado a lado, e estas mais frequentes do que duas pessoas frente uma à outra. Mas estas não são ilações válidas para todas as situações, pois outros estudos indicam o contrário quanto a lugares frente a frente.

Estas estratégias são pertinentes para aplicação no caso prático que será apresentado mais à frente.

### 2.3.O Papel da Territorialidade na Interação Social

É importante considerar a relação dialética que existe entre a estrutura espacial e a estrutura social e a ligação entre as configurações do espaço e as identidades coletivas. O espaço é organizado e qualificado pelos utentes através dos discursos e práticas que para ele, com ele e nele exercem. E os processos de socialização estão ligados à espacialização, pois o residente constrói relações e interdependências com o espaço. A organização espacial estrutura-se através da organização social, e é esta identidade sócio-espacial que representa a identidade coletiva.

A territorialidade, associada à apropriação do espaço, oferece-nos a função psicossocial de desenvolver e manter a organização social. É no seguimento desta linha de raciocínio, na partilha do espaço

<sup>84</sup> Sommer in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 125

<sup>85</sup> Sommer in MUGA, Henrique, Op. Cit., Pág. 125

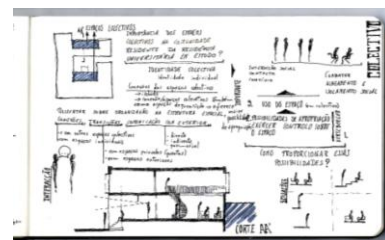
coletivo que decorre da apropriação do mesmo, e no contato coletivo, que surge uma possibilidade de resposta à problemática inicial.

Um aspeto importante do desenho para a territorialidade é estimular a apropriação do espaço por parte dos utentes, e para facilitá-la é necessário dotar o espaço de identidade própria. É decorrente da criatividade que os habitantes expressam nas formas de apropriação do espaço, na recriação do espaço doméstico, no desenvolvimento de estratégias de contorno à construção oficialmente reconhecida, que se deverá valorizar também a capacidade de produzir interações sociais significativas e de inserção social.

*“Os lugares devem convidar a participação. O confronto do indivíduo com os restantes participantes é de extrema importância, tanto para o indivíduo e para a sociedade. É parte de um processo de aprendizagem contínua para existir, se comportar e pensar em comunidade, para aprender a se tornar humano. (...) A aprendizagem é parte integrante do processo de crescimento, mudança e envelhecimento em que a observação, informação e ação entre as pessoas, coisas e eventos desempenham um papel igualmente importante.”<sup>86</sup>*

O utente torna-se emocionalmente mais envolvido quando este pode exercer controlo sobre as coisas, daí ser crucial que o arquiteto ofereça um convite para tal. É preciso que este se consciencialize de que o usuário deve ter a liberdade de decidir por si mesmo como quer usar cada espaço. O uso coletivo do espaço despoleta encontros espontâneos que acontecem entre os residentes, e consequentes interações sociais. Portanto, é com a potencialidade de apropriação interativa coletiva do espaço que os contatos sociais podem acontecer.

Mas mesmo que isto se observe nos próprios espaços coletivos, sejam eles mais direccionados para o convívio ou para o desenrolar de tarefas especificamente domésticas, de que forma é que o acesso a



**Fig. 22 |** Reflexões sobre possibilidades de apropriação do espaço coletivo e interação social no caso prático desenvolvido – ver em Anexo II (registro gráfico do autor)

<sup>86</sup> CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander, Op. Cit., Pág. 159 (tradução livre do autor)

esta apropriação acontece? Ou seja, que estratégias de projeto utilizar para que este espaço coletivo convide e se abra aos residentes, para se apropriarem dele?

## **2.4.Procura de Novos Espaços Coletivos**

Seria, de certa forma, redutor pensar que a resposta para a nossa busca fosse o próprio espaço coletivo. Pois, antes deste se apresentar com uma dada organização espacial e múltiplas possibilidades de apropriação que possam potenciar relações sociais e aproximar a comunidade residente, o espaço coletivo insere-se na estrutura que é a residência universitária com uma localização específica e estabelecendo relações físicas com os espaços comunicantes. Assim, e pensando no convite do espaço para a interação social no seu interior, torna-se pertinente abordar os aspetos relacionados com os seus limites.

### **2.4.1.Abertura e Encerramento**

Visto que a conexão, a transição e a configuração do limite podem revelar-se tão importantes, é necessário abordar o caráter de abertura e encerramento do espaço. A configuração do limite apresenta-se de acordo com as intenções de uso para o espaço. As considerações dependem da configuração que o encerramento atribui ao limite, mas pode-se afirmar que este, além de o limitar tão rigidamente, impede que se expanda em direção a outros espaços. Reduz a potencialidade de apropriação, estabelece uma experiência de transição de um espaço adjacente para o coletivo demasiado brusca.

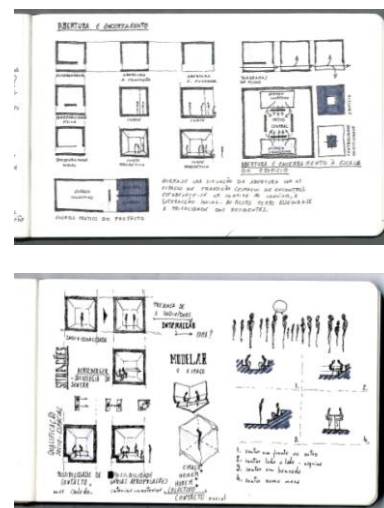
Um espaço encerrado passará despercebido ao residente que por ali passa e não suscitará interesse para que este entre e se aproprie dele, mesmo com todas as potencialidades que pode oferecer. O encerramento reduz significativamente o espaço para a expressão da identidade, seja do lugar, da comunidade ou do residente que dele se apropria. Não nos esqueçamos que num espaço encerrado terá sempre que haver uma abertura, no mínimo. O encerramento pressupõe a abertura, um apresenta-se na existência do outro. As propriedades de encerramento são atingidas pelas aberturas, que possibilitam a visibilidade da estrutura, a continuidade ou descontinuidade.

A abertura permite ao espaço coletivo abrir-se ao espaço de transição ou a outros espaços adjacentes. Na abertura com estes últimos, o espaço coletivo expande-se e providencia mais possibilidades de apropriação do que aquelas que o único espaço possuiria. Em contraste ao encerramento, a abertura proporciona a relação visual, a partir de fora, com o interior do espaço coletivo.

Vogel e Mello, em *Quando a Rua Vira Casa*, diferenciam os espaços principais em abertos – para coletivizar – e em fechados – para privatizar –, associando relações de apropriação diferencial. Os autores constatarem como a “(...) vida comunitária é um conjunto de desempenhos suportados por palcos (...)”<sup>87</sup> e como estes palcos tendem a ser identificados com um destes modelos – aberto ou fechado. As manifestações sócio-culturais características de um grupo – vida comunitária – estarão associadas a conceitos de “abertura de espaços”<sup>88</sup>.

#### 2.4.1.1. Controlo Visual e Segurança

A abertura para outros espaços permite a relação visual, e esta toma grande relevância na tentativa de resposta à nossa questão. Através



**Fig. 23 |** Reflexões sobre abertura e possibilidades de apropriação do espaço coletivo no caso prático desenvolvido - ver em Anexo II (registros gráficos do autor)

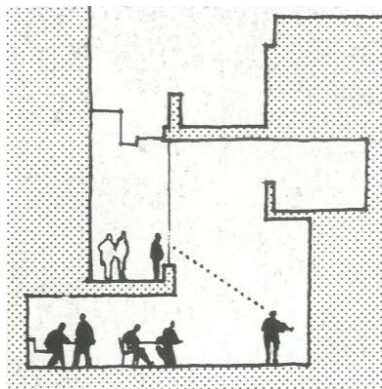
<sup>87</sup> Instituto Brasileiro de Administração Municipal, *Quando A Rua Vira Casa*, São Paulo, Projeto, 1985, Pág. 13

<sup>88</sup> Instituto Brasileiro de Administração Municipal, *Op. Cit.*, Pág. 13





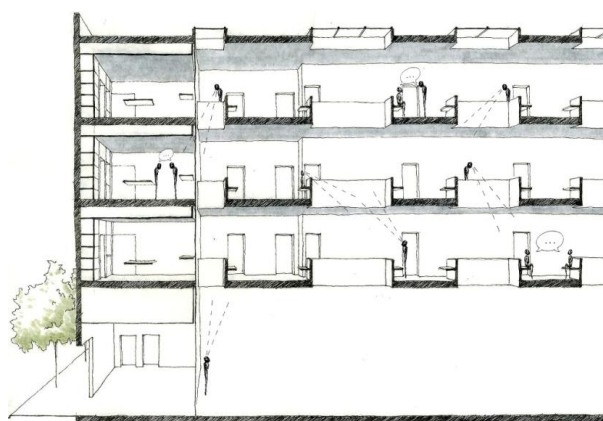
**Fig. 24 |** Foyer do Centro Musical Vredenburg do Arquitecto Herman Hertzberger, Utrecht, 1978 (HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 198)



**Fig. 25 |** Relação visual com o que acontece no espaço interior do Centro Musical Vredenburg (HERTZBERGER, Herman; *Lessons for students in Architecture*, Rotterdam, 1991, 010 Publishers, Pág. 210)

deste controlo consegue-se que o espaço estabeleça um convite ao seu uso. É a partir desta característica que o residente ganha percepção do que ali acontece. Consegue assim exercer controlo sobre o que sucede, suscitando um sentimento de segurança e de conforto face àquele espaço e à apropriação que poderá fazer dele. O oposto constata-se com o encerramento, incutindo o medo e a hesitação, pois não antevê o que o vai receber ou confrontar.

A abertura tem o potencial de despoletar interesse e apropriação espontânea, através da sensação de segurança que sugere. O espaço torna-se convidativo. Tendo isto, e a importância que a relação visual pode assumir na residência universitária e na apropriação dos seus espaços, optou-se por projetar vazios que atravessassem todos os pisos e ofereçam enfiamentos visuais entre cada um deles. É todo um único espaço onde os olhares se cruzam, permitindo enfiamentos visuais em múltiplas direções. Nesta relação de tridimensionalidade espacial, o residente adquire uma sensação de controlo, de segurança e conforto dentro da grande estrutura que é a residência universitária. Assim, esta não funciona como uma adição de elementos espaciais, mas sim como uma única unidade.



**Fig. 26 |** Corte do projeto da residência universitária – O vazio possibilita o controlo visual do espaço por parte dos residentes, podendo despertar interesse em interagir com o outro (registo gráfico do autor)



Speller, em *A Importância da Vinculação ao Lugar*,<sup>89</sup> discorre sobre este assunto quando aborda os fatores espaciais nas comunicações da vizinhança. Enquanto disserta sobre as oportunidades oferecidas pelas configurações de habitação e vizinhança, faz referência a Archea<sup>90</sup>. Este autor define acesso visual como “(...) a capacidade de controlar o espaço envolvente imediato de uma pessoa através da vista (...)”<sup>91</sup>. O acesso visual permite que o residente estabeleça possibilidades de sincronização do seu comportamento com o dos restantes residentes do cenário socio-espacial. Quanto a isto, Speller afirma que “Para atingir um grau desejado de privacidade ou de contato social em diferentes momentos a pessoa envolve-se num processo de discríção seletiva ou de visibilidade seletiva, respetivamente, através da manipulação do comportamento e/ou da posição.”<sup>92</sup>

Portanto, pode-se concluir que o contato visual realmente pode despertar o desejo de interação social.

Quanto aos espaços interiores coletivos do caso prático, estes baseiam-se na visão de Gehl para o espaço público. Para este autor<sup>93</sup>, vermo-nos uns aos outros – considerado contato passivo – é também uma forma de contato, de atividade social, e é um ponto de partida para outras formas de contato social. Ainda, a possibilidade de ver permite-nos ver se os vizinhos estão lá fora, e providenciar inspiração para a ação, despertar a vontade de participar<sup>94</sup> nas atividades, e interagir com o outro.

*“Ser capaz de ver o que está a acontecer em espaços públicos pode também ser um elemento de convite (...)”*<sup>95</sup>

---

<sup>89</sup> SPELLER, Gerda M., Op. Cit., Pág. 151

<sup>90</sup> Archea in SPELLER, Gerda M., Op. Cit., 2005, Pág. 151

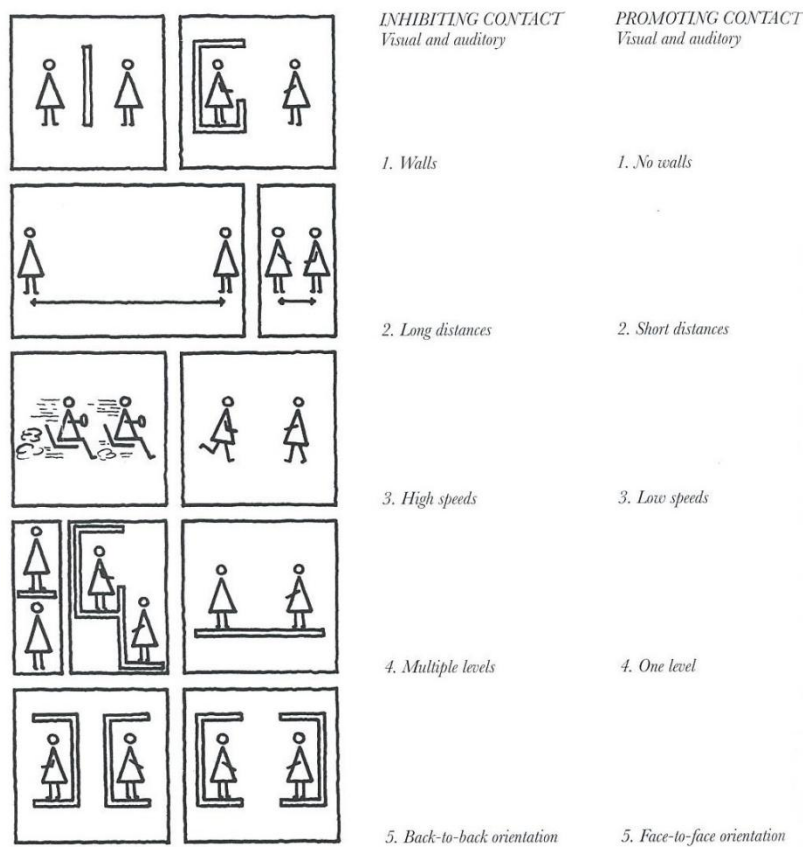
<sup>91</sup> SPELLER, Gerda M., Op. Cit., Pág. 151

<sup>92</sup> SPELLER, Gerda M., Op. Cit., Pág. 133

<sup>93</sup> GEHL, Jan; Op. Cit.

<sup>94</sup> GEHL, Jan, Op. Cit., Pág. 21

<sup>95</sup> GEHL, Jan, Op. Cit., Pág. 113 (tradução livre do autor)



**Fig. 27 |** Os sentidos e a comunicação – O espaço pode promover ou evitar o contato (GEHL, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010, Pág. 62)

Vogel e Mello, em *Quando a Rua Vira Casa*<sup>96</sup>, abordam também esta temática quando pretendem enfatizar o caráter de segurança que se pode atingir, porque se avalia e se controla o espaço.

Tendo em conta a conexão visual conferida pela abertura, os espaços coletivos podem então atrair naturalmente e serem eles um motivo para que os residentes se apropriem dele. E por isso, o vazio torna-se crucial nesta interpretação e na conceção do caso prático como meio de controlo visual do espaço coletivo interior.

Neste trabalho torna-se igualmente importante fazer referência ao acesso visual com o exterior, mais particularmente na perspetiva do pátio central da residência – um outro espaço coletivo que deve lançar o convite à apropriação.

<sup>96</sup> Instituto Brasileiro de Administração Municipal, Op. Cit.

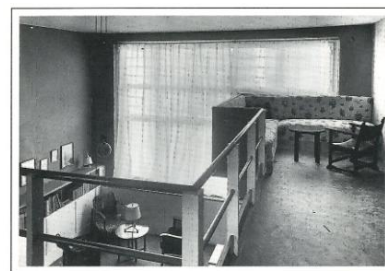
Colomina, em *Privacy and Publicity*<sup>97</sup>, aborda a temática do controlo visual face ao exterior quando trata das diferentes posturas que Loos e Le Corbusier assumem.

Loos, nos seus projetos, defende que a janela – a abertura – só existe para deixar entrar a luz e não para a contemplação. O indivíduo vira as costas ao exterior e imerge no universo interior privado, aquele que o mesmo controla. Ou seja, a abertura enquadra o seu ocupante.<sup>98</sup> O oposto se observa nas casas de Le Corbusier, nas janelas horizontais como enquadramento da paisagem. A autora cita as suas palavras quando escreve que *“Eu existo apenas com a condição de que eu vejo”*<sup>99</sup>. O autor defende que ao posicionar o indivíduo face a estas janelas, o habitante adquire o sentimento de vigiar e dominar um mundo em ordem. Assim, o exterior torna-se sempre um interior.<sup>100</sup> Portanto, enquanto o habitante de Le Corbusier controla o exterior, o de Loos defende-se dele e controla o interior.

A abordagem que se segue no caso prático será a de Le Corbusier. Pois, é no controlo visual do espaço coletivo em que se aposta, tendo em conta que este poderá despertar o desejo de pertencer a ele e apropriar-se do mesmo. Assim, possibilitamos aos residentes dos quartos duplos – que se organizam em redor do pátio, que simboliza, de certo modo, o sentido de comunidade – controlar o vazio através das aberturas horizontais que deixam a luz entrar.

#### 2.4.1.2. Acolhimento e Expansão

Tendo em conta o que se discutiu anteriormente sobre os espaços adjacentes e o convite, torna-se pertinente pensar na comunicação do espaço coletivo com o espaço de transição. Sendo este um espaço primordial de encontro, é com ele que o espaço coletivo terá que interagir para o convite à sua apropriação através das propriedades de abertura e encerramento.



**Fig. 28** | Sala de estar com o sofá contra a janela, Casa Werkbundsiedlung, Viena 1930, Adolf Loos (COLOMINA, Beatriz; *Privacy and Publicity*, MIT Press, Massachusetts, 1994, Pág. 236)



**Fig. 29** | A sala de estar possibilita relação visual com o pátio, Villa Savoye, Poissy, 1929, Le Corbusier (COLOMINA, Beatriz; *Privacy and Publicity*, MIT Press, Massachusetts, 1994, Pág. 284)

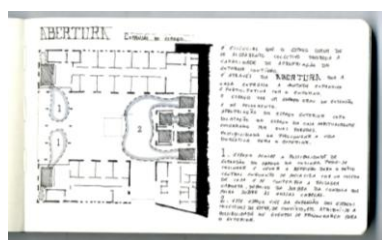
---

<sup>97</sup> COLOMINA, Beatriz, Op. Cit.

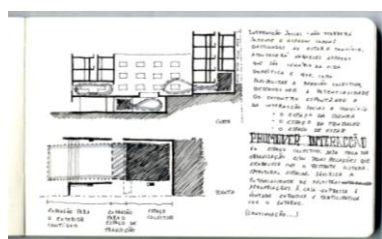
<sup>98</sup> COLOMINA, Beatriz, Op. Cit., Pág. 250

<sup>99</sup> Le Corbusier in COLOMINA, Beatriz, Op. Cit., Pág. 296 (tradução livre do autor)

<sup>100</sup> COLOMINA, Beatriz, Op. Cit., Pág. 330



**Fig. 30 |** Reflexão sobre abertura e a oportunidade de expansão do espaço interior para o exterior contíguo no caso prático desenvolvido – ver em Anexo II (registro gráfico do autor)



**Fig. 31 |** Reflexão sobre a expansão e promoção do contato no caso prático desenvolvido – ver em Anexo II (registro gráfico do autor)

Este espaço pode receber dois residentes que se tenham encontrado no corredor e que tenham desenvolvido uma conversa, apropriando-se dele para prolongá-la. Pode acolher atividades coletivas que se abram aos espaços de distribuição, proporcionando um convite aos residentes para participarem nestas.

Tão importante quanto acolher no espaço coletivo, é estendê-lo a outros. É essencial que o espaço comum de um alojamento coletivo favoreça a “(...) capacidade de apropriação do exterior contíguo (...)”<sup>101</sup>. São espaços coletivos interiores no sentido lato que se abrem ao exterior, pois só um espaço interior pode possuir aberturas para o exterior, seja para proporcionar uma ligação física, visual, ou ambas. É através destas que a casa expressa a vontade expansiva e participativa com o entorno.

As práticas do homem não acontecem num espaço homogêneo e isotrópico, mas sim num espaço que se distinga por variações qualitativas. A relação interior-exterior é um primeiro carácter de um espaço concreto, pois envolve que um espaço tenha um grau de extensão e de fechamento. Nesta relação de abertura e episódios de fechamento, obteremos um enfoque sobre o espaço exterior envolvente.

*“A importância da existência de espaços exteriores privados, (...), traduz-se numa sensação de apropriação e segurança, (...)”*<sup>102</sup>

É essencial focar a importância da capacidade da habitação possibilitar processos de apropriação do espaço exterior como dilatação do espaço da casa habitualmente encerrado pelas suas paredes. Esse espaço é também um espaço coletivo essencial à interação social e à expressão da identidade coletiva, como o exemplo do pátio central do nosso caso prático.

<sup>101</sup> COELHO, António Baptista, Op. Cit., Pág. 146

<sup>102</sup> COELHO, António Baptista, Op. Cit., Pág. 144

## 2.5.Casos de Estudo

O processo de investigação do presente trabalho compreendeu também um levantamento de um conjunto significativo de casos de estudo. Procedeu-se ao respetivo reconhecimento, estudando-os em todas as suas dimensões: programa, organização espacial, relação com o lugar, materialidade, etc. Os casos de estudo são apresentados, não em toda a extensão da análise executada, mas segundo categorias e tipos de espaços, por se entender que esta seria a forma mais interessante e pertinente no estabelecimento de relações entre os exemplos estudados e o desenvolvimento do caso prático: *Espaço Privado* e *Espaço Coletivo*, *Espaços Coletivos Comunicantes*, *Vazios Interiores* e *A Cozinha*.

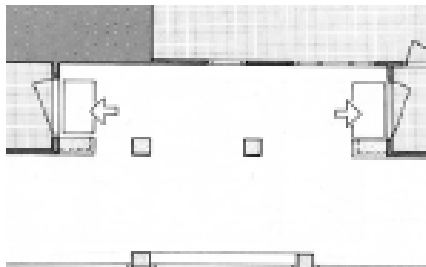
### 2.5.1.Espaço Privado e Espaço Coletivo

#### Lar de Idosos De Drie Hoven, Herman Hertzberger, Amesterdão, 1974

Este caso materializa o conceito de intervalo, um espaço intermédio que pertence ao domínio público e, ao mesmo tempo, ao privado. Oferece a possibilidade de o outro também usá-lo. Aqui o corredor funciona como rua, para o qual se abrem estes espaços intermédios. Muitos mobilam estes lugares como pequenas áreas de estar, conferindo ao corredor um caráter de rua de convivência.



**Fig. 32 |** Corredores do Lar de Idosos De Drie Hoven (HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 198)



**Fig. 33 |** Espaços intermédios na rua de convivência (HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006, Pág. 198)



**Fig. 34** | Espaços privados, antecâmaras e espaços de distribuição (maquete do autor)

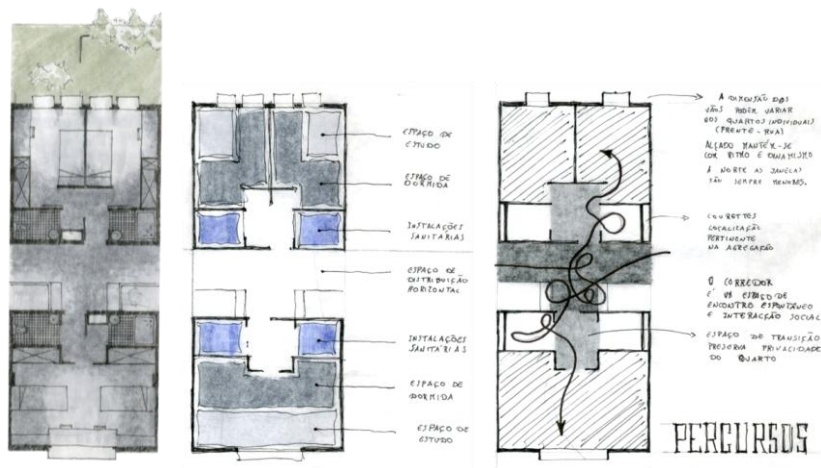
### **Caso Prático Desenvolvido**

No desenho dos espaços privados, procede-se à criação de antecâmaras de transição – como os exemplos de Chermayeff e Alexander já apresentados. Estas ganham um carácter de acolhimento, de boas vindas, de cenário de ritual de entrada, e não simplesmente de barreira com o espaço coletivo. Ainda assim, não se invalida que à porta destes, nas pequenas áreas de estar, não se possa conversar e sentar. Aqui permite-se criar momentos de apropriação e expressão individual, de estadia e interação espontânea entre vizinhos. Cria-se assim, uma rua de convivência.

Tendo como exemplo o caso anterior apresentado por Thomsen em *Student Housing – Student Homes?*, (ver página 23) torna-se pertinente a criação de instalações sanitárias que possam funcionar independentemente dos quartos, mas ainda privadas, conectando-as com as antecâmaras.

A privacidade dos espaços individuais não é perturbada. Ainda, opta-se por desfazer as portas de entrada dos quartos que se posicionam frente a frente numa tentativa de se evitar enfiamentos visuais entre ambos os espaços privados, invadindo a privacidade do outro, mais incisivamente nos quartos duplos. Quanto à organização espacial de ambas as tipologias, recorreu-se ao exemplo das células dos monges de La Tourette, que se organizavam segundo funções específicas.

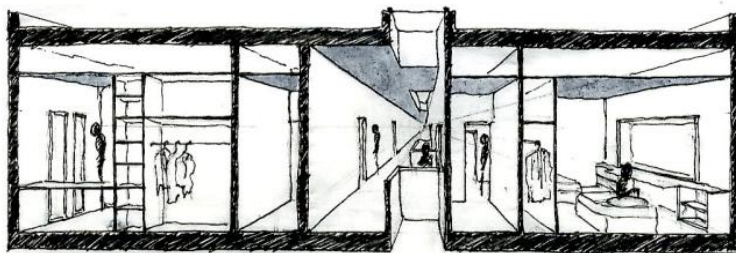
A residência dispõe de 130 quartos individuais, 45 duplos e 3 para estudantes com mobilidade reduzida, alojando um total de 223 alunos. O edifício dispõe também de 3 apartamentos para oradores e investigadores convidados e 1 apartamento para um funcionário interno (ver em Anexo I).



**Fig. 35 |** Planta do de quarto duplo e individual, Planta esquemática de zonas e funções e Planta de percursos desde o espaço coletivo para o privado e possibilidade de encontro espontâneo (registos gráficos do autor)

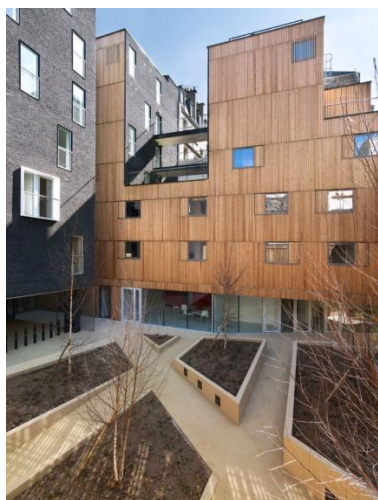


**Fig. 36** | Perspetivas sequenciais do percurso desde o espaço coletivo de distribuição até ao quarto duplo (registo gráfico do autor)



**Fig. 37 |** Corte perspetico de um quarto individual e duplo, e do corredor (registo gráfico do autor)





**Fig. 38** | Pátio da Residência de Estudantes  
([http://archdaily.com/141892/student-residence-in-paris-lan-architecture/lan\\_rivp-rcsidence-etudiante/](http://archdaily.com/141892/student-residence-in-paris-lan-architecture/lan_rivp-rcsidence-etudiante/))

## 2.5.2. Espaços Coletivos Comunicantes

### Residência de Estudantes, LAN Architecture, Paris, 2011

A distribuição horizontal deste projeto acontece no limite do quarteirão. Os residentes são impedidos de levar a cabo qualquer interação visual e física com o vazio central, a partir dos vários pisos superiores. A residência possui alguns espaços coletivos, inclusive o pátio, onde se encontram alguns momentos de estadia espontânea – os assentos. O vazio ganha grande protagonismo devido à sua configuração central. O pátio comporta-se como um grande espaço de distribuição – oferecendo uma escolha de trajeto livre - em frente ao único espaço comum da residência universitária. Este espaço de distribuição põe em causa a privacidade dos quartos no piso térreo. Embora acessível ao piso térreo, o acesso a este torna-se dificultado a partir dos quartos, pela sua distância a estes.

O espaço coletivo, denominado como sala comum, caracteriza-se por uma situação de encerramento com os espaços interiores e abertura visual para o exterior. Estabelece reduzida comunicação e dinâmica com os espaços adjacentes e inclusive com a comunidade, que deveria apropriar-se deste de forma espontânea.

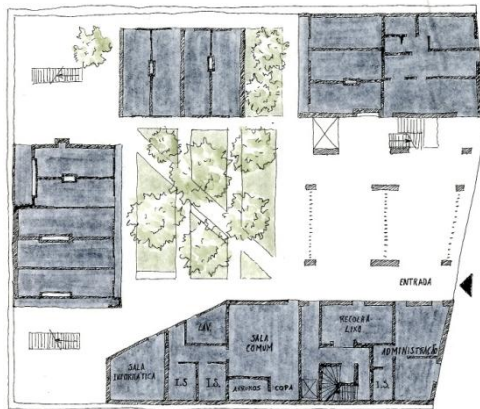
Criando o pátio central verde como protagonista desta intervenção, esperava-se que o espaço coletivo interagisse com este, o espaço exterior contíguo. Pelo contrário, este encerra-se sobre si mesmo. O plano de vidro exterior que o define permite permeabilidade visual, fazendo com que se aviste a paisagem verdejante e que esta invada o espaço interior. No entanto, este plano vem impedir que o espaço se expanda e prolongue para o exterior. Assim, este reduz o número de possibilidades de apropriações em si mesmo e com o exterior.

Os acessos a este espaço efetuam-se de formas pontuais, através de portas. Um estabelece-se com o interior, ligando-o aos espaços de distribuição. O outro acontece de uma transição direta de confronto com o pátio exterior, sem qualquer ritual de entrada ou saída. O espaço coletivo fecha-se à conexão com o pátio, o que poderia ser

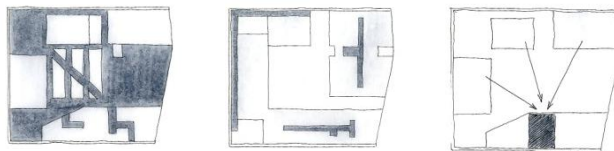


uma mais-valia na sua operatividade no quotidiano dos residentes, pois o pátio reúne o sentido de coletividade da comunidade residente. Um dos seus limites impede uma ligação com o espaço de distribuição vertical, que poderia ser um aspeto positivo.

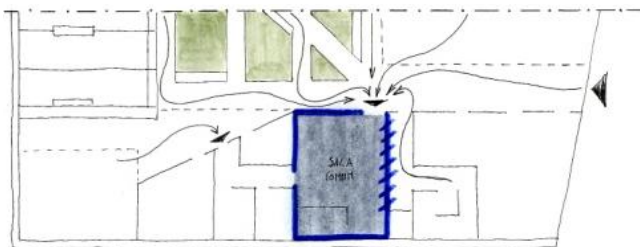
O espaço coletivo é constrangido e sem possibilidade de abertura, ou seja, pouco flexível na relação com a estrutura na qual se insere.



**Fig. 39 |** Planta do piso térreo da residência (registro gráfico do autor)



**Fig. 40 |** Plantas esquemáticas de distribuição horizontal e acessibilidade à sala comum (registo gráfico do autor)



**Fig. 41 |** Possibilidades de acesso à sala comum (registo gráfico do autor)

Residência de Cuidados Assistidos, Chartier-Dalix Architects,  
Harbonnières, 2012

O presente caso organiza-se segundo uma lógica central, em que o pátio é ladeado pela distribuição horizontal principal, a partir da qual se acede aos espaços coletivos de estar, convívio e até mesmo de refeição, eles próprios espaços de transição.



**Fig. 42 |** Sala de atividades da residência ([http://archdaily.com/278319/harbonniere-s-residential-chartier-dalix-architects/506a28c028ba0d11ee000081\\_harbonniere-residential-chartier-dalix-architects\\_chartierdalix\\_hrb\\_vue\\_d\\_une\\_salle\\_de\\_jour\\_l-boegly-jpg/](http://archdaily.com/278319/harbonniere-s-residential-chartier-dalix-architects/506a28c028ba0d11ee000081_harbonniere-residential-chartier-dalix-architects_chartierdalix_hrb_vue_d_une_salle_de_jour_l-boegly-jpg/))

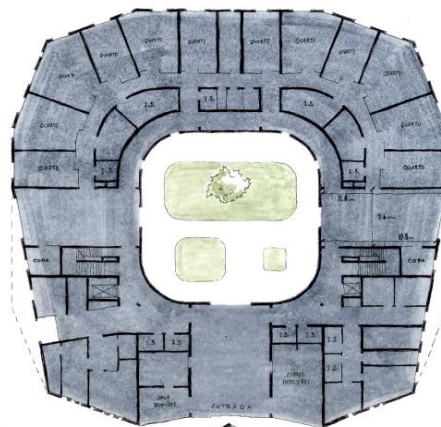


**Fig. 43 |** Relação visual permite o controlo do que está a acontecer no pátio ([http://archdaily.com/278319/harbonniere-s-residential-chartier-dalix-architects/506a292428ba0d11ee000087\\_harbonniere-residential-chartier-dalix-architects\\_chartierdalix\\_hrb\\_vue\\_du\\_patio\\_depuis\\_les\\_circulations\\_l-boegly-jpg/](http://archdaily.com/278319/harbonniere-s-residential-chartier-dalix-architects/506a292428ba0d11ee000087_harbonniere-residential-chartier-dalix-architects_chartierdalix_hrb_vue_du_patio_depuis_les_circulations_l-boegly-jpg/))

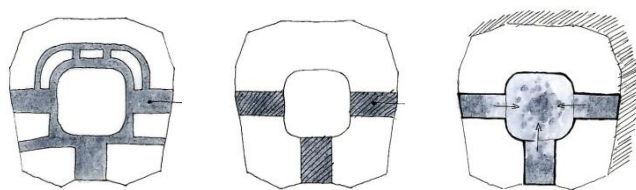
A residência, embora estabeleça relações físicas e visuais com o exterior envolvente, exerce grande controlo sobre o seu interior – o vazio central – através da relação visual proporcionada pela transparência e pela possível abertura dos espaços coletivos interiores ao exterior. Desta forma surgem múltiplas possibilidades de apropriação, mesmo que a residência se feche sobre si mesma, mas reunindo um grande sentido de coletividade.

Os espaços coletivos de convívio e atividades ligam-se aos espaços de transição. Sendo estes espaços de encontro espontâneo e contato social entre os residentes, multiplicam-se as possibilidades de desejo de apropriação do espaço coletivo – um convite à interação social. A relação visual ganha grande relevância, pois um residente que transite no corredor, tem a oportunidade de controlar o que se sucede no espaço coletivo interior e exterior – duas realidades diferentes mas complementares, e que poderão funcionar como uma. Este é um ponto positivo, pois o residente é levado a, inevitavelmente, contatar com a comunidade, ao passar pelos espaços coletivos até chegar ao seu quarto.

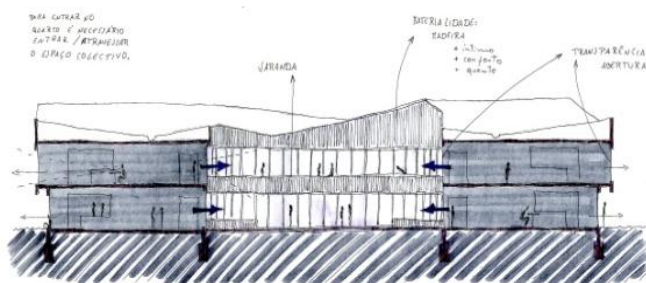
Na abertura do espaço coletivo interior com o espaço exterior contíguo, o primeiro expande-se e prolonga-se para o outro. Oferecem-se assim múltiplas formas de apropriação entre um e o outro, seja na execução de atividades, eventos, etc.



**Fig. 44 |** Planta do piso térreo da residência (registro gráfico do autor)



**Fig. 45** | Plantas esquemáticas do sistema de distribuição e restantes espaços coletivos (registos gráficos do autor)



**Fig. 46** | Corte mostrando a conexão das salas de atividades com o pátio central (registo gráfico do autor)

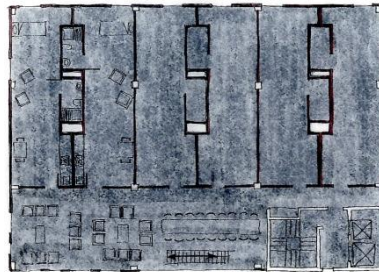
#### Residência Visoren de Gandia, Guallart Architects, Valência, 2011

A residência em estudo apresenta uma organização em quatro blocos diferentes, mas só analisaremos um.

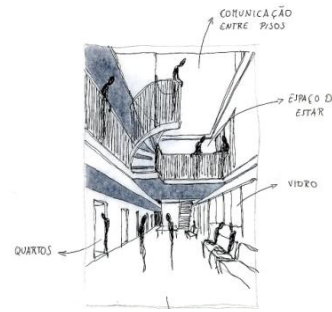
O espaço coletivo localiza-se junto ao plano de fachada e, embora não interaja fisicamente com exterior, proporciona uma ampla relação visual e entrada de luz natural. Não existem quaisquer limites físicos entre o espaço coletivo e o de distribuição. Um abre-se ao outro, e fundem-se.

Poder-se-á constatar uma gradação de coletividade entre limites opostos do mesmo bloco, desde o caráter mais coletivo ao mais individual e privado. No entanto, note-se a natureza da transição entre o quarto e o espaço de convívio – um confronto extremamente direto entre ambos. A abertura atribui qualidades e múltiplas potencialidades ao espaço coletivo – e na comunicação deste com os outros – mas não deverá comprometer a privacidade dos residentes. A intenção será proporcionar um convite ao convívio, e não de impingir um sentido de coletividade em detrimento da privacidade. Como já vimos, tão importante quanto a identidade coletiva, será também a identidade do indivíduo.

Embora estes espaços se caracterizem por alguma transparência e luminosidade através do vidro, não se nota uma abertura física com o exterior. De certa forma, pode-se afirmar que as impossibilidades de contacto físico com o exterior reduzem o número de possibilidades de apropriação neste, e deste com o exterior. O interior não se expande.



**Fig. 47** | Planta de piso de um bloco da residência (registo gráfico do autor)

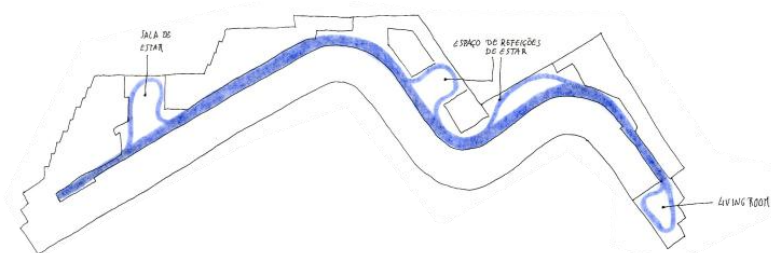


**Fig. 48** | Perspetiva mostrando a abertura dos espaços de convívio (registo gráfico do autor)

### Baker House, Alvar Aalto, Boston, 1948

Embora se configure segundo um desenho linear contínuo, o espaço de distribuição desta residência abre momentos excecionais onde diversas atividades e tarefas se podem desenrolar. Não obstante, um espaço de estar decorrente de espaços sobrantes pode considerar-se menos positivo para o estímulo da interação social entre a comunidade, uma vez que se encontra segregado ao final do espaço de distribuição. O acesso torna-se menos evidente e a apropriação menos espontânea.

No piso térreo é criado um espaço de 'lounge' entre a entrada e o espaço de refeições de duplo pé direito. O estudante encontra-se com os vizinhos que aqui socializam.



**Fig. 49** | Planta de piso esquemática mostrando a abertura do espaço de distribuição para espaços coletivos de estadia (registo gráfico do autor)

### **Caso Prático Desenvolvido**

O projeto de investigação prima-se pela conceção de espaços coletivos contínuos, proporcionando pelo menos abertura visual entre um espaço e o outro. O edifício é fortemente caracterizado por dois vazios exteriores – espaços exteriores contíguos à residência –, um dentro do outro. O vazio - um recinto aberto e polivalente<sup>103</sup> - permite o controlo social. Com este propomos abrir os espaços coletivos interiores. Expandem-se ao exterior e interagem com este, maximizando o número de possibilidades de apropriação.

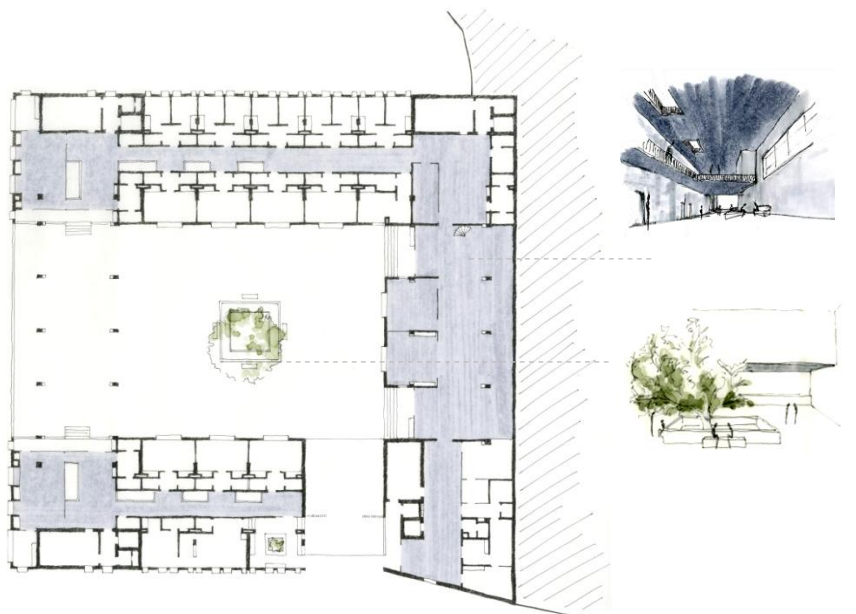
É também por este carácter de abertura que se maximizam as possibilidades de apropriação, ou o convite a esta, seja na relação visual desde o espaço interior para o exterior ou mesmo na expansão física deste que a abertura pode proporcionar. Por exemplo, na comunicação do espaço de estar com o pátio central, é possível prolongar a vida doméstica para o exterior. Estudar ou trabalhar lá fora, organizar eventos sociais entre o interior e o exterior, ou até mesmo, poder cozinhar e levar a refeição para o pátio enquanto se socializa com um vizinho e se contempla a paisagem lisboeta, debaixo da sombra, são exemplos disso. Esta apropriação do exterior pode também se constatar no pátio do piso -1 e no piso 3. Neste último, verifica-se a dilatação do espaço doméstico da cozinha para o exterior, onde se poderá fazer o mesmo que no piso 0. Pretende-se uma abordagem muito parecida à utilizada na Unidade de Habitação de Marselha, por Le Corbusier: apropria-se do terraço, do espaço exterior e da vista panorâmica.

Por último, mas não menos importante, é a conexão que se constata entre os espaços coletivos e os espaços de transição. Os primeiros apresentam-se como espaços de prolongamento de atividades que acontecem nos espaços de distribuição - onde acontecem encontros espontâneos e se desenvolvem conversas. O convite à interação social está lançado. O residente que passa no corredor já controla o espaço coletivo, podendo se despertar o interesse em fazer parte do

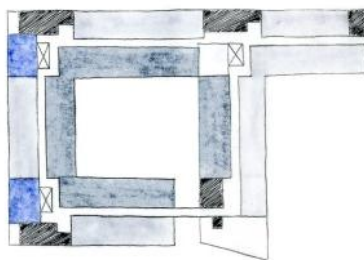
---

<sup>103</sup> RAMOS, Rui; *A Nossa Casa*, 44, piso 12, ap. 136 *Dois Pontos Para Outras Formas de Habitar*, *Jornal Arquitectos*, nº 205 Mar./Abr. 2002, Pág. 29

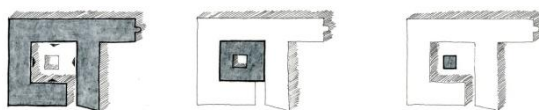
que ali acontece, ou apropriar-se simplesmente do espaço de forma espontâneo.



**Fig. 50** | Planta do caso prático à cota 68.30 mostrando abertura dos espaços coletivos contínuos interiores (registro gráfico do autor)



**Fig. 51** | Planta programática de piso à cota 75.30 – Legenda: Cinzento Claro- Quartos individuais, Cinzento Escuro- Quartos duplos, Azul- Cozinhas, Preto- Acessos verticais (registro gráfico do autor)



**Fig. 52** | Plantas esquemáticas mostrando relação entre edifício e espaços exteriores contíguos (registro gráfico do autor)



### 2.5.3. Vazios Interiores

Residência de Cuidados Assistidos, Chartier-Dalix Architects, Harbonnières, 2012

Um dos espaços coletivos de maior relevância é o grande hall de entrada e saída da residência. Não só funciona como espaço de transição, como também de estadia e revela-se um ponto positivo no que respeita à quantidade de vezes que os residentes se podem encontrar e interagir. Em adição ao caráter dinâmico do espaço, pode-se ainda contar com as relações visuais que aqui acontecem e que podem despertar o desejo de apropriação deste espaço. Caracteriza-se por ser um duplo pé direito, com o qual é possível exercer-se controlo visual a partir do segundo piso.

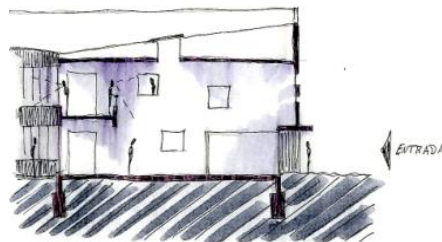


Fig. 53 | Corte do hall de entrada (registro gráfico do autor)

Residência Visoren de Gandia, Gualart Architects, Valência, 2011

Nesta residência, além dos espaços coletivos se abrirem à distribuição horizontal, também o fazem entre pisos, ligando-os num único grande espaço onde se reúne a identidade coletiva – onde se convive, se troca experiências e se aprende a habitar.

Nesta tridimensionalidade espacial conferida pelo vazio, possibilita-se o contato visual. O residente domina o espaço da comunidade, com a qual poderá desejar interagir. Pode-se assim suscitar a interação social com o outro, não só nos espaços de transição – que são os primordiais espaços de encontro espontâneo.

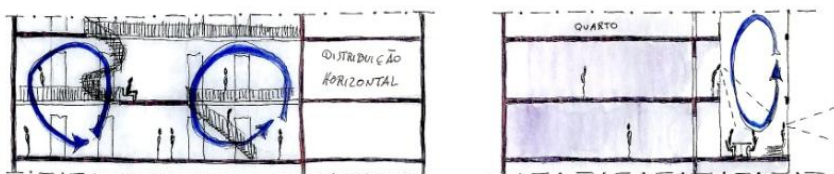


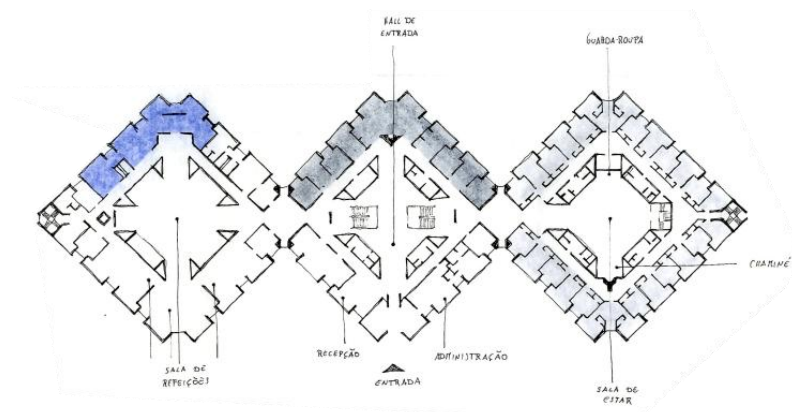
Fig. 54 | Cortes mostrando a abertura e relações visuais no espaço (registro gráfico do autor)



**Fig. 55 |** Sala de Estar de Erdman Hall  
(<http://flickr.com/photos/regulusalpha/galleries/72157626583327675>)

### Erdman Hall Dormitories, Louis Kahn, Pensilvânia, 1965

O alojamento é desenhado numa sequência de três elementos, cada um envolvendo um vazio de caráter diferente, e ligados por um espaço de distribuição que os ladeia. É possível observarmos alguns momentos a partir dos quais o residente pode estabelecer controlo visual sobre o vazio, aquele que é o próprio espaço de estar e convívio. O caráter de centralidade do vazio acolhe a comunidade-residente, onde tudo acontece. O grande espaço pode ser interpretado como encerrado, mas abre-se pontualmente aos espaços de distribuição, a partir dos quais já se controla o vazio.



**Fig. 56 |** Planta do piso térreo – espaços coletivos como vazios centrais (registo gráfico do autor)

### Caso Prático Desenvolvido

O vazio ganha grande protagonismo, não só para a entrada zenital de luz natural, mas tão mais particularmente pelo controlo visual que este permite. No desenho do espaço interior da residência, opta-se pela categorização de dois tipos de vazio, embora se possa refletir sobre o facto de um surgir em continuidade do outro, por toda a estrutura.

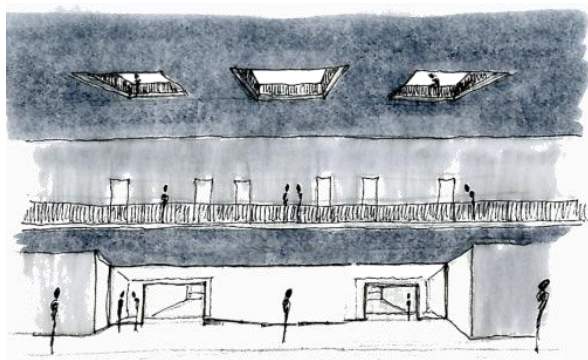
O vazio que acompanha o espaço de distribuição, entre os quartos, possibilita o controlo visual ao longo do percurso, dando a oportunidade de contatar com os residentes de outros pisos. Cria-se dinâmica e interação num espaço que é unido pelo vazio. Com estas relações, defende-se que o estudante adquire um sentimento de segurança e conforto, pois ele domina o espaço no qual transita e os



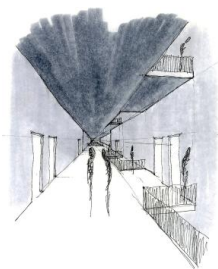
espaços com os quais este comunica. A dimensão do vazio varia, e a entrada de luz zenital confere um sentido de ritmo poético ao longo do caminho. Neste, encontramos vizinhos, e os espaços entre os vazios apresentam-se como bolsas onde nos podemos sentar e desenvolver uma conversa que se iniciou de forma espontânea.

Estes vazios mostram-se indispensáveis quando se localizam nos pisos superiores àquele onde se encontram os espaços coletivos de estar, convívio e trabalho, agregados no piso 0. O residente controla o que ali decorre.

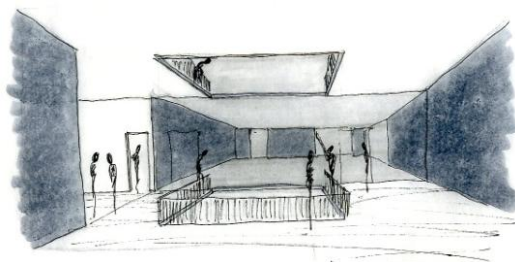
Os vazios que acontecem nos nós do edifício apresentam-se com uma caracterização diferente, pois localizam-se junto a espaços coletivos como cozinhas, espaços de estudo e até pequenos 'lobbies'. Um dos seus limites é sempre definido por um plano de vidro que confere continuidade vertical. O vazio respetivo à localização da receção e da entrada secundária superior é maior, pois tendo em conta o seu carácter de acolhimento, concluiu-se que poderia ganhar maior protagonismo.



**Fig. 57** | Os vazios nos espaços coletivos do piso térreo permitem controlo visual desde os pisos superiores (registo gráfico do autor)



**Fig. 58** | Perspetiva mostrando os vazios dos espaços de distribuição (registo gráfico do autor)

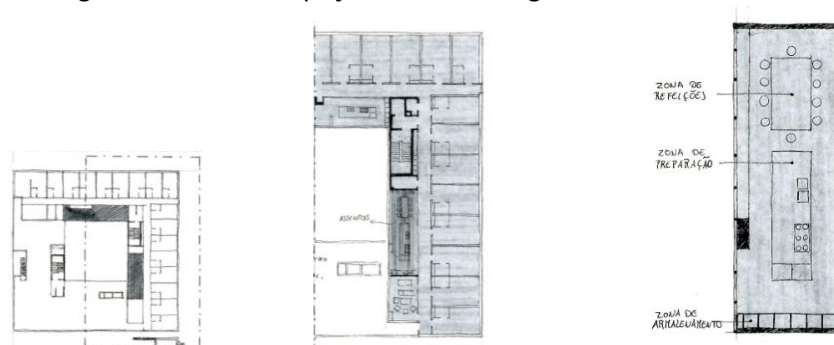


**Fig. 59** | Perspetiva do vazio junto à cozinha (registo gráfico do autor)

#### 2.5.4.A Cozinha

##### Residência de Estudantes Bikuben, AART Architects, Copenhaga, 2007

A presente residência é desenhada segundo a intenção de repensar o ambiente social no quotidiano do estudante. Os seus espaços maximizam as oportunidades de contato, evitando o isolamento e a falta de interação social. As cozinhas são criadas, não só como cenário de tarefas domésticas, mas também como espaços que acolhem a interação social. O seu desenho acontece em fusão com o espaço de distribuição. Um abre-se ao outro. Ou seja, o residente, até aceder ao respetivo quarto, é levado a passar neste espaço, reforçando o aspeto positivo para a socialização e integração no grupo. A organização espacial acontece segundo uma lógica central, em que os residentes enquanto preparam ou tomam a refeição podem conversar frente a frente, ou canto a canto (segundo a teoria de Sommer). Ou seja, os residentes podem reunir-se em redor da bancada e da mesa, trocando impressões sobre o seu quotidiano. Encontram-se alguns cacifos embutidos nas paredes, onde os residentes podem deixar utensílios e alimentos secos. A cozinha não interage com nenhum espaço exterior contíguo.



**Fig. 60 |** Plantas mostrando a localização e a organização espacial central da cozinha (registo gráfico do autor)

##### R3, Gonçalo Afonso Dias, Coimbra, 2003

Neste caso de estudo, não será difícil afirmar que a cozinha se encontra tão constrangida, ao ponto de não se abrir à comunidade para recebê-la, como espaço coletivo onde a interação social pode

surgir e se desenvolver. Encerra-se através de limites físicos com interior, embora tenha uma abertura visual para o exterior. A organização espacial do espaço parece não incentivar o contato com o outro, tendo em conta que o residente prepara as refeições virado para a parede, inibindo qualquer tipo de possibilidade de socialização com quem se apropria do espaço ao mesmo tempo que o residente.

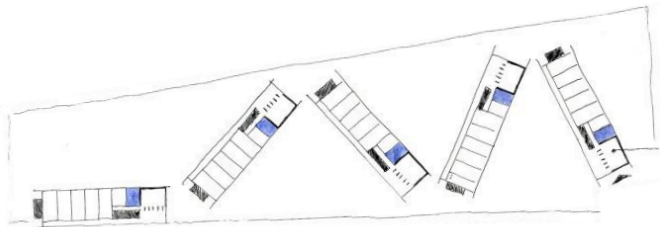


Fig. 61 | Planta de implantação – localização das cozinhas (registo gráfico do autor)

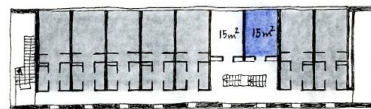


Fig. 62 | Planta do primeiro piso mostrando o encerramento da cozinha face ao espaço de distribuição (registo gráfico do autor)

#### Trinity Hall, Arup Associates, Cambridge, 1968

O alojamento organiza as zonas técnicas de forma parcial, ou seja, sem concentrar o mesmo uso numa mesma área. Enquanto em todos os pisos se encontram pequenos espaços onde se podem preparar refeições rápidas, é no piso térreo onde se pode utilizar uma cozinha completamente equipada. Esta estabelece comunicação com o espaço onde se tomam as refeições, mas fecha-se sobre si mesma. Localiza-se numa área escondida e a sua organização configura-se de forma a inibir qualquer apropriação que possa ser apazível e suscitar contatos.

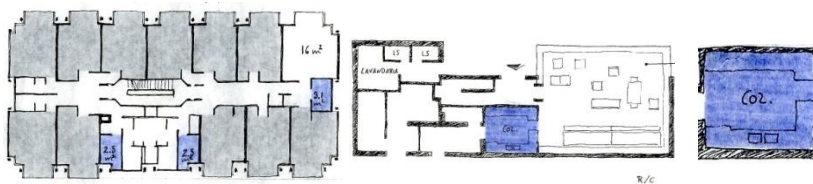


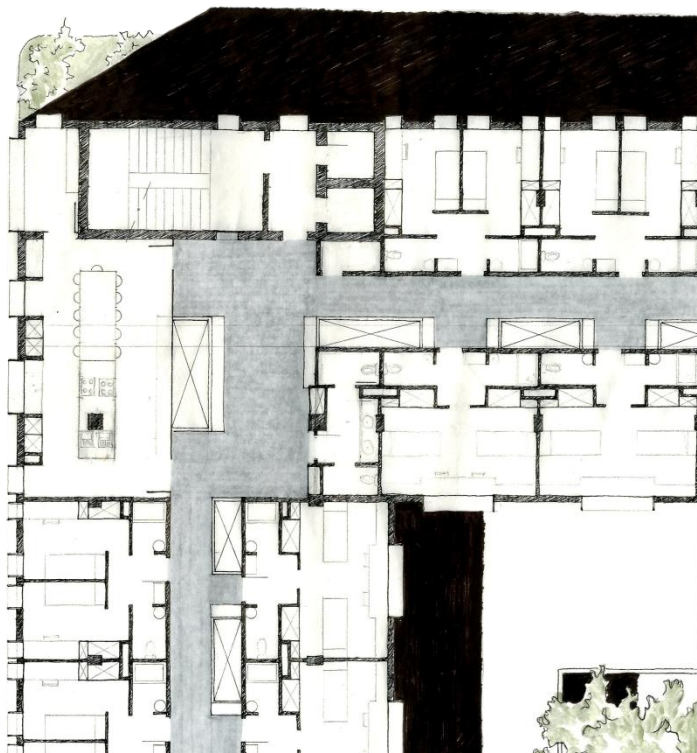
Fig. 63 | Composição de planta do primeiro piso e do piso térreo, mostrando os espaços de refeições rápidas e cozinha, respetivamente (registo gráfico do autor)

**Caso Prático Desenvolvido**

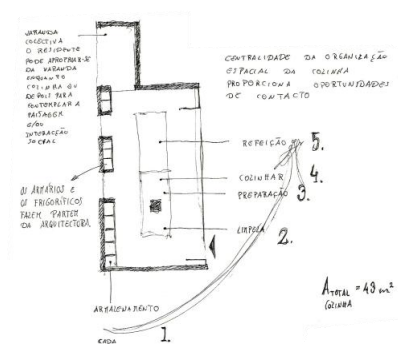
No nosso caso prático, a cozinha ganha grande importância. É neste espaço que os residentes passam parte do seu dia-a-dia, não só para preparar refeições mas também para encontrarem vizinhos e socializarem com eles. Este espaço pode apresentar-se como sendo um espaço de pausa no quotidiano. Como se pode observar, a cozinha, embora comunique com o espaço de distribuição, é limitada por um plano de vidro transparente que coincide com o limite do vazio vertical. O plano de vidro é usado não só para possibilitar o controlo visual a partir do respetivo piso e dos dois mais próximos (o superior e o inferior), como também para dar uma ideia de continuidade do espaço. A intenção é criar um plano que ligue todos os pisos, desde o mais alto até ao piso -1, unificando o espaço.

A organização espacial é pensada segundo uma lógica de centralidade como o exemplo de Bikuben. O pilar que atravessa o espaço da cozinha permite-nos criar uma relação antagónica, entre o pesado – o pilar – e o leve – a bancada e a mesa contínuas, embora com cotas diferentes. Proporciona-se aos residentes a oportunidade de estabelecer conversas frente a frente com o outro, e, ao mesmo, tempo, de contemplar a paisagem através do grande vão, enquanto se prepara a refeição. O plano da fachada revela-se espesso para poder encastrar alguns armários para alimentos, frigoríficos e lixo comum. Entre dois dos armários embutidos, cria-se uma bancada.

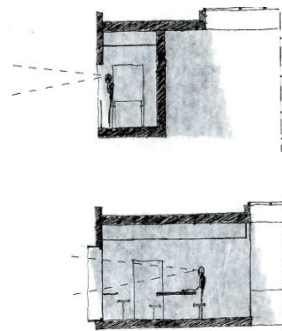
Para dar a oportunidade de apropriação voluntária do exterior cria-se uma varanda. As cozinhas dos pisos de cota 77.30 e 66.80 abrem-se a um espaço exterior amplo onde se pode tomar a refeição ao ar livre.



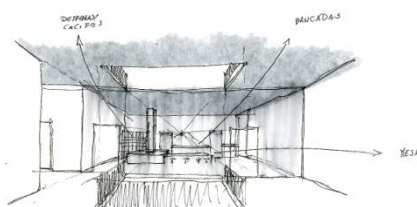
**Fig. 64** | Planta parcial do caso prático à cota 71.80 mostrando a relação da cozinha com o vazio e o espaço de distribuição horizontal (registro gráfico do autor)



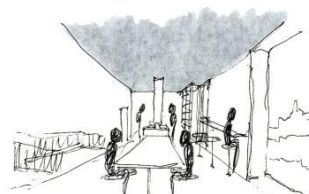
**Fig. 65** | Organização espacial da cozinha segundo ordem de preparação das refeições (registro gráfico do autor)



**Fig. 66** | Cortes da varanda e da cozinha mostrando a possibilidade de vista panorâmica (registro gráfico do autor)



**Fig. 67** | Perspetiva da relação visual entre o espaço de distribuição e a cozinha (registro gráfico do autor)



**Fig. 68** | Perspetiva interior da cozinha – bancada de refeições (registro gráfico do autor)



### 3. APRESENTAÇÃO DO CASO PRÁTICO

#### 3.1. Contexto

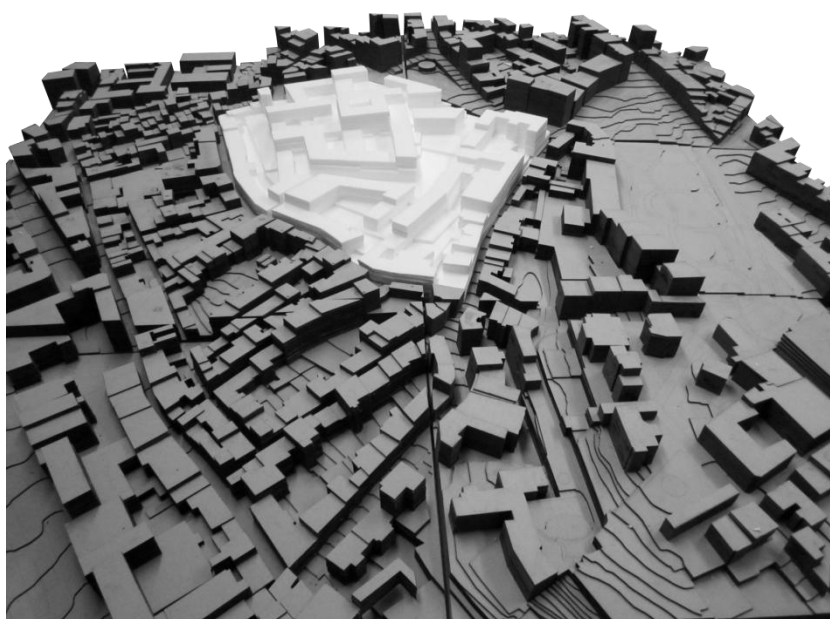
O projeto de investigação localiza-se na Colina de Sant'Ana, uma das sete colinas da cidade de Lisboa. Caracterizada pela concentração de conventos, hoje é conhecida como a Colina da Saúde, concentrando vários hospitais que tiveram origens nos antigos conventos: o Hospital de Santo António dos Capuchos, o Hospital do Desterro, o Hospital de São José, o Hospital de Santa Marta e, por último, o Hospital Miguel Bombarda. O terreno de intervenção é correspondente à área do primeiro.

É em 1928 que o Hospital ativa as suas funções, adaptando-se às infraestruturas preexistentes. Hoje, com a possibilidade da criação do Hospital de Todos os Santos, em Chelas, os hospitais enfrentam a iminência de desativação e encerramento, cujas funções serão acolhidas pela nova superfície hospitalar. Os hospitais do Desterro e Miguel Bombarda já se encontram desativados.

A colina de Sant'Ana tem sido alvo de grande transformação ao longo dos tempos. Alterou-se o desenho do tecido urbano e os usos. Hoje a população é envelhecida segundo o que se pode constatar nos censos de 2011, pois cerca de 30% da população residente tem idade igual ou superior a sessenta e cinco anos e cerca de 50 % entre vinte e cinco e sessenta e quatro. Face a este enquadramento, é pertinente intervir nesta área revitalizando-a e tornando a sua população mais jovem. O desafio é repensar a oportunidade de integrar esta superfície no tecido urbano envolvente, regenerando, conectando e criando novos nexos que poderão interagir com os usos próximos, e combatendo o carácter de núcleo isolado face ao construído próximo. A sua topografia privilegiada oferece a oportunidade de enfiamentos visuais múltiplos sobre a vista panorâmica lisboeta.



**Fig. 69 |** Planta de localização da proposta urbana (registo gráfico do autor)



**Fig. 70** | Implantação de uma proposta precedente – processo evolutivo de projeto (maquete do autor)



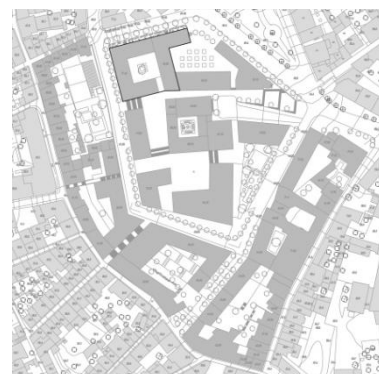
### 3.2.Estratégia e Proposta Urbana

A intervenção decorre de uma estratégia de revitalização desta área. Propõe-se o desenvolvimento de um programa de equipamento, comércio, espaços culturais e habitação.

A área apresenta-se como tendo uma localização estratégica entre a Faculdade de Medicina e a Universidade Autónoma de Lisboa. Neste sentido, sugere-se providenciar condições de apoio a essas entidades, tornando-se fulcral munir e preparar esta área para alojar os estudantes universitários, colmatando as suas necessidades quotidianas. Deste modo, atraem-se faixas etárias mais jovens, combatendo-se a grande percentagem de população envelhecida.

A Proposta Urbana baseia-se na intenção de facilitar o acesso a esta bolsa de cidade isolada a partir da sua envolvente próxima e integrá-la no tecido urbano, na cidade. Estrutura-se em duas zonas, entre as quais se cria um eixo principal - viário e pedonal. A zona de cota inferior inscreve-se no desenho urbano decorrente da lógica de quarteirão, em confluência com a função maioritariamente habitacional que a caracteriza. Ainda neste plano, propõem-se dois acessos pedonais e um viário e pedonal. Esta zona é fulcral para a introdução e transição de escalas e usos.

A zona a Norte assume um carácter de cidadela; é caracterizada por cotas mais altas e estabelece-se como que uma acrópole sobre a cidade de Lisboa, daí a relação visual com e a partir destes espaços públicos ser tão importante. Aqui acolhe-se a comunidade envolvente, embora se pretenda um enfoque sobre e para a comunidade universitária – onde se concentra a residência universitária, uma biblioteca, espaços de estudo e trabalho, um refeitório, um equipamento desportivo, entre outras valências. O princípio de organização e estruturação, ao contrário da zona inferior, apresenta-se segundo uma lógica elementar, criando uma sucessão de espaços públicos entre edifícios. No topo, desenham-se



**Fig. 71** | Planta de implantação da proposta (registo gráfico do autor)



**Fig. 72** | Planta esquemática do conceito – duas zonas (registo gráfico do autor)



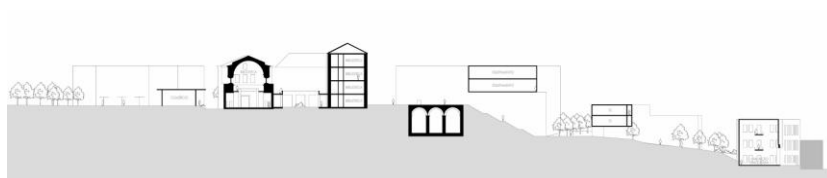
**Fig. 73** | Planta esquemática do sistema de acessibilidades – eixos viários e pedonais (registo gráfico do autor)



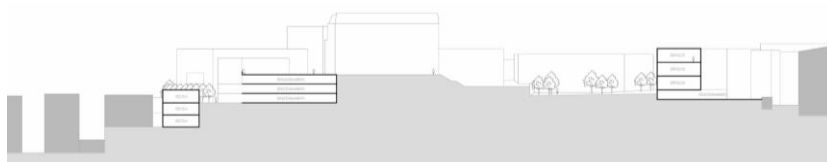
**Fig. 74** | Planta esquemática do sistema de vistas (registo gráfico do autor)

edifícios que rematam esta organização face ao tecido envolvente consolidado.

Esta área de intervenção e a respetiva proposta apresentam-se como uma possibilidade bastante pertinente para desenvolver o presente trabalho, tendo em vista não só a sua interação com a envolvente próxima, mas também com o todo.



**Fig. 75** | Corte Norte-Sul da proposta urbana (registro gráfico do autor)



**Fig. 76** | Corte Este-Oeste da proposta urbana (registro gráfico do autor)



**Fig. 77** | Perspetiva desde o promontório para São Pedro de Alcântara (registro gráfico do autor)



**Fig. 78** | Perspetiva do acesso viário em frente à residência universitária com vista panorâmica de Lisboa como fundo (registro gráfico do autor)

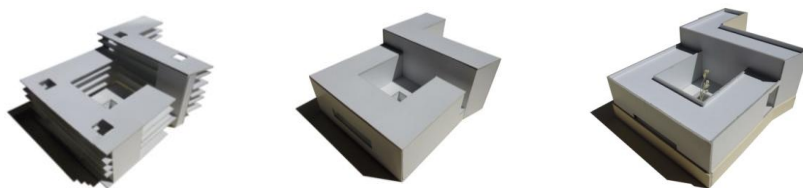
### 3.3.A Residência Universitária e o Lugar

Ao desenhar o edifício torna-se indispensável pensá-lo numa perspectiva de ligação e interação com a envolvente. Torna-se importante articular a configuração do edifício face às referências métricas próximas, daí se propor um desenho claustral como referência ao claustro do Convento dos Capuchos. Neste incentiva-se a proximidade dos residentes, a organização e o controlo sócio-espacial (como se apresentou anteriormente por Thomsen, a propóstio dos 'colleges'). De certa forma, pode-se concluir que se pretende que a comunidade viva para si e consigo mesma, estabelecendo relações de união e coesão social. Neste vazio inscreve-se, um outro menor, no piso térreo, que cria comunicação de todo o sistema, permitindo também a entrada de luz.

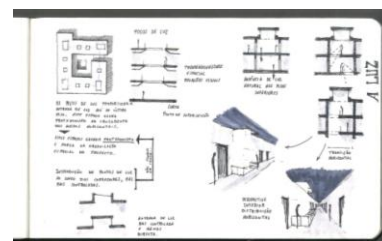
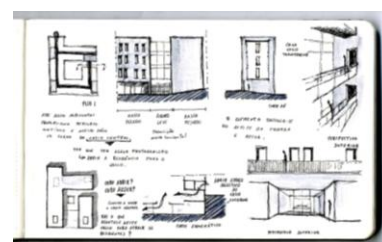
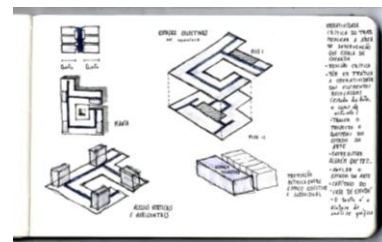
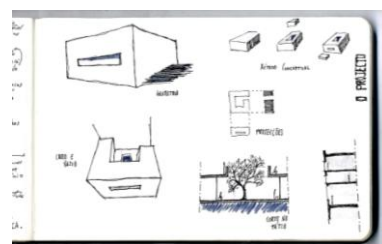
Embora o princípio seja este, não se pretende que a comunidade se isole do contexto. Ainda que o edifício se estabeleça autonomamente, ele vive da interação da sua comunidade com os equipamentos – biblioteca, refeitório, espaços de trabalho – e comércio próximos, inserindo-se numa grande estrutura especificamente projetada para os estudantes universitários.



**Fig. 80 |** Implantação da residência (maquete do autor, escala 1/500)



**Fig. 81 |** Estudos do edifício quanto a estrutura, forma e materialidade (maquetes do autor, escala 1/500)



**Fig. 79 |** Reflexões sobre a residência universitária - ver em Anexo II (registos gráficos do autor)

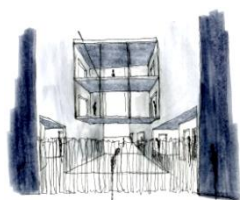


**Fig. 82** | Perspetiva do pátio interior - ver em Anexo II (registo gráfico do autor)

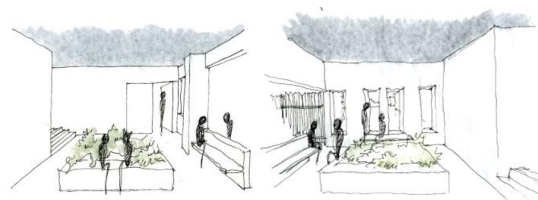


**Fig. 83** | Perspetiva da residência universitária mostrando os acessos - ver em Anexo II (registo gráfico do autor)

O vazio central apresenta dois momentos de comunicação com a envolvente. Um com a vista panorâmica do vale da Avenida da Liberdade, possibilitando a abertura e continuidade visual deste espaço exterior contíguo. O outro apresenta-se como um rasgo que se desenha segundo o enfiamento visual para a paisagem do rio que se avista entre o edificado além – no percurso de acesso ao promontório. Esta é também, a entrada principal da residência universitária, por onde se acede aos serviços administrativos e à receção, e a um acesso secundário privado. Pareceu-nos primordial orientá-la para os espaços públicos onde se concentraria a maior atividade, mas apresentando um ritual de transição entre o público e o privado.



**Fig. 84** | Perspetiva da entrada principal da residência (registo gráfico do autor)



**Fig. 85** | Perspetivas do acesso secundário junto ao apartamento do funcionário interno (registo gráfico do autor)

Os restantes acessos da residência – secundários e de carácter privado – acontecem em concordância com os fluxos de maior intensidade. Ou seja, facilita-se o acesso através das orientações correspondentes à localização da Universidade Autónoma de Lisboa – à cota 61.00 – e à da Faculdade de Medicina de Lisboa – à cota 69.40.

Opta-se por recuar a fachada - ou por cobrir a entrada – para que a transição exterior/interior e público/privado se faça subtilmente. Ainda, criam-se áreas de estacionamento para bicicletas dos residentes. Os assentos desenhados nestes espaços de transição e de encontro revelam-se importantes no que diz respeito ao encontro e interação social entre vizinhos.

A topografia do lugar poderia ter-se revelado crítica. No entanto, permitiu-nos estabelecer contatos visuais com a paisagem e uma gestão de cotas de pisos interiores que vieram introduzir a

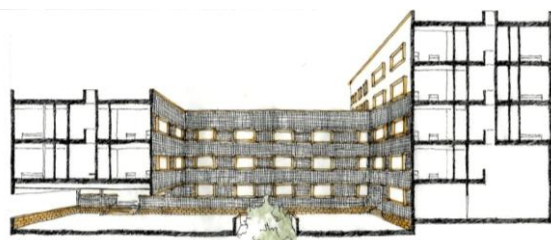
tridimensionalidade espacial, tão importante para a resolução da problemática apresentada.

A expressão formal do edifício num contexto tão consolidado e definido quanto este, é crucial para uma leitura integrada do objeto. Procedeu-se ao desenho de um embasamento contínuo em lioz e de vãos predominantemente verticais para a fachada frente-rua, conferindo-lhe ritmo. As caixas salientes na fachada são igualmente em lioz, e a métrica e proporção do vão são facilmente identificadas no entorno, estabelecendo uma relação integrada. A fachada do pátio ganha uma configuração diferente, tendo em conta que este reforça o sentido de interioridade e de coletividade. Nesta procede-se ao revestimento de azulejo e lioz, procedendo a um jogo de materialidades que confere dominância horizontal e contínua em alinhamento com os vãos horizontais dos espaços privados. O azulejo cerâmico branco conferirá mais claridade ao pátio e aos quartos virados a norte.

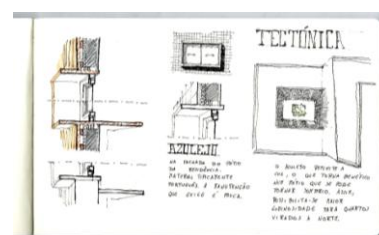
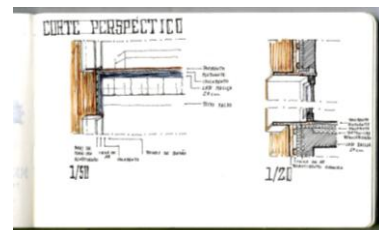
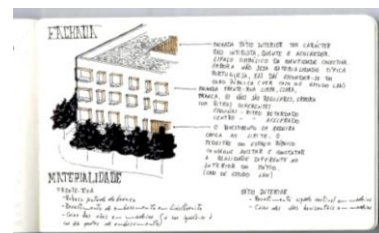
As exceções à regra que se denotam na ordem do alçado são tratadas como momentos de intervenção diferente, mas ainda fazendo parte da linguagem estabelecida.



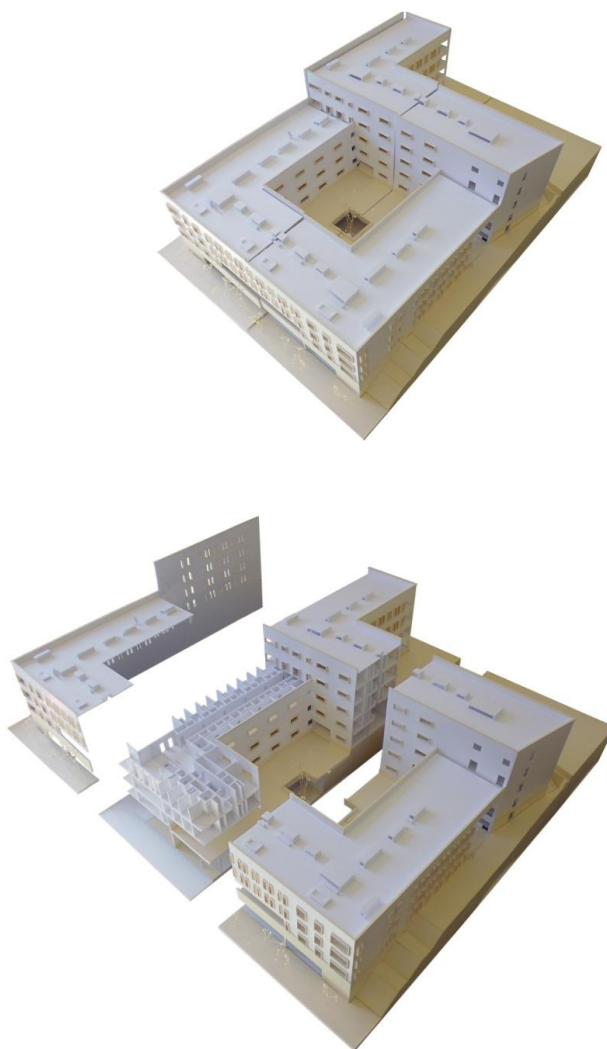
**Fig. 87** | Estudos de alçados da frente-rua (registos gráficos do autor)



**Fig. 88** | Perspetiva do pátio mostrando a materialidade em azulejo e a dominância horizontal pelas bandas de Lioz (registro gráfico do autor)



**Fig. 86** | Reflexões sobre materialidade - ver em Anexo II (registos gráficos do autor)



**Fig. 89** | A Residência Universitária – Maquete Final (maquete do autor, escala 1/100)



**Fig. 90** | Espacialidades Interiores – Maquete Final (maquete do autor, escala 1/100)

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente trabalho pretendeu-se pensar sobre o espaço coletivo de uma habitação como criador de oportunidades para o encontro, promovendo a interação social entre os residentes e, conseqüentemente, a crescente coesão social de uma comunidade que partilha o mesmo espaço.

Esta linha de trabalho tornou-se difícil pelo fato da investigação sobre o tema ser ainda escassa ou pouco divulgada. Embora se insira no campo da Arquitetura, aborda subtemas como a privacidade, a territorialidade e a dimensão social, impondo um grande exercício de raciocínio articulado e coeso entre estes, engendrando uma linha de pensamento com um objetivo específico. O exercício de resposta não se reduz à aplicação de conceitos. Apesar da complexidade que o trabalho exigiu, de abordar e relacionar diferentes subtemas, pode-se constatar que todos os objetivos foram alcançados.

No desenvolvimento da investigação, pelo reconhecimento bibliográfico e a par do desenvolvimento do caso prático, múltiplas questões surgiram, e às quais se tentou responder. Este processo foi determinante para a proposta final.

O desenvolvimento do tema poderia ter-se tornado mais vasto, pelo que foi necessário a imposição de balizas quanto à relação mais aprofundada com as ciências sociais. A realidade do isolamento social torna-se uma realidade cada vez mais acentuada, um amplo campo de estudo. Não obstante, é necessário combatê-la, podendo atribuir-se variações das relações sócio espaciais estudadas neste trabalho em diferentes modelos da tipologia habitacional.

Embora o trabalho se encerre, surge ainda o interesse de abordar outras questões que poderiam conduzir a uma reflexão mais aprofundada, pois uma questão desencadeia muitas outras: se a questão inicial envolve a esfera social humana, não seria pertinente aprofundar aspetos das práticas sociais quotidianas e domésticas, para então se compreender melhor como e que tipo de interação

acontecerá nestes espaços coletivos? Quanto à abertura e ao encerramento, falou-se destes num sentido lato, de extremos se assim se pode dizer. Tentou-se identificar as propriedades que atribuíam aos espaços e à transição entre eles. Mas não seria importante estudar as variações entre elas, tentando compreender as diferentes percepções que podem suscitar no potencial apropriador do espaço coletivo? E isto não poderá passar também por abordar aspetos de índole tectónica - investigando materialidades e combinações entre elas?

Com o decorrer do trabalho, excluiu-se o pensamento redutor de se considerar que a resposta aproximada ao que se pretendia estaria centrada exclusivamente sobre e no espaço coletivo. Ao invés, tornou-se necessário pensar na abertura do espaço como característica indispensável, em resposta à nossa questão. Com a abertura aumentar-se-ia o potencial de socialização entre os residentes. Vem conferir à estrutura espacial um carácter unificado, na qual se desenvolve o sentimento de segurança e se despoleta o interesse de apropriação e interação social. Pelo contrário, o encerramento faria deste sistema um somatório de espaços que pouco interagem entre si (visual e fisicamente), reduzindo as possibilidades de apropriação e contato. Esta propriedade do limite do espaço – abertura – maximiza a possibilidade de encontro espontâneo e interação entre residentes e, consequentemente, maior sentido de integração social na comunidade em que se inserem.

Embora se tenha concluído a importância da abertura no limite do espaço coletivo, é indispensável que o desenho do espaço apresente uma crescente compartimentação em direção aos espaços individuais e privados, criando-se espaços válvula que permitem um ritual de transição e a preservação da privacidade.

Os espaços de distribuição são entendidos como prolongamentos do espaço coletivo de convivência, apresentando momentos de estadia que possam suscitar o encontro e interação social – às entradas da



residência, à porta dos quartos, nos *lobbies*, à entrada das cozinhas, etc. Os vazios criados nestes espaços permitem o controlo visual com os espaços coletivos nos restantes pisos, possibilitando ao residente o interesse pela integração nas atividades a decorrer nesses espaços.

A cozinha apresenta-se como ponto nevrálgico, não só na sua organização espacial central que possibilita o confronto frontal com o outro e interação, como também pelas relações de comunicação com outros espaços coletivos. Cria-se a oportunidade de prolongar a apropriação que se faz deste espaço para o exterior contíguo, para o pátio da residência no piso 0 ou para a cobertura percorrível no piso 3. Aqui podem ocorrer encontros espontâneos enquanto se contempla o panorama de Lisboa.

Em conclusão, a supressão do limite ou criação de barreiras transparentes entre espaços coletivos, a criação de momentos de estadia nos espaços de distribuição e os pátios exteriores contíguos como expansão dos espaços coletivos interiores, ganham grande importância no caso prático desenvolvido, estimulando o interesse pela apropriação, o encontro, a estadia e o convívio.

O que se pretende é que esta solução final seja uma possibilidade de resposta, entre muitas outras, suscetível de ser refletida, debatida e reinterpretada para outros contextos, modelos e tipologias.

**Palavras:** 18 391



## 5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### MONOGRAFIAS

- CHERMAYEFF**, Serge, **ALEXANDER**, Christopher, *Comunidad Y Privacidad*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1963
- CHERMAYEFF**, Serge; **TZONIS**, Alexander, *Shape of Community*, Penguin Books, Middlesex, 1971
- COLOMINA**, Beatriz; *Privacy and Publicity*, MIT Press, Massachusetts, 1994
- GALFETTI**, Gustau Gili ; *Minha casa, meu paraíso : a construção do universo doméstico ideal*, Lisboa, Blau, 1999
- GALFETTI**, Gustau Gili ; *Não é somente uma questão de dimensões*, Casas Refúgio, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002
- GEHL**, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhaga, 2010
- HANSON**, Julianne; **HILLIER**, Bill, *The Social Logic of Space*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984
- HERTZBERGER**, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 2006
- HIGINO**, Nuno; *Álvaro Siza. Desenhar a Hospitalidade*, Matosinhos, Casa da Arquitectura, 2012
- Instituto Brasileiro de Administração Municipal**, *Quando A Rua Vira Casa*, São Paulo, Projeto, 1985
- MUGA**, Henrique; *Psicologia da Arquitectura*, Canelas, Edições Gailivro, 2005
- MULLINS**, William; *Student Housing: Architectural and Social Aspects*, Minnesota, Praeger, 1971
- NORBERG-SCHULZ**, Christian; *Intentions in Architecture*, Massachusetts, The MIT Press, 1992
- PEREIRA**, Sandra Marques; *Casa e mudança social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*, Lisboa, Caleidoscópio, 2010
- RYBCZYNSKI**, Witold, *La Casa: Historia de Una Idea*, Madrid, Editorial Nerea, 1986

**RODRIGUES**, Maria Madeira; *O que é Arquitectura*, Lisboa, Quimera, 2002

**SPELLER**, Gerda M., A Importância da Vinculação ao Lugar, Contextos Humanos e Psicologia Ambiental, org. Luis Soczka, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005

#### PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

**COELHO**, António Baptista; *Apropriação e satisfação residencial*, Sociedade e Território, nº 25-26, Fev. 1998, Pág. 140 - 149

**MENEZES**, Marluci, Representações coletivas e reformulações sócio-espaciais no Bairro da Madragoa, Sociedade e Território, nº 25-26, Fev. 1998, Pág.89 - 102

**NEVES**, Gonçalo Seica; A República do Pré-Kys-Tão, *Jornal Arquitectos*", nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Pág. 27 - 31

**RODEIA**, João Belo; **SAINT-MAURICE**, Júlio De, Incentivo à Partilha, *Arquitectura e Vida* nº 18 Julho/Agosto, 2001, Lisboa, Loja da Imagem Marketing Comunicação e Gestão, Lda., Pág.64 - 69

**SOUSA**, Luís Paulo; Repúblicas de Coimbra: o Alojamento Estudantil de que Portugal Precisa, *Jornal Arquitectos*, nº 204, (Jan./Fev. 2002), Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Pág.22 - 25

#### TESES E PROVAS ACADÉMICAS

**BOTELHO**, Simão Silveira, Espaços de Transição – Preservação da Privacidade e Estímulo do Contacto Social, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010, Tese de Mestrado

**THOMSEN**, Judith; Student Housing – Student Homes? Aspects of Student Housing Satisfaction, Trondheim, NTNU, 2008, Tese de Doutoramento

#### LINKS INTERNET

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos\\_quadros](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros)

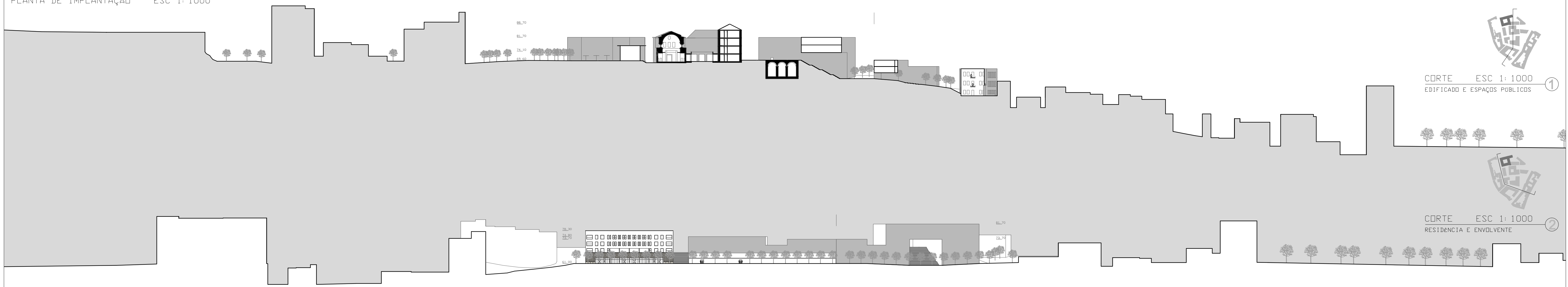
## **6.COMPONENTES COMPLEMENTARES DO PROJETO FINAL DE MESTRADO**







PLANTA DE IMPLANTAÇÃO    ESC 1: 1000



CORTES 1    ESC 1: 1000  
EDIFÍCIO E ESPAÇOS PÚBLICOS

CORTES 2    ESC 1: 1000  
RESIDÊNCIA E ENVOLVENTE

# ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA



RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

PROGRAMA

COBERTURA

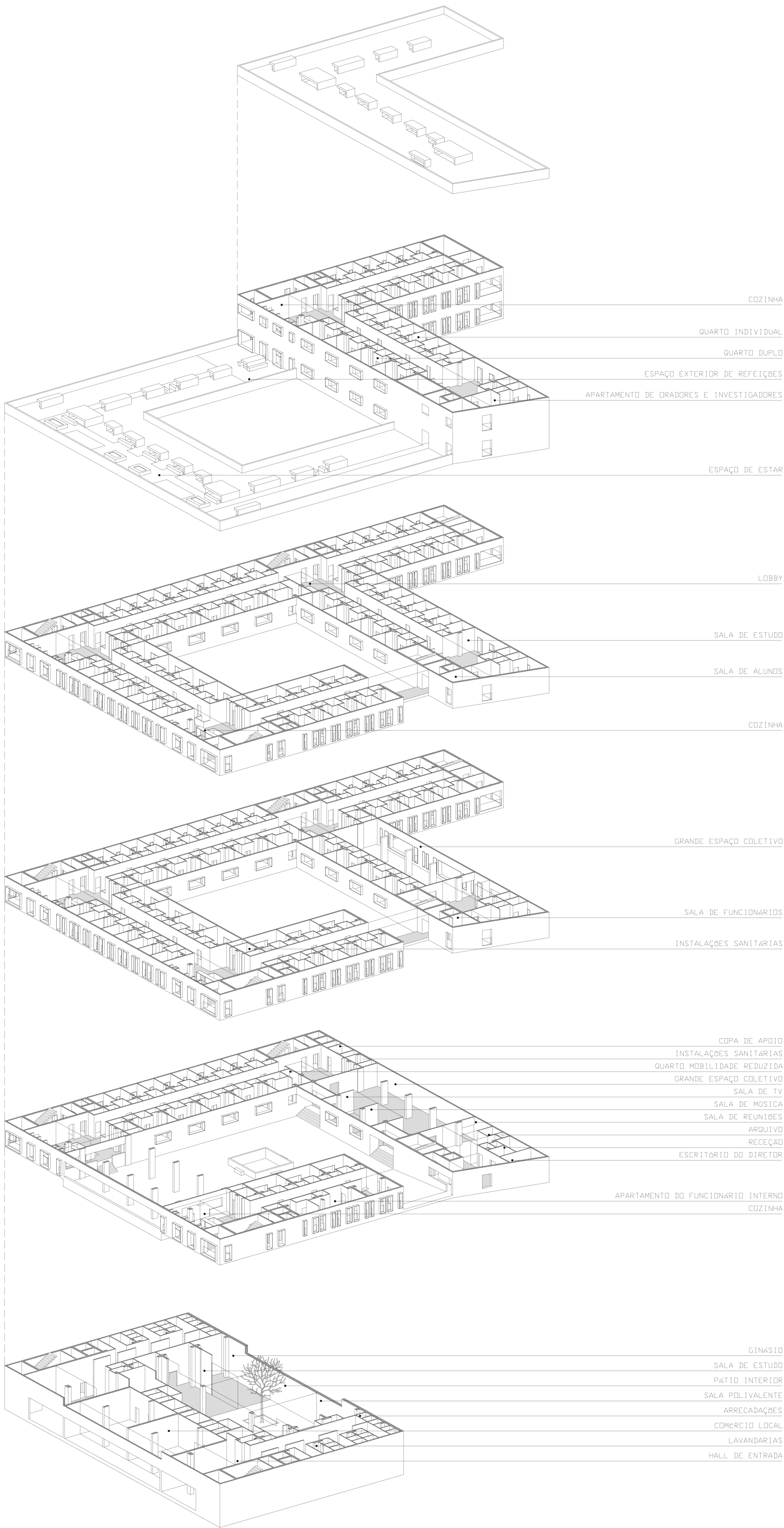
PISO 3 E 4

PISO 2

PISO 1

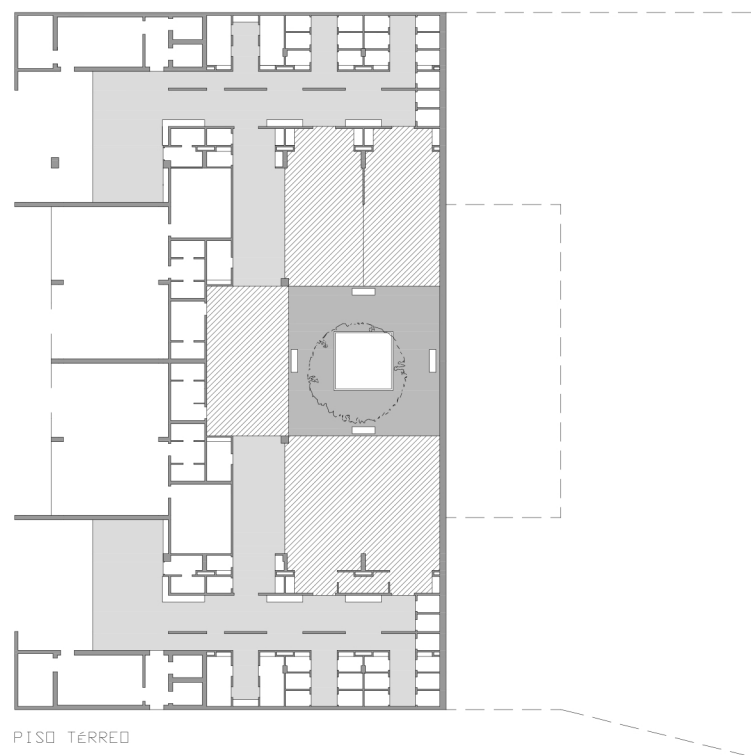
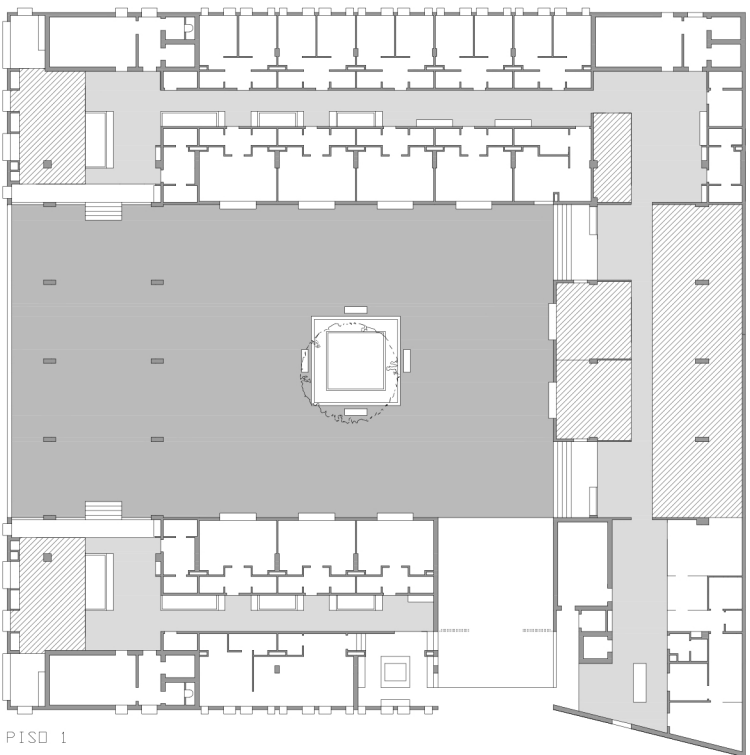
PISO 0

PISO -1



ESPAÇO COLETIVO E ABERTURA

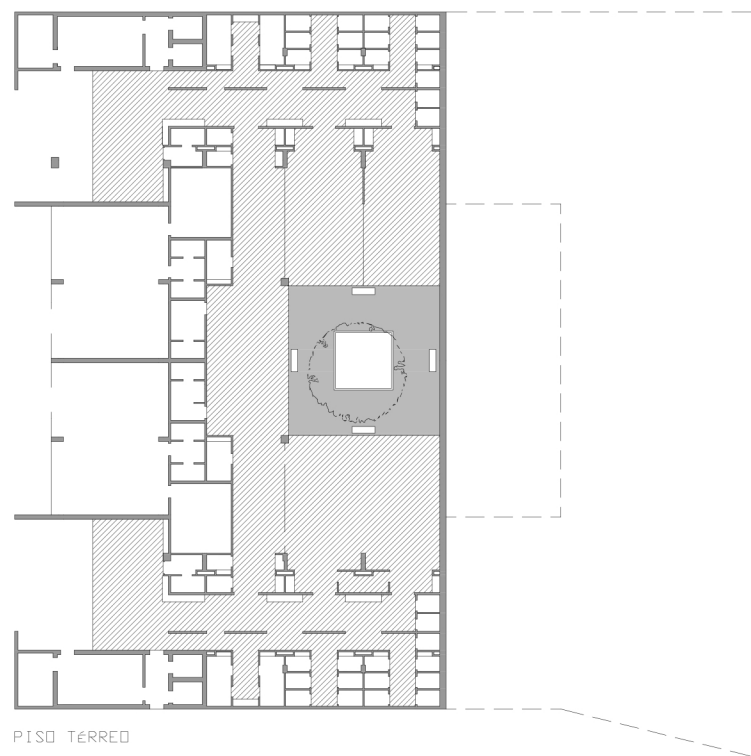
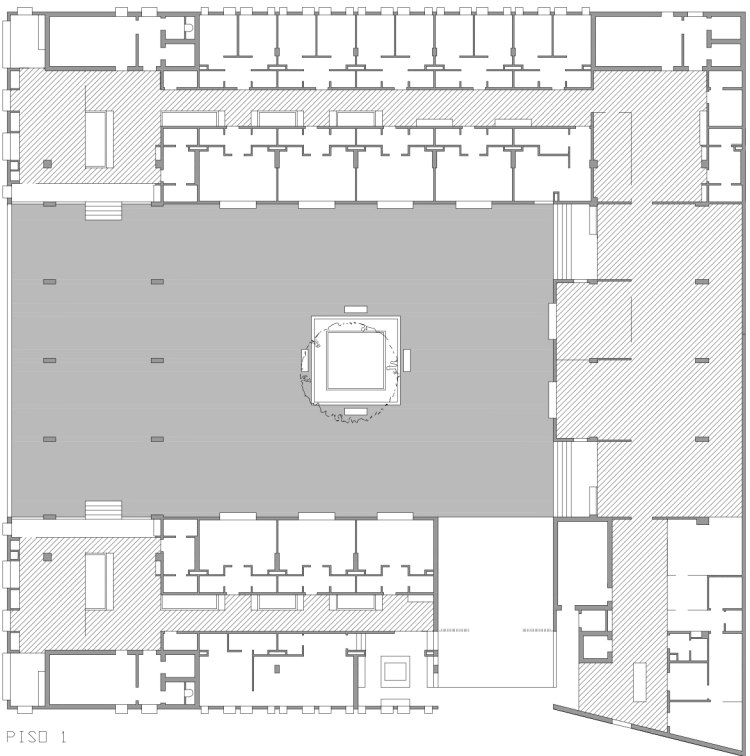
CLASSIFICAÇÃO DE ESPAÇOS COLETIVOS



LEGENDA

- ESPAÇO COLETIVO INTERIOR - ESTADIA, CONVÍVIO E TRABALHO
- ESPAÇO COLETIVO DE DISTRIBUIÇÃO
- ESPAÇO COLETIVO EXTERIOR CONTÍGUO

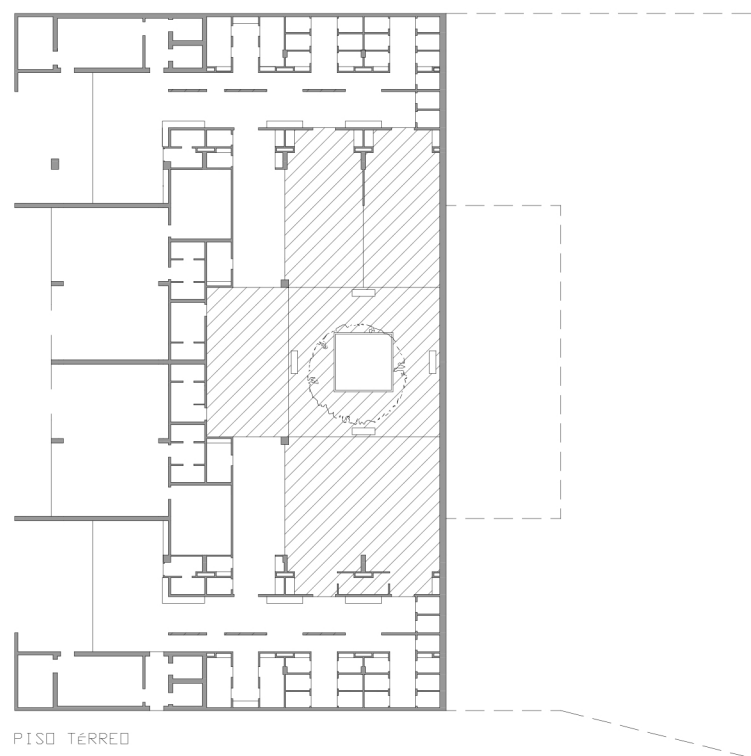
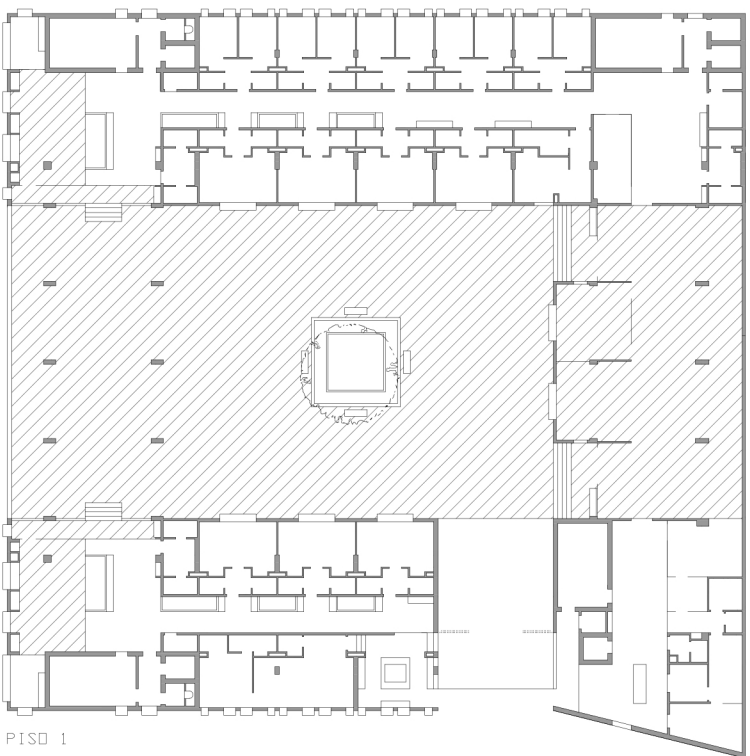
ESPAÇOS COLETIVOS INTERIORES COMUNICANTES



LEGENDA

- ESPAÇO COLETIVO INTERIOR
- ESPAÇO COLETIVO EXTERIOR CONTÍGUO

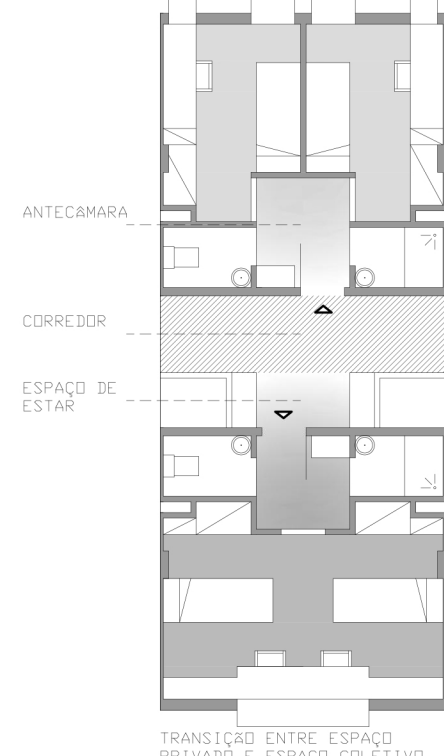
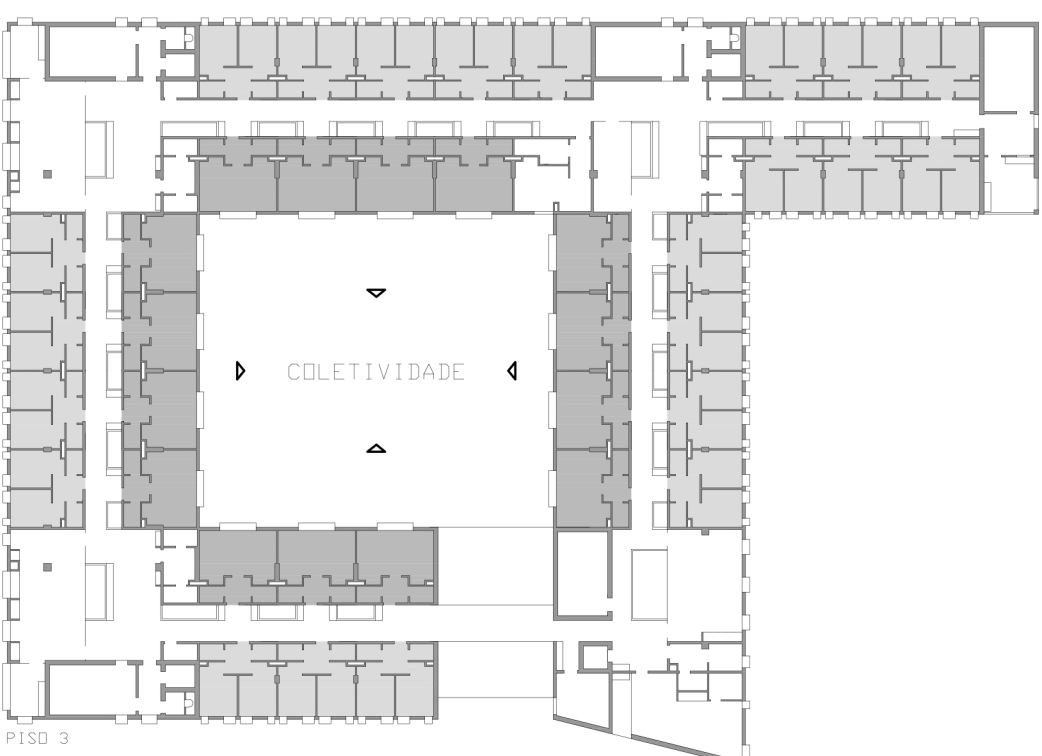
ESPAÇO COLETIVO CENTRAL - ABERTURA E EXPANSÃO



LEGENDA

- ESPAÇOS COLETIVOS COMUNICANTES

ESPAÇOS PRIVADOS



LEGENDA

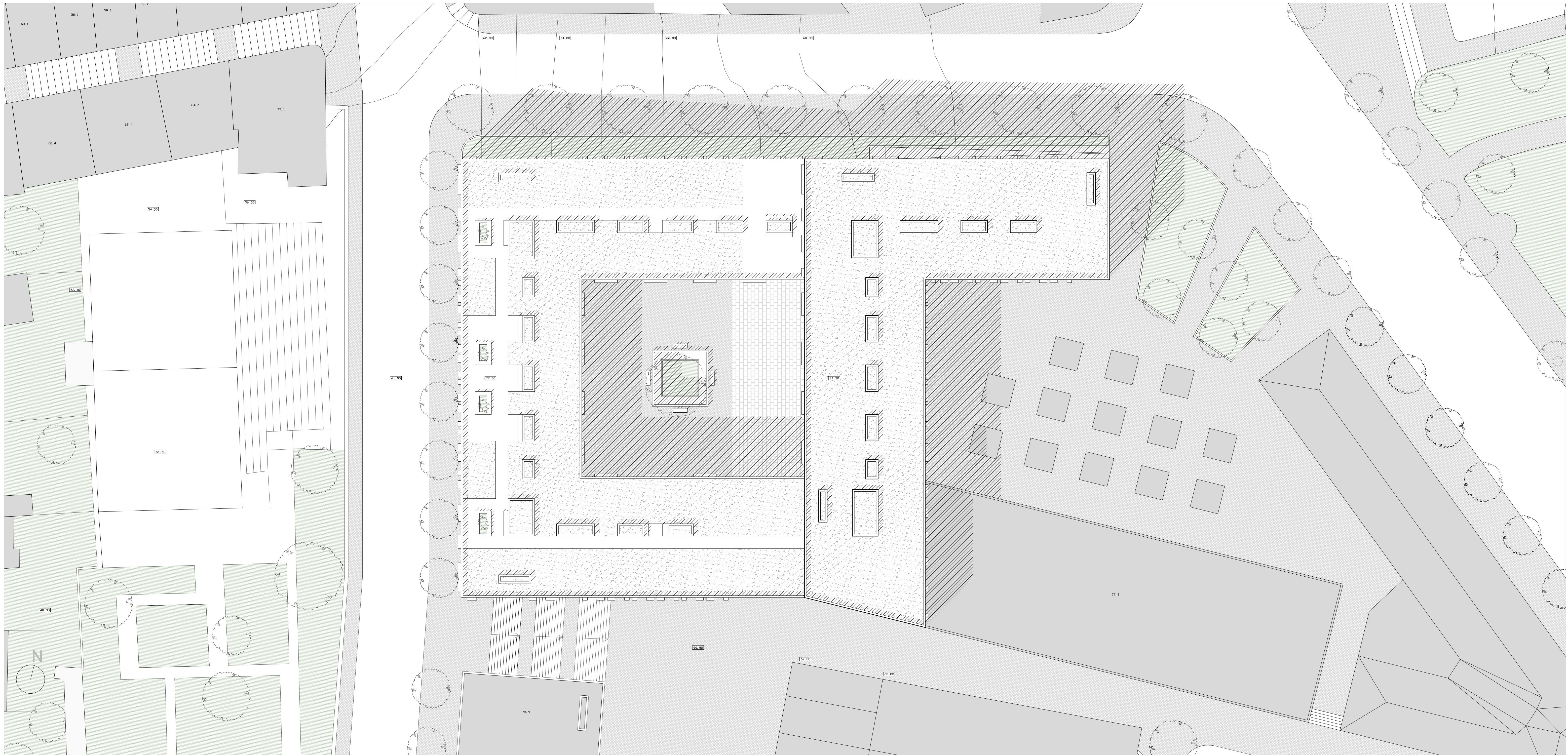
- QUARTO INDIVIDUAL
- QUARTO DUPLO

ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA







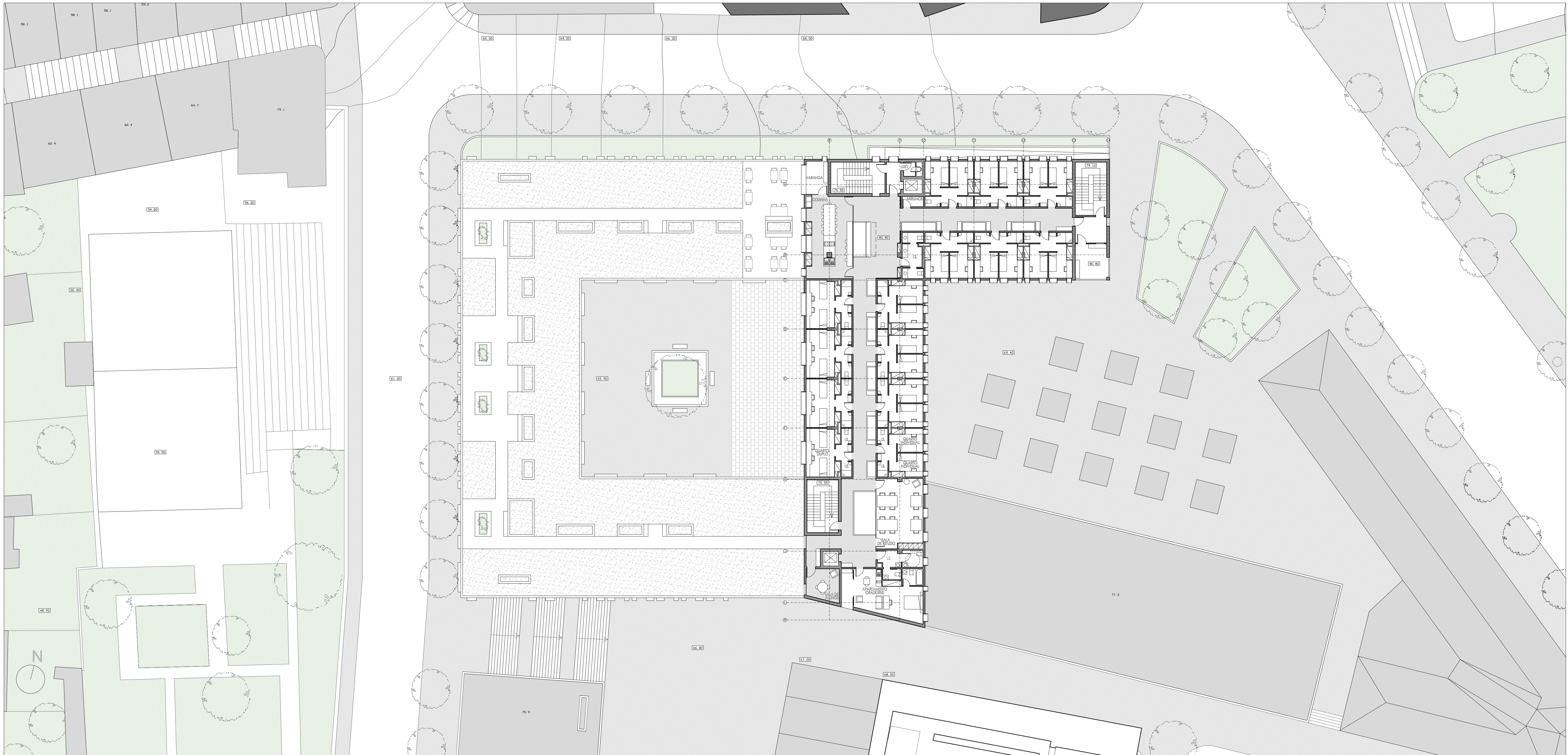
PLANTA DE COBERTURA ESC 1: 200



## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA





PLANTA A COTA 82.30 ESC 1:200

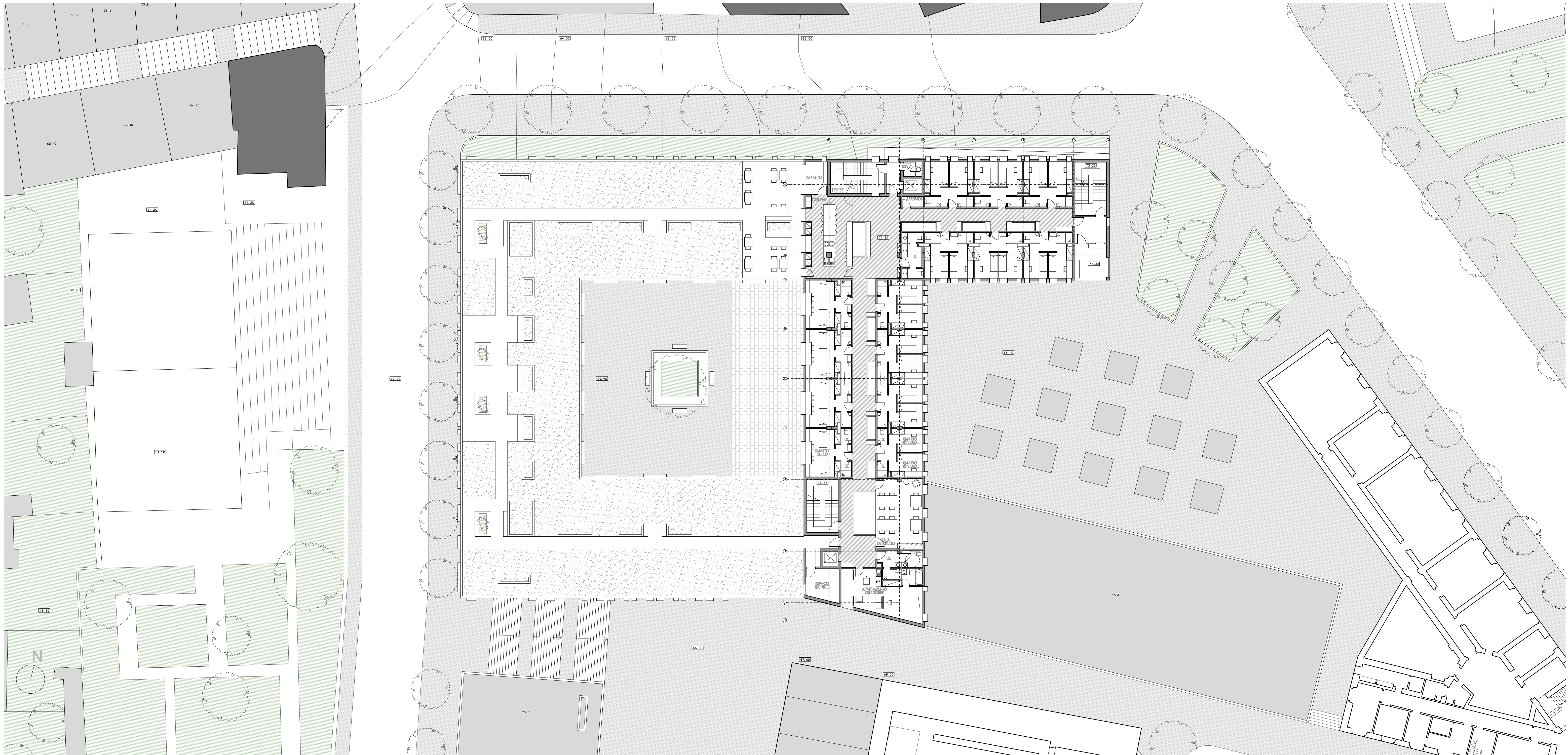


CORTE ESC 1:200  
ENTRADA SECUNDÁRIA PELA PRAÇA

## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA





PLANTA A COTA 78.80 ESC 1:200

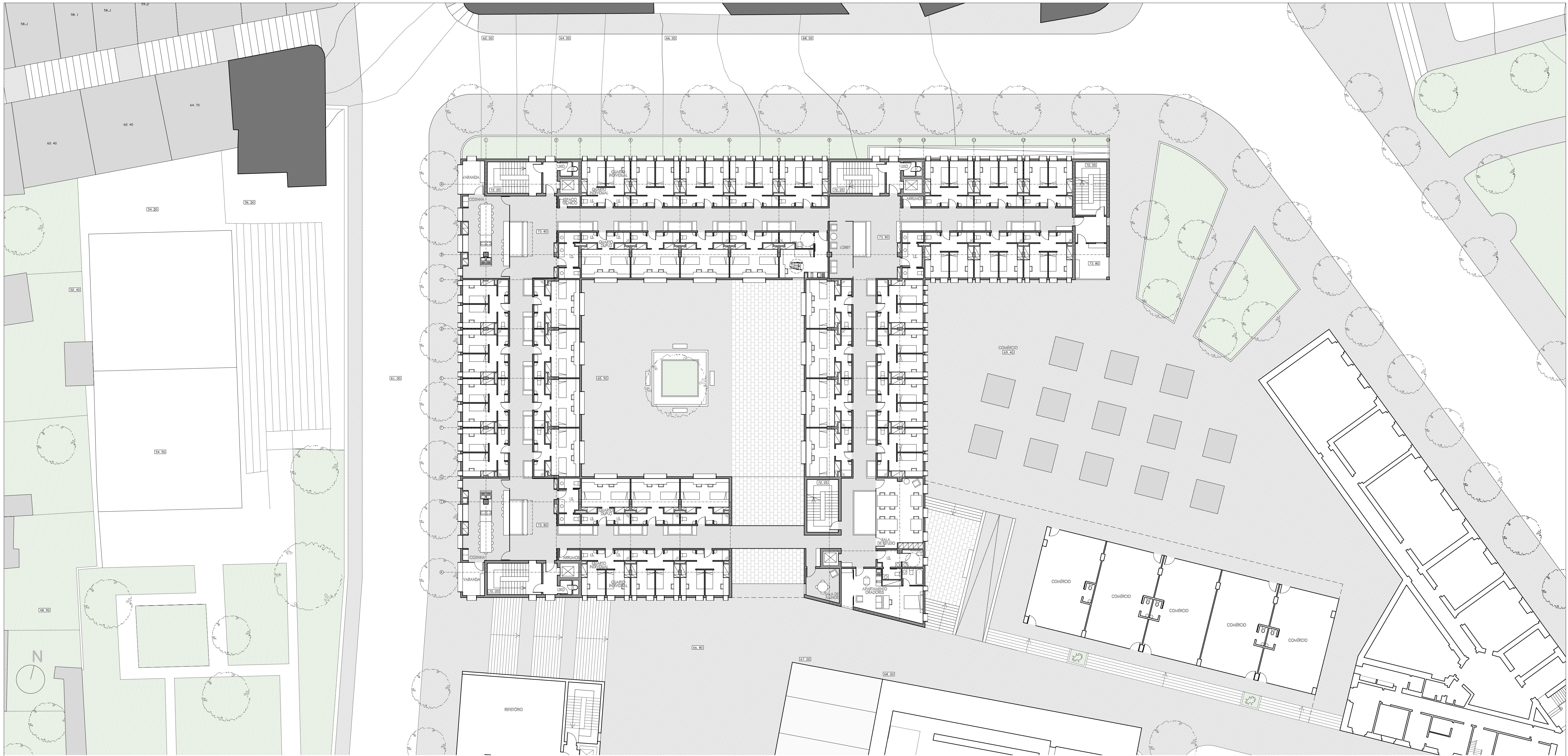


ALÇADO ESC 1:200  
CALÇADA DE SANTO ANTÓNIO 3

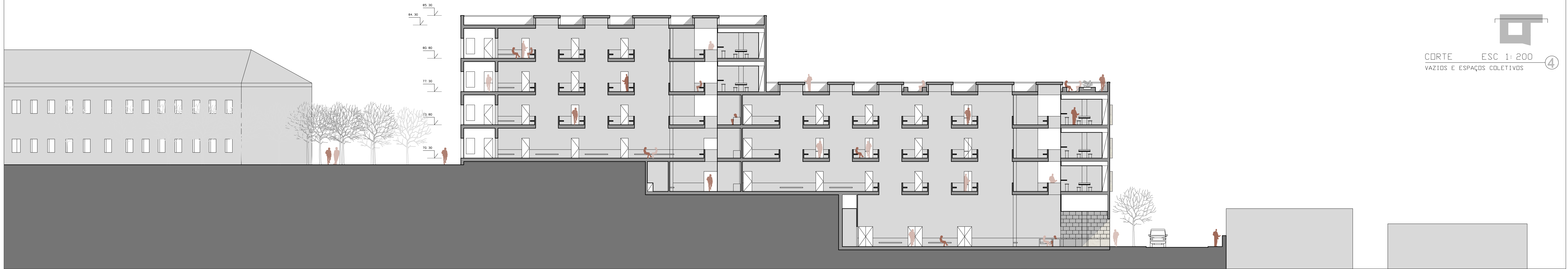
## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA



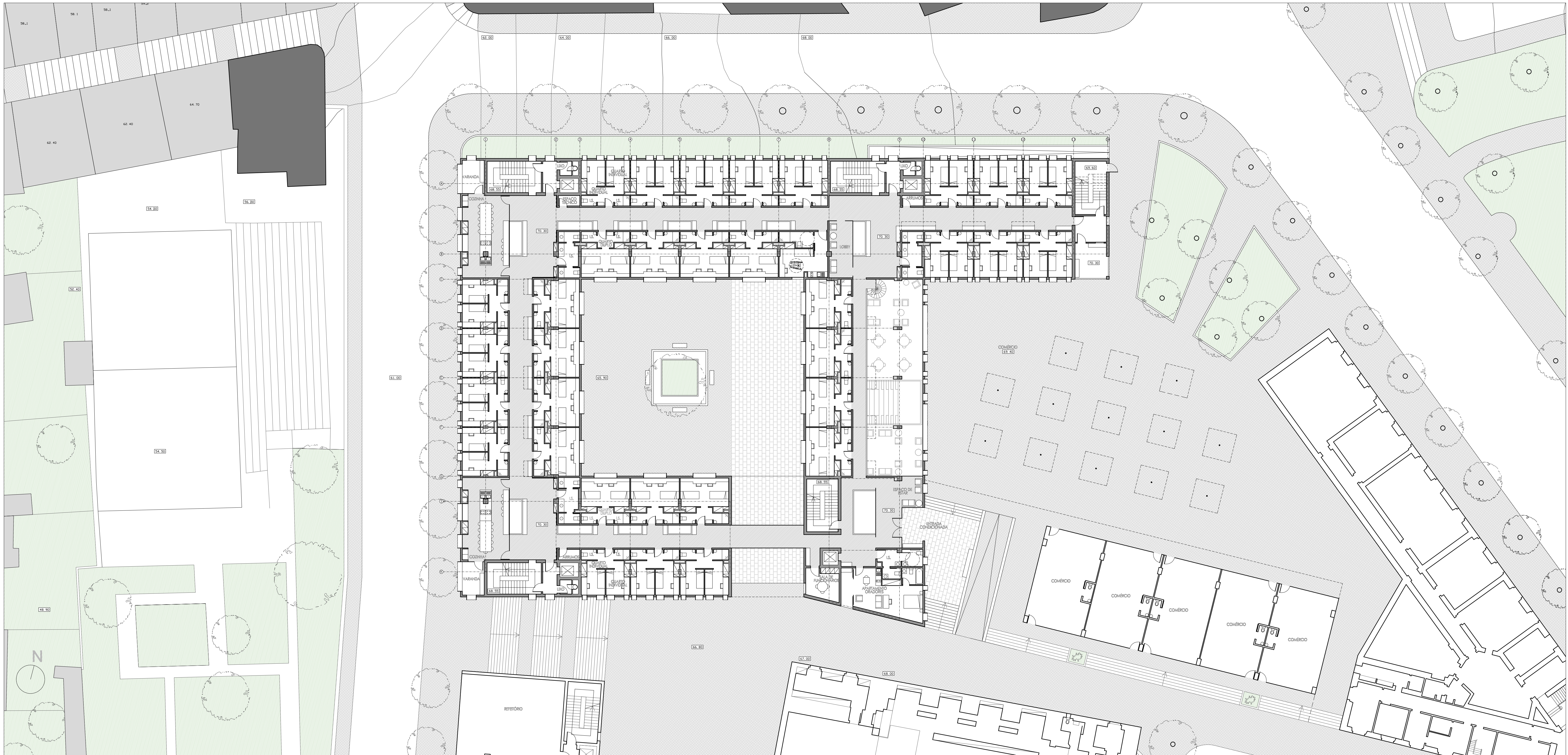


PLANTA A COTA 75.30    ESC 1:200

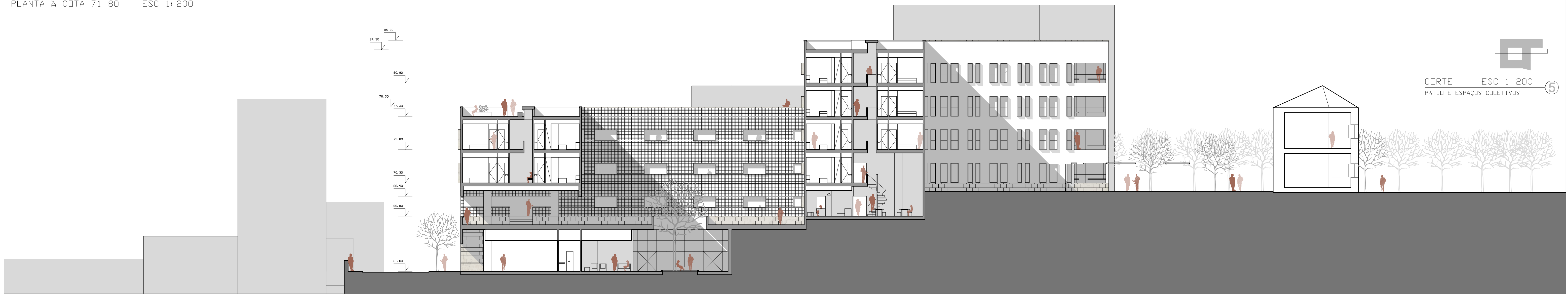


CORTE    ESC 1:200  
VAZIOS E ESPAÇOS COLETIVOS





PLANTA A COTA 71.80 ESC 1:200

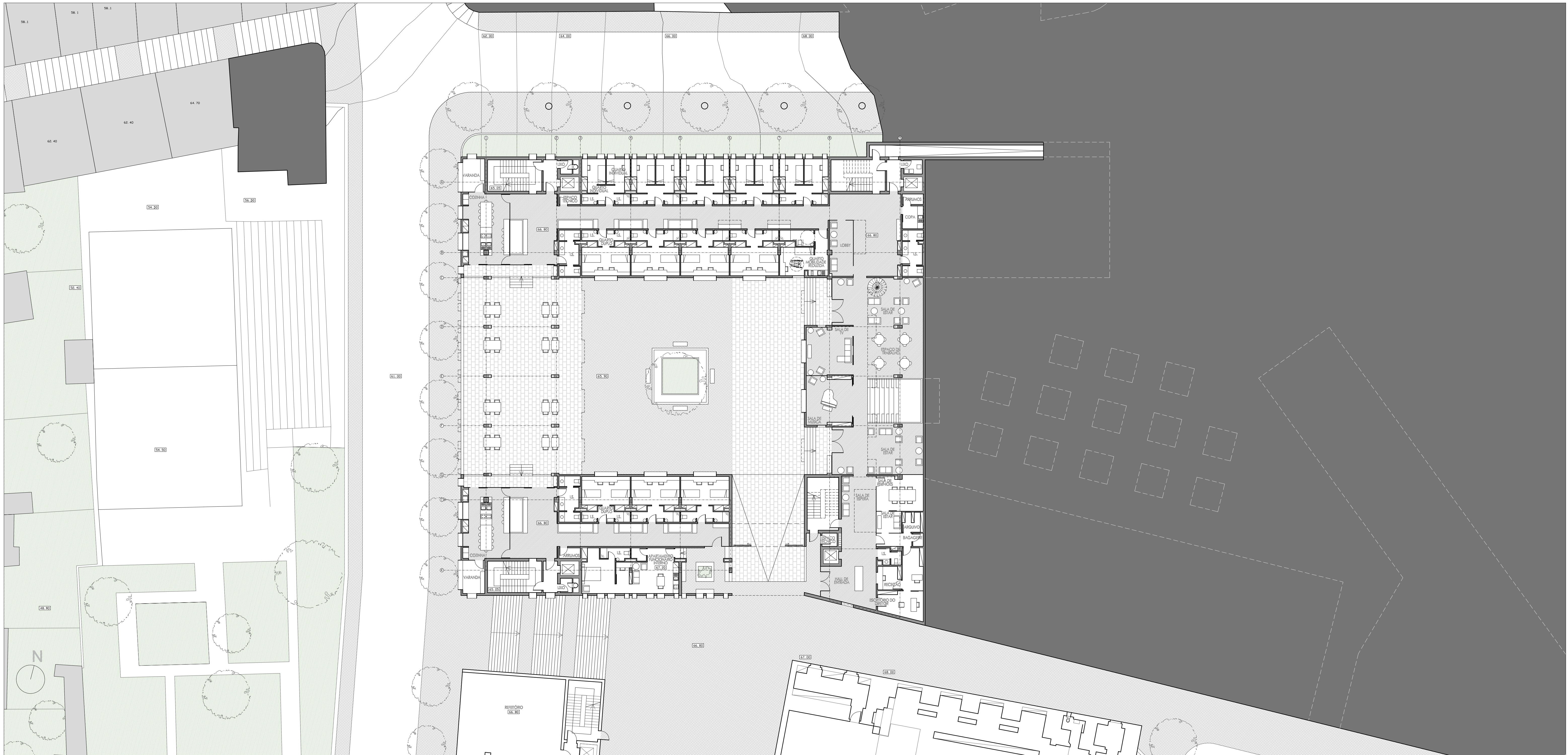


CORTE ESC 1:200  
PÁTIO E ESPAÇOS COLETIVOS 5

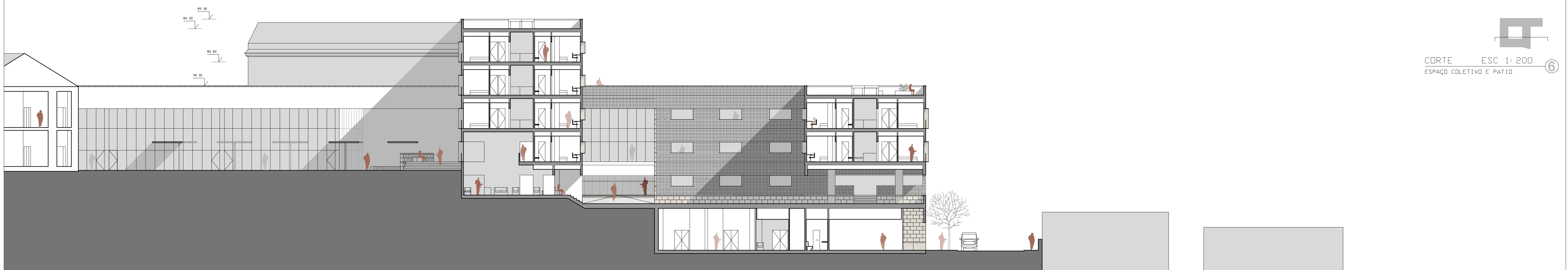
# ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA





PLANTA A COTA 68.30 ESC 1:200



CORTE ESC 1:200  
ESPAÇO COLETIVO E PÁTIO



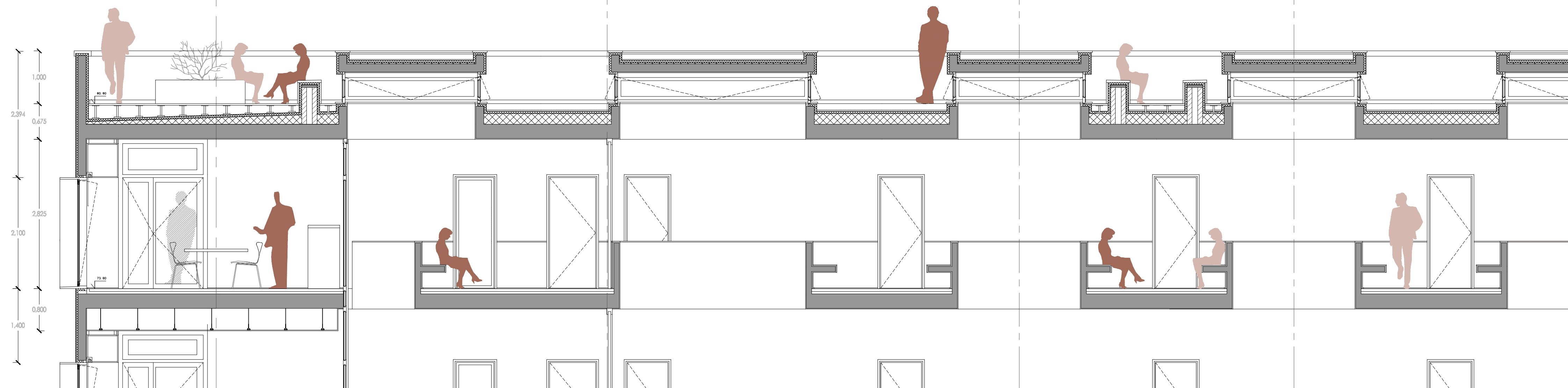








PLANTA 73.80 ESC 1:50  
ESPAÇOS PRIVADOS E COLETIVOS ①

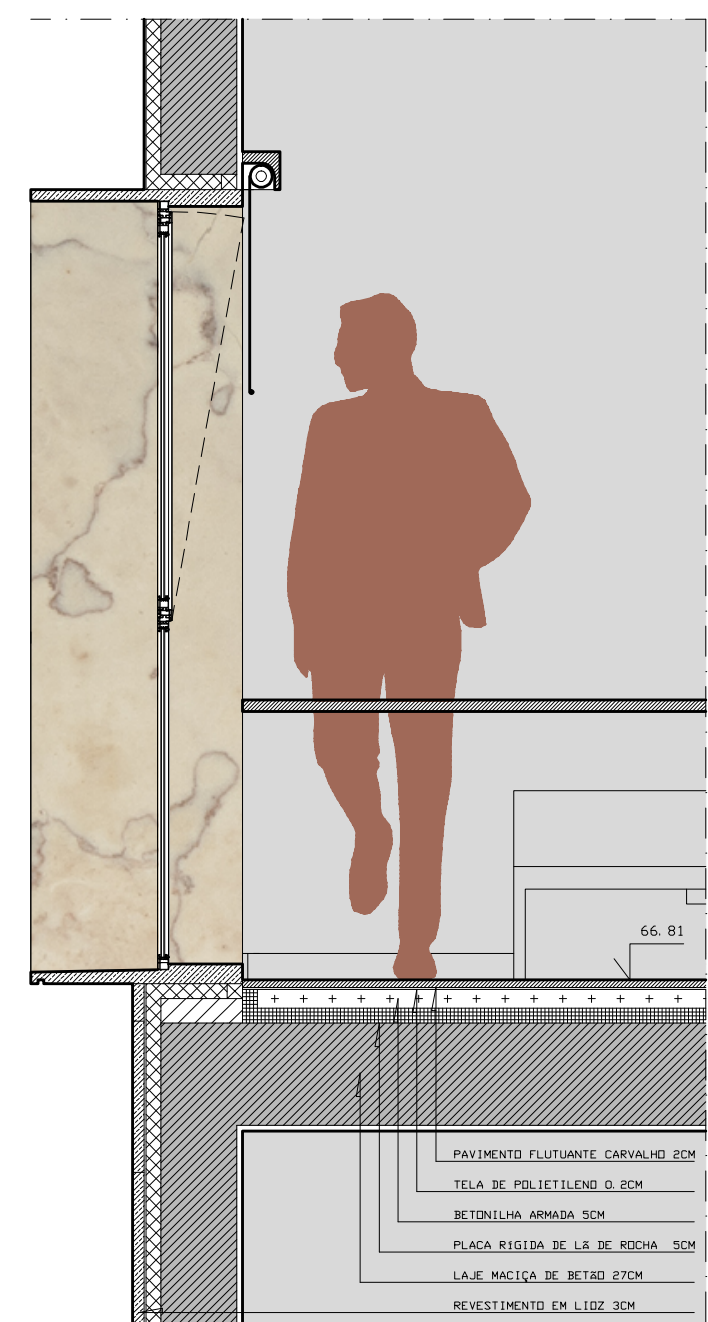
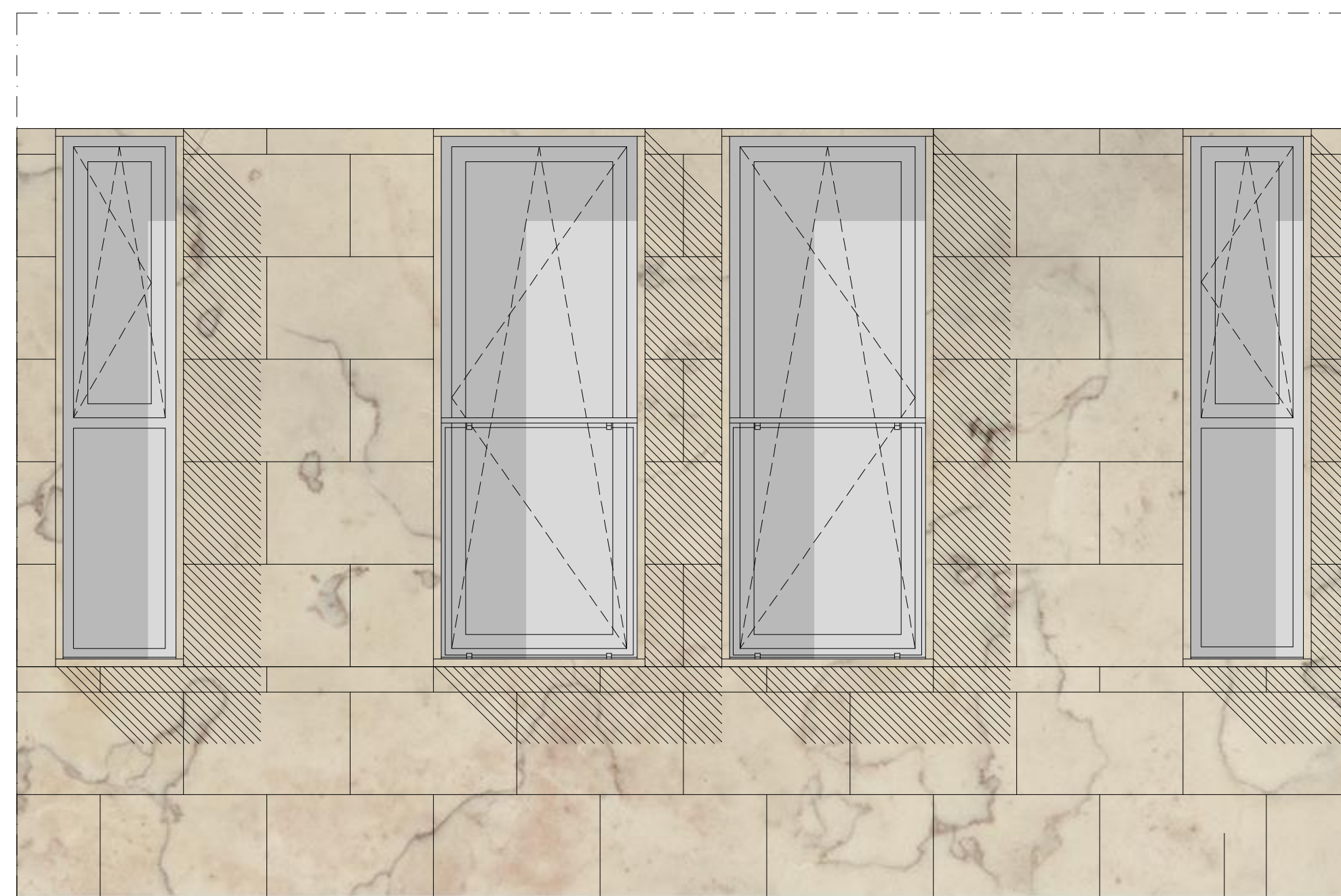
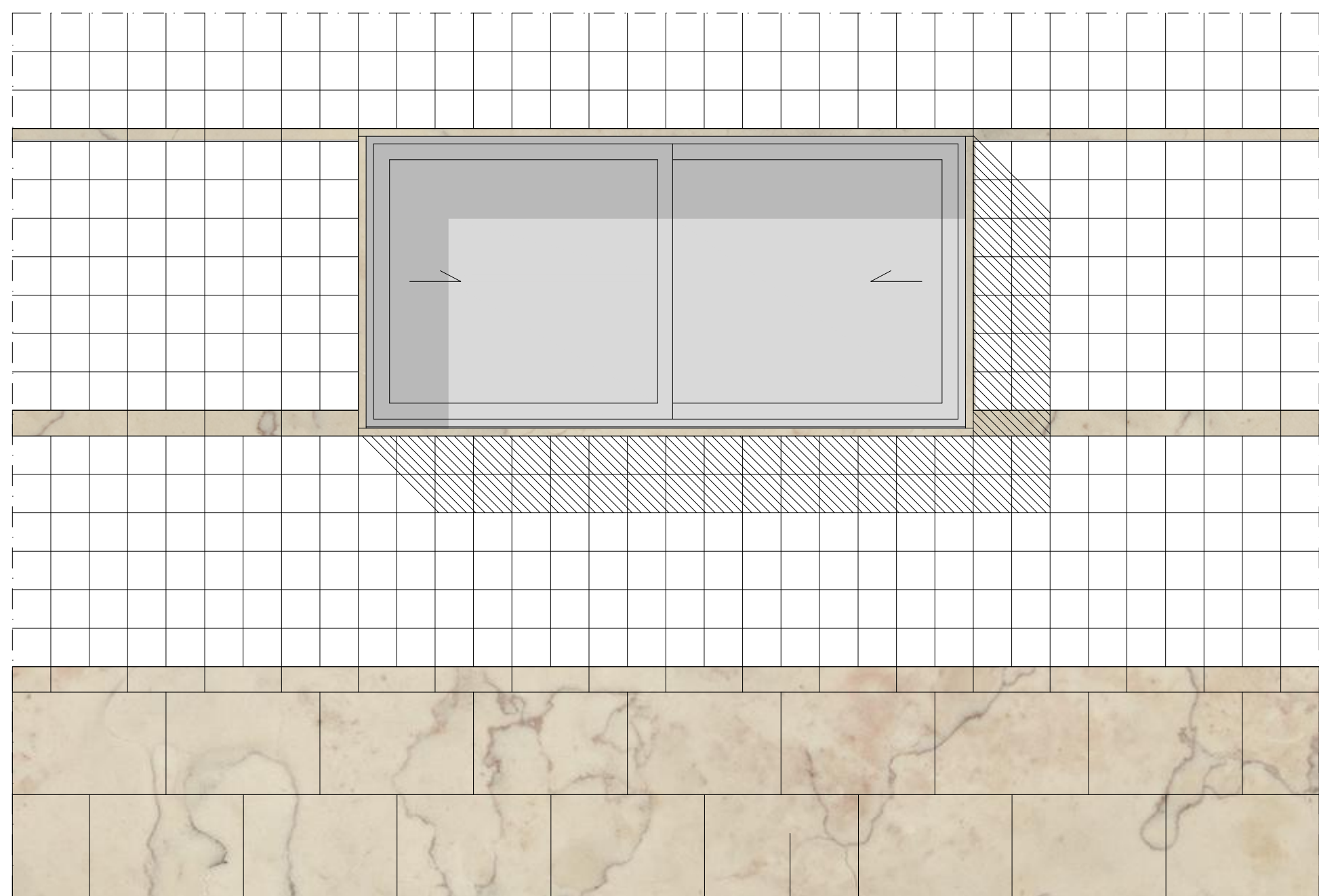
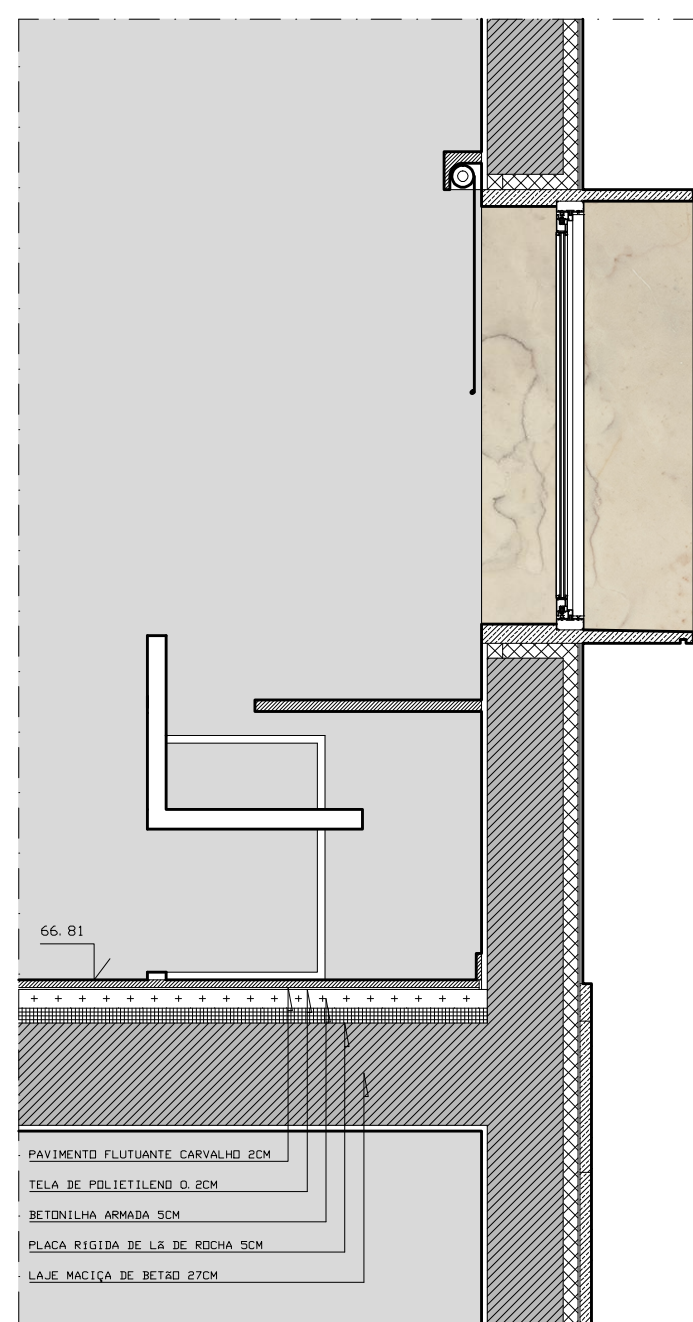
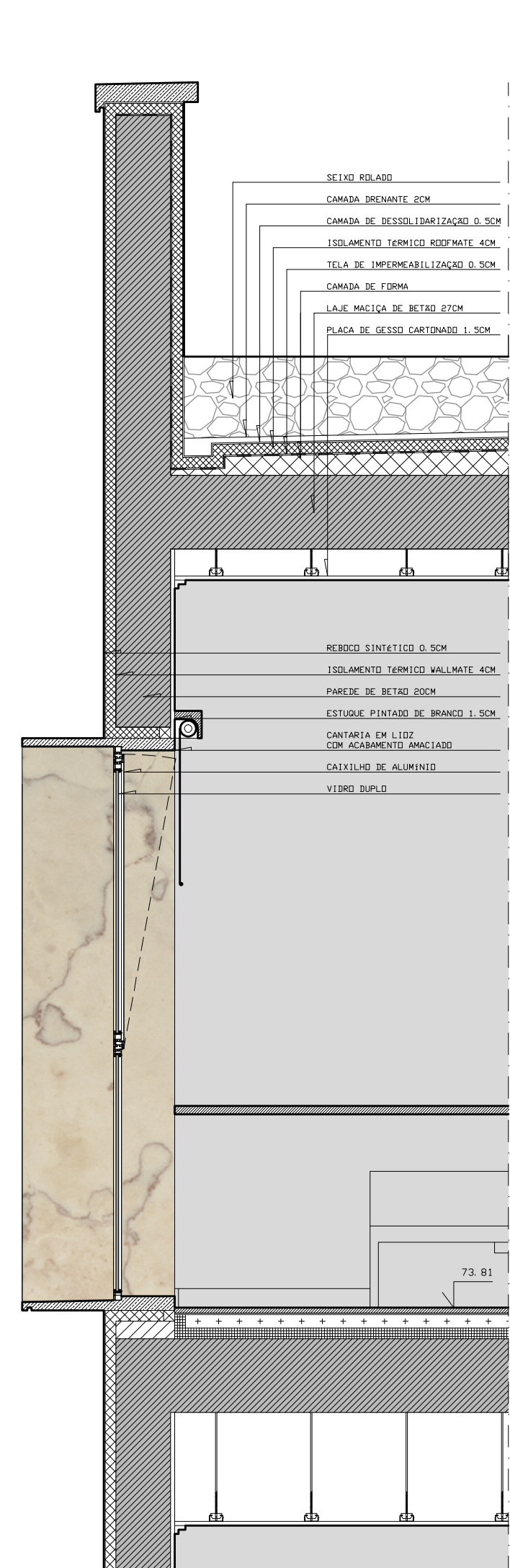
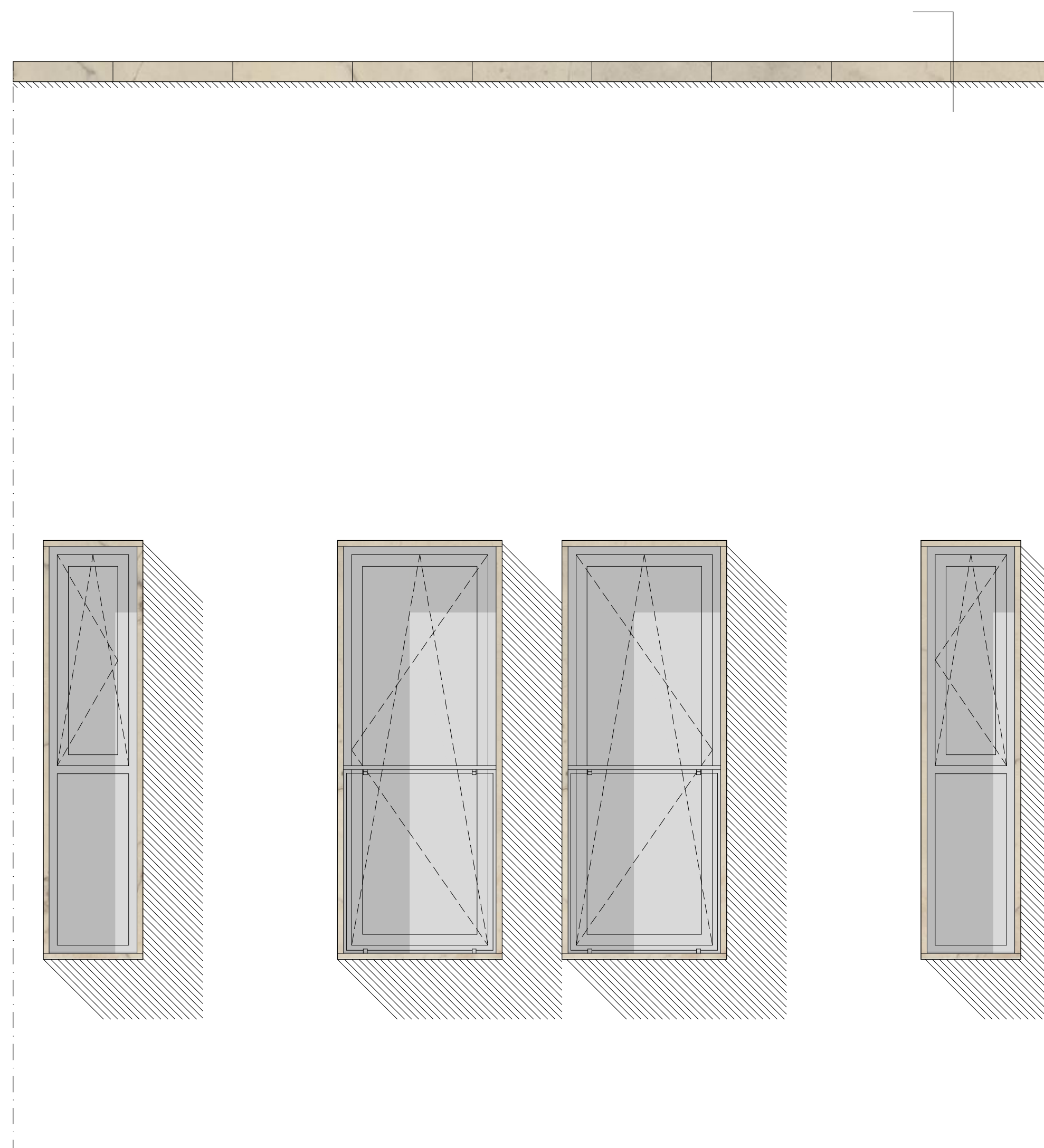
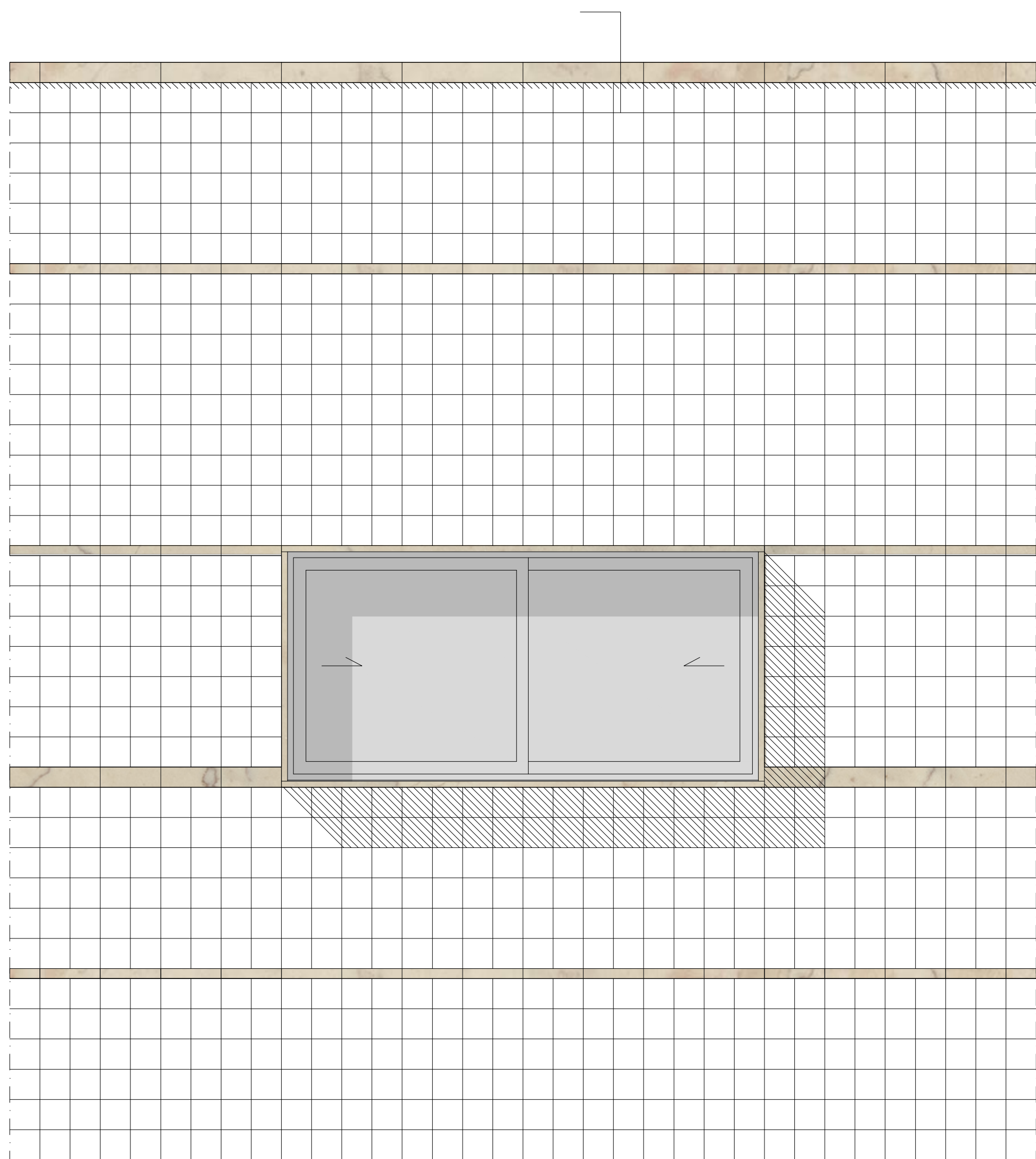
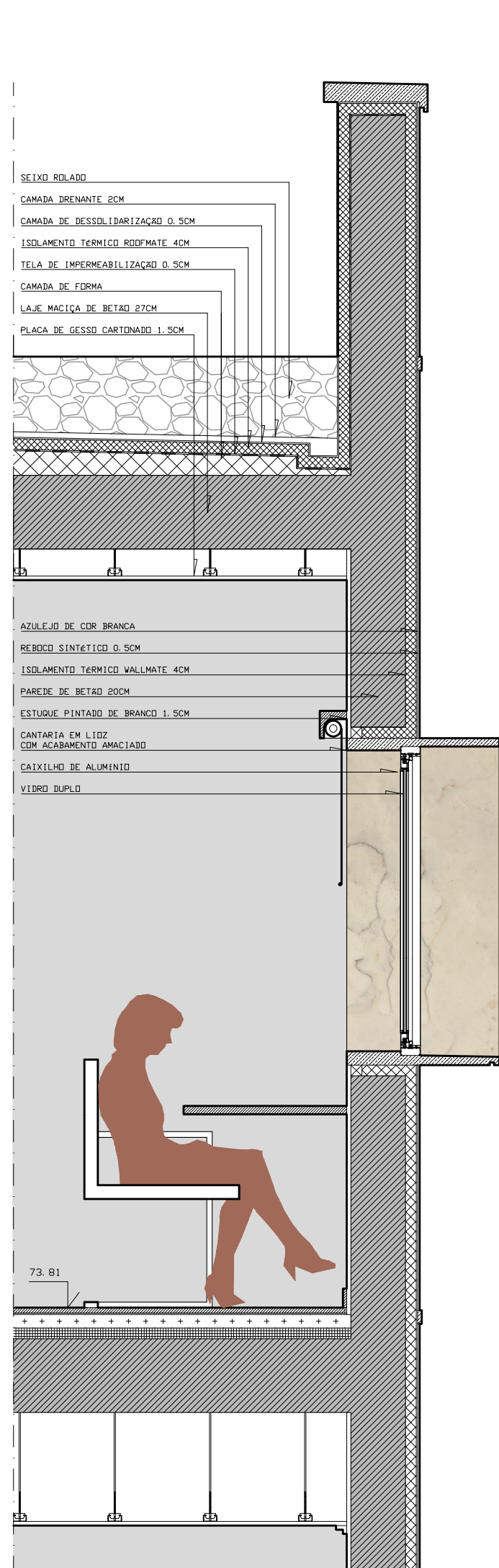


CORTE ESC 1:50  
COZINHA E ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO ②

## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA





CORTE E ALÇADO ESC 1:20  
FACHADA PÁTIO INTERIOR

CORTE E ALÇADO ESC 1:20  
FACHADA FRENTE RUA

## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA





ESPAÇO COLETIVO DE DISTRIBUIÇÃO E COZINHA



GRANDE ESPAÇO COLETIVO INTERIOR



PÁTIO

## ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL

UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA



## **ANEXOS**

**ANEXO I** – Registos Gráficos do Processo Evolutivo

**ANEXO II** – Reflexões e Notas

**ANEXO III** – Maquete como Método de Investigação



## ANEXO I

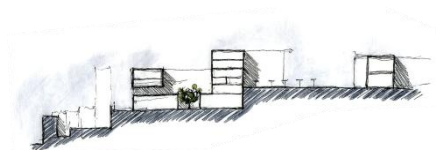
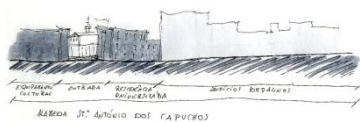
### Registos Gráficos Do Processo Evolutivo

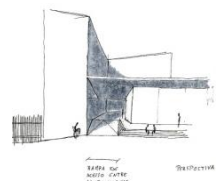
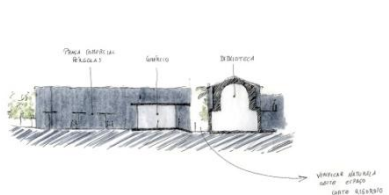
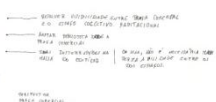
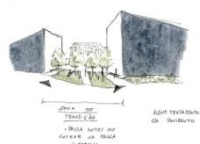
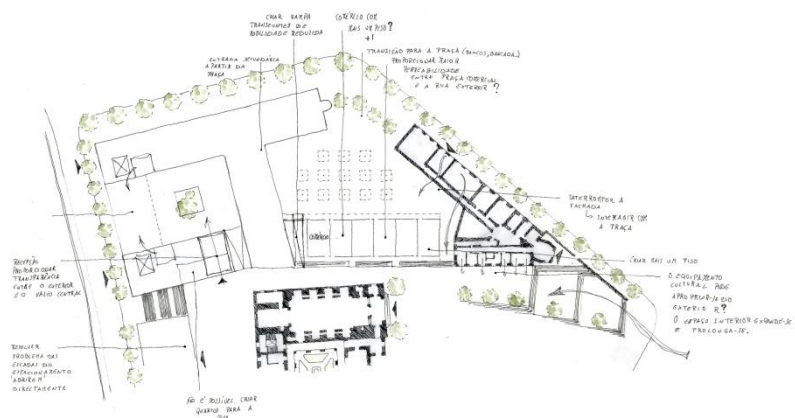
Nesta secção, procede-se à apresentação de registos gráficos realizados pelo autor ao longo do processo evolutivo de projeto. São ilustrações referentes a assuntos menos visíveis no corpo do presente trabalho, mas sobre os quais também se deu grande enfoque.

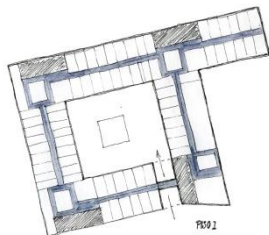
#### O Lugar: a envolvência próxima e a acessibilidade



#### ACESSO

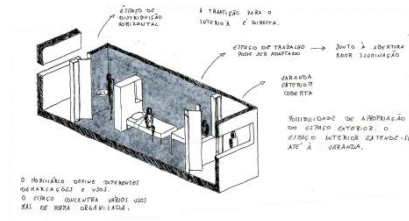
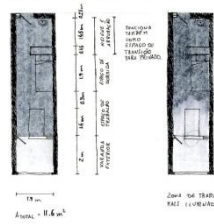




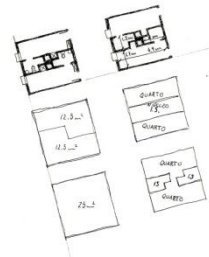
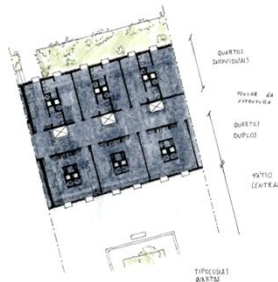
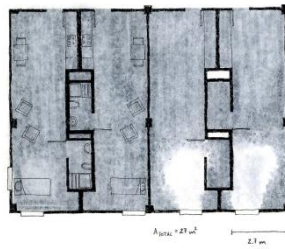


## O Espaço Privado do Residente: referências e modelo

### LA TOURETTE



### CANOTA

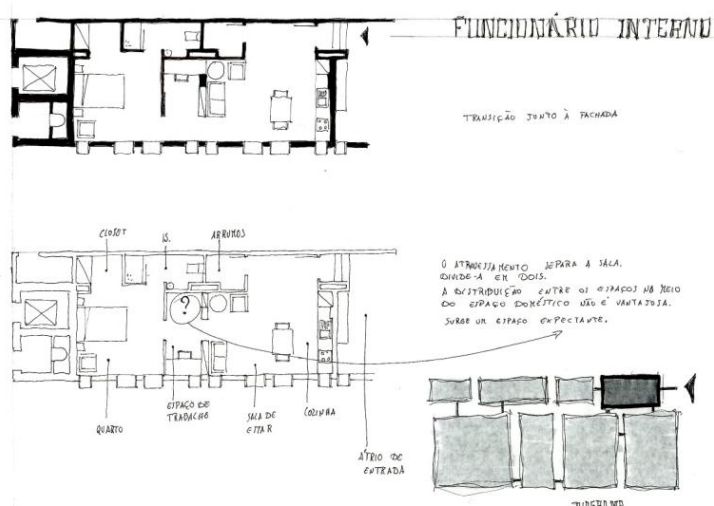
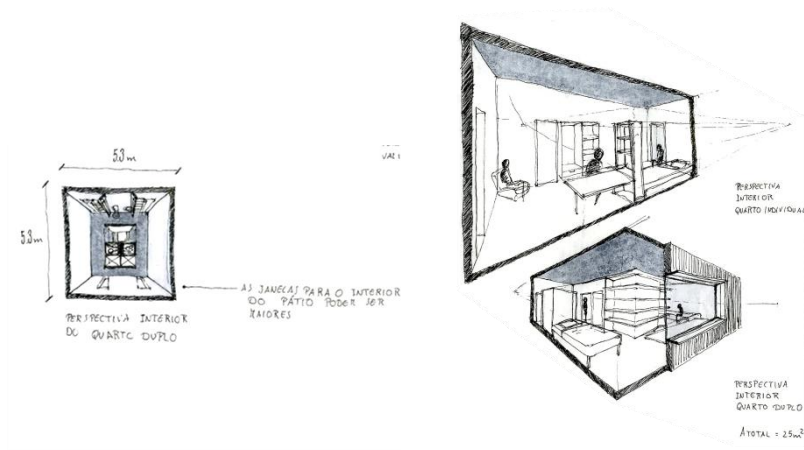


ORGANIZAÇÃO

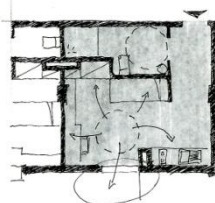
LUZ, SOMBRA



ESPAÇO COLETIVO E INTERAÇÃO SOCIAL:  
UMA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA COLINA DE SANT'ANA



MUBILIDADE REDUZIDA

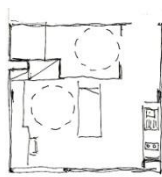


MANTER ALGUNS SERECHARMENT DO DESENHO DO QUARTO DUPLO

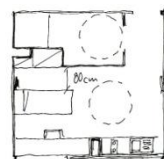
REQUERER VÃO NO ALÇADO



PLANTA PERSPÉTICA

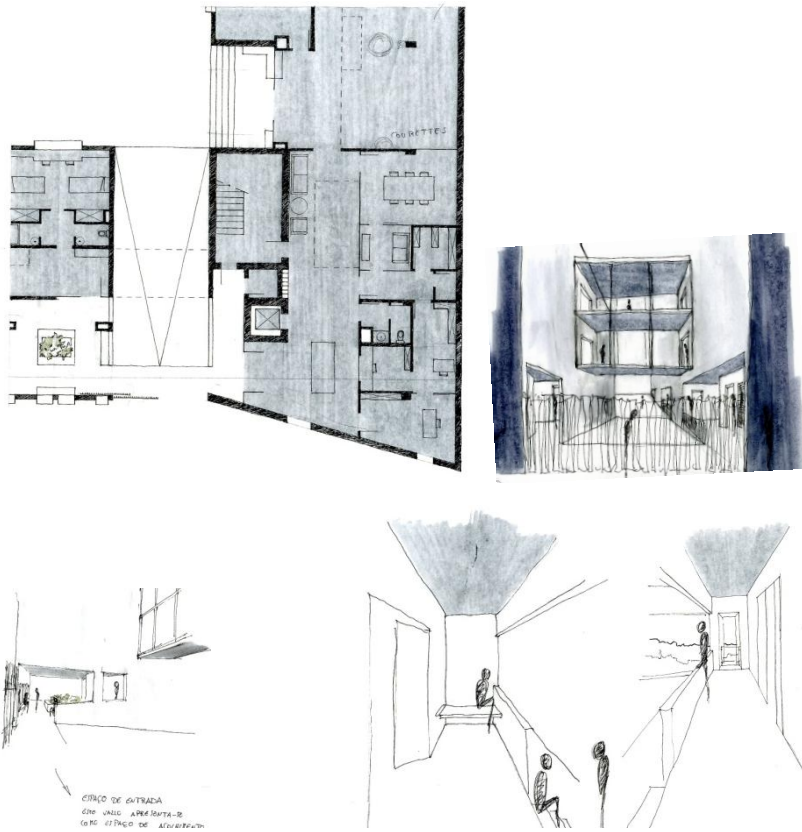


2.

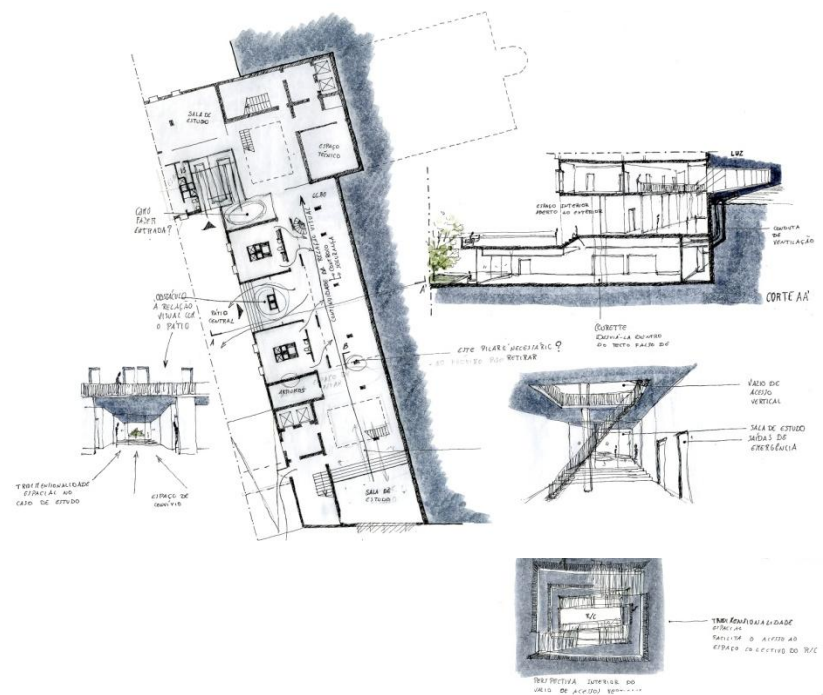


3.

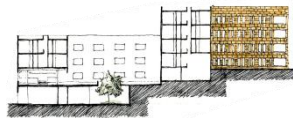
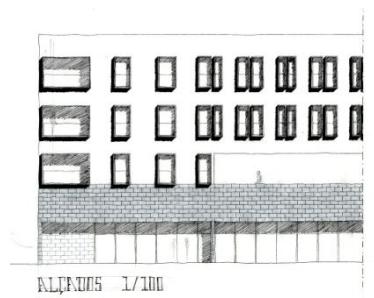
## Acessos: Primários e Secundários



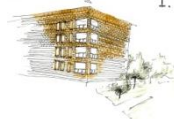
## Espacialidades Interiores



O Edifício: linguagem

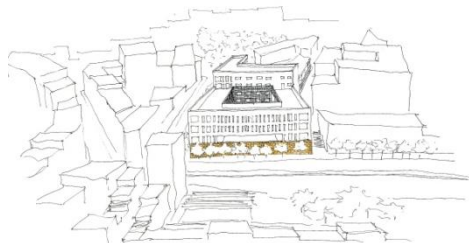


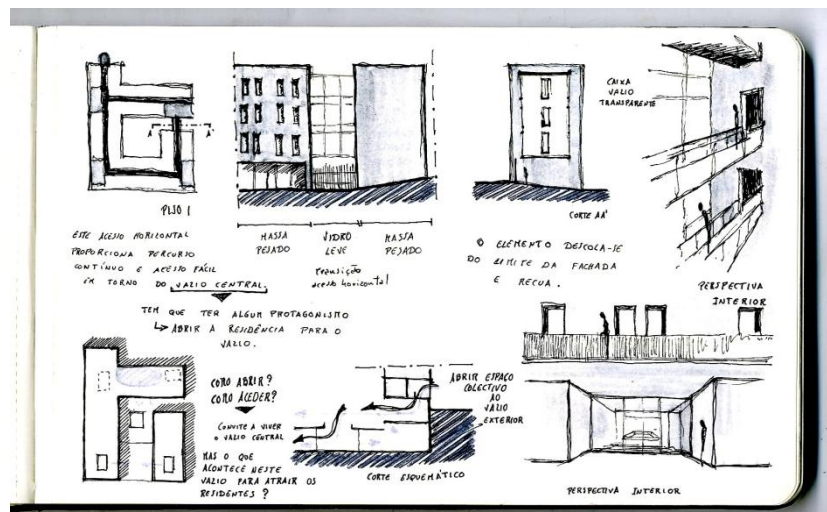
SIZA VIEIRA



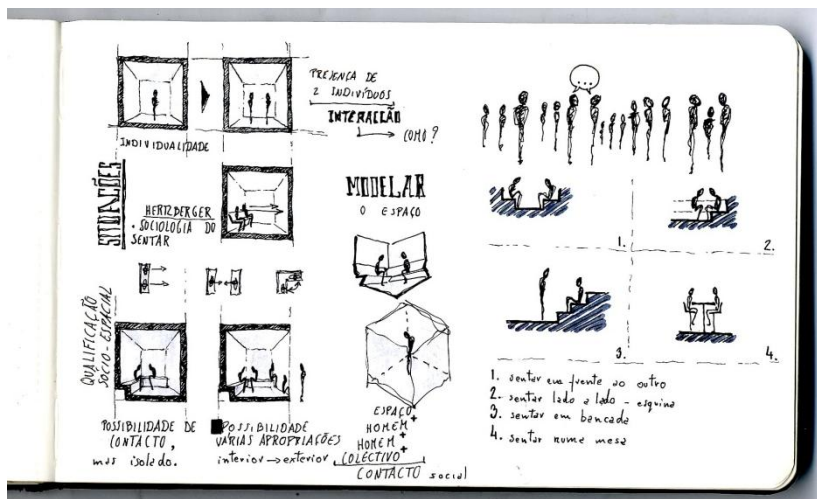
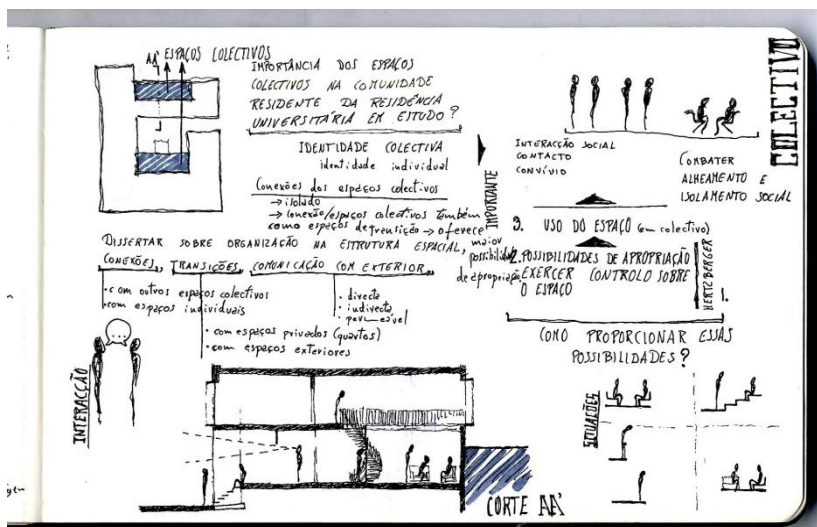
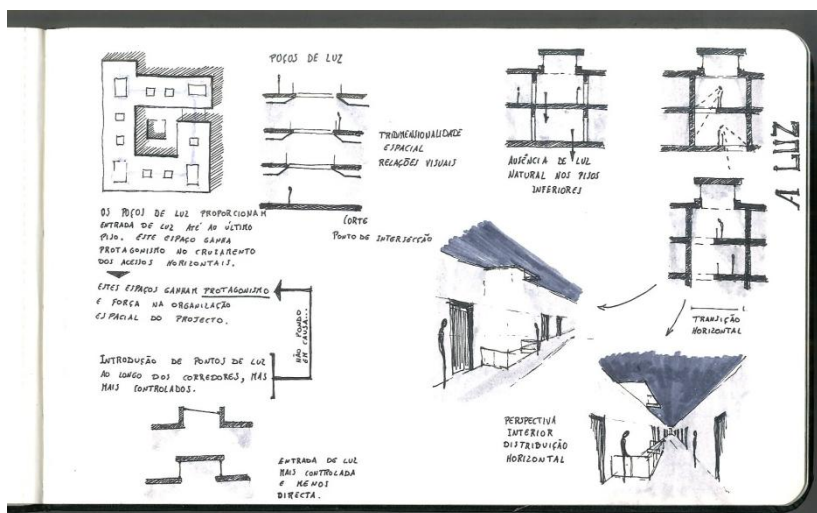
1. REFERÊNCIAS

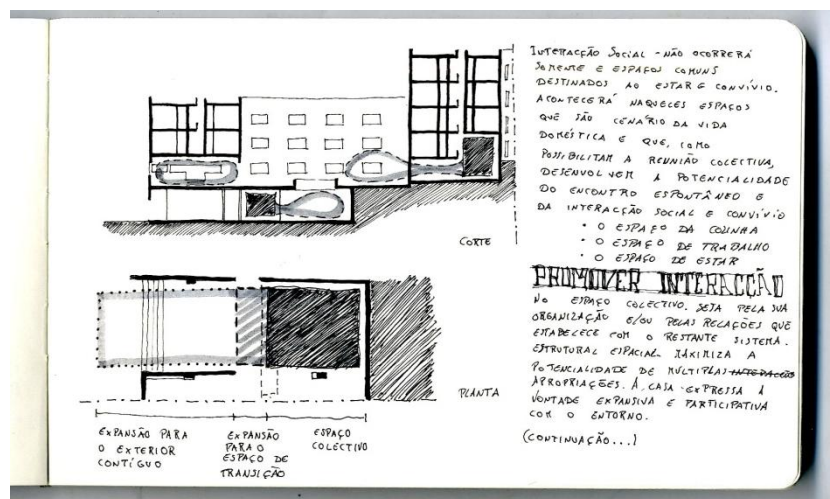
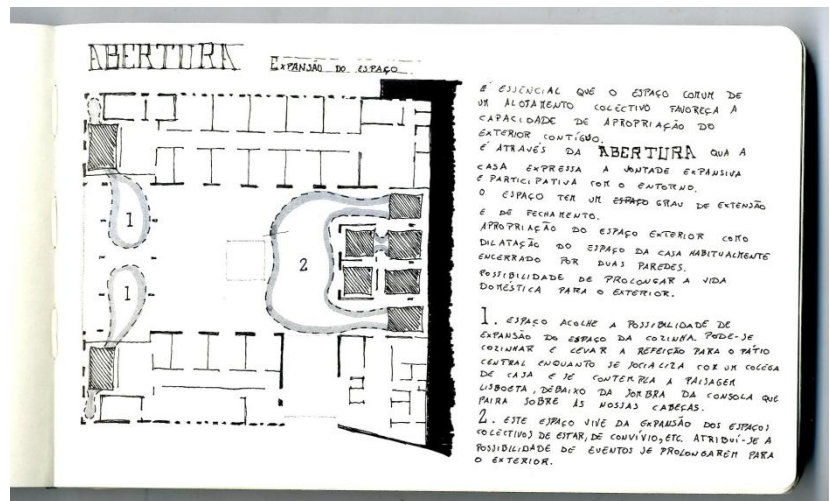
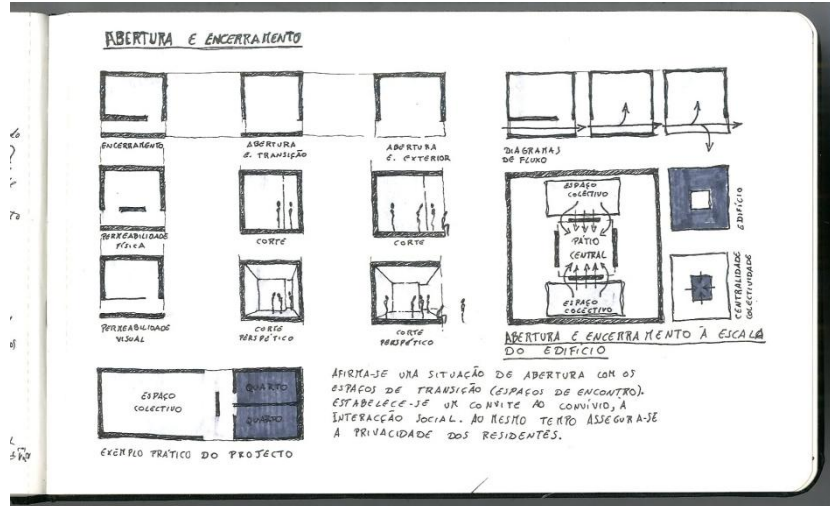
Arquiteto: Siza Vieira e Siza Vieira  
Bairro: Siza Vieira, 1970/71

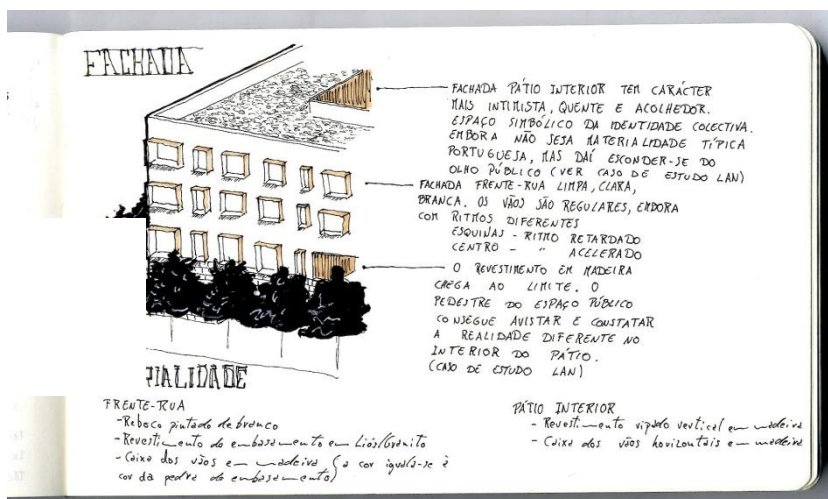
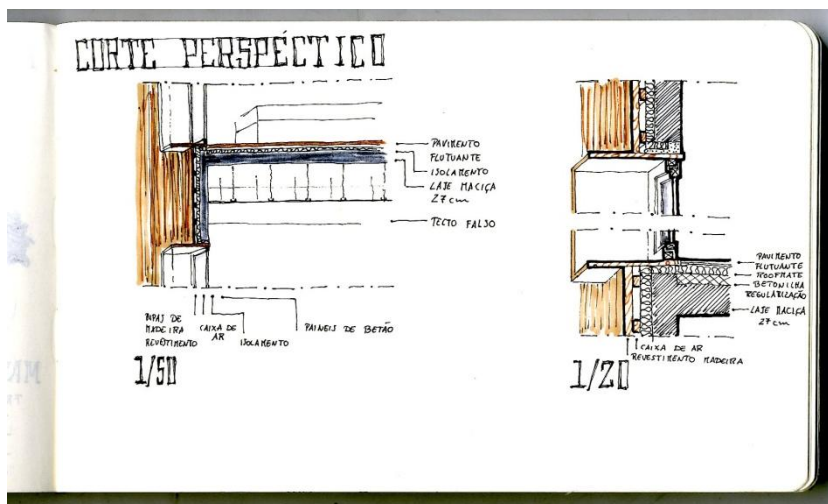
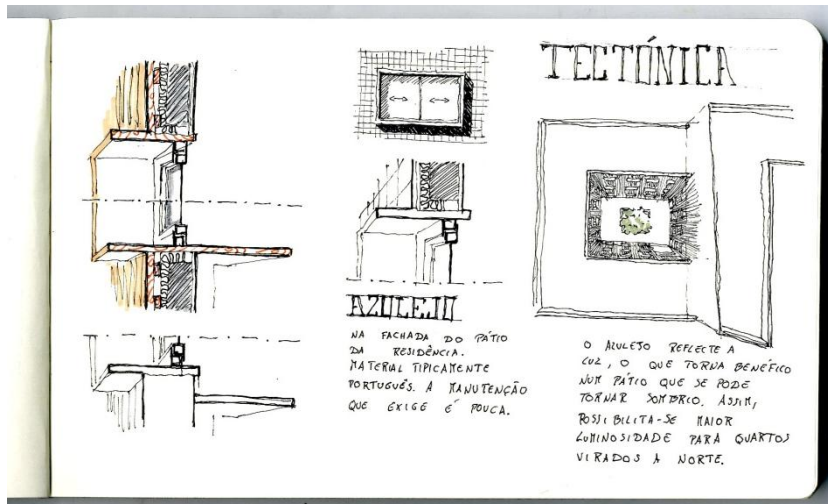




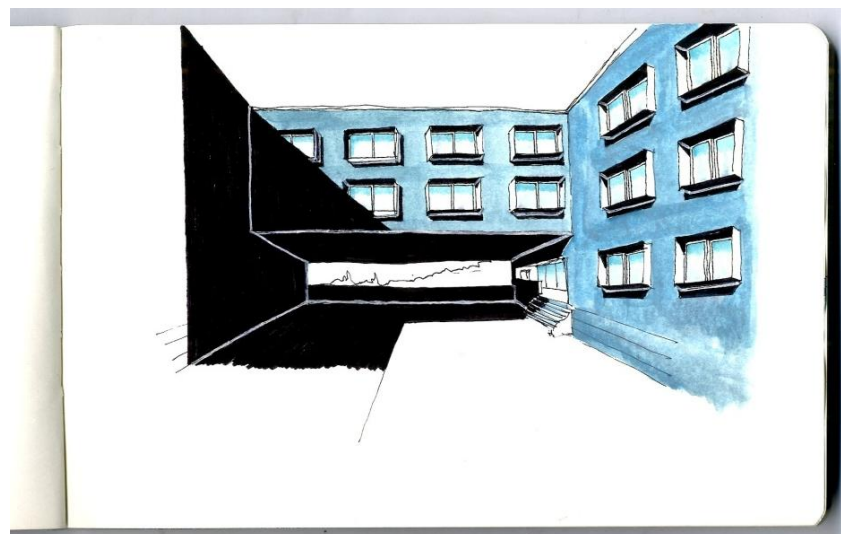
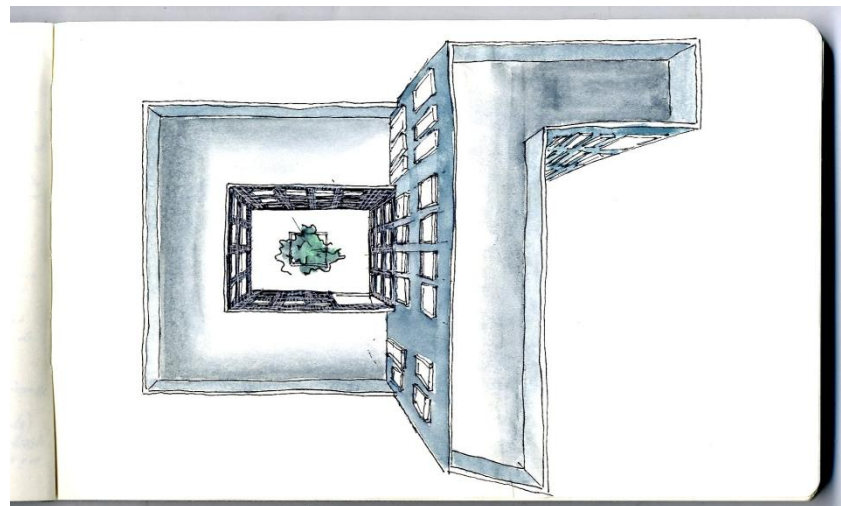
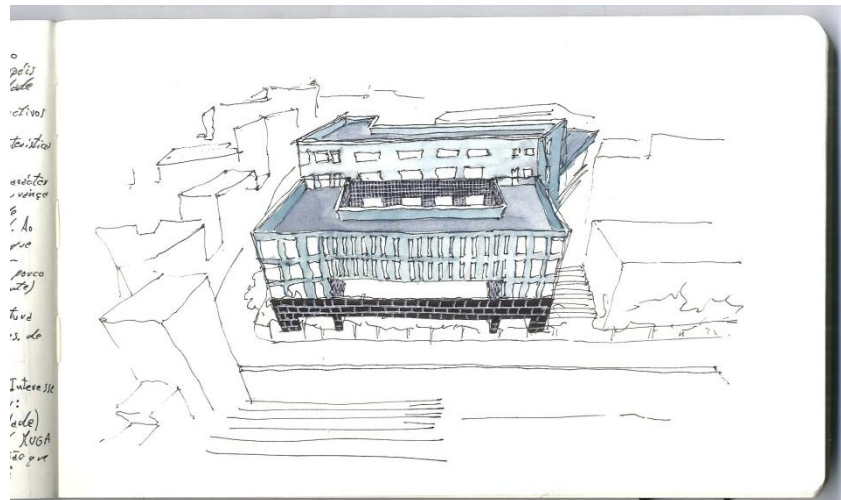




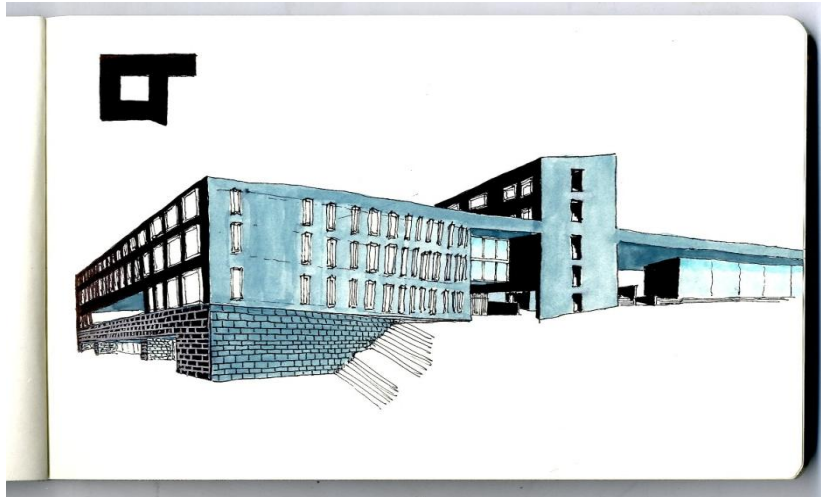












## ANEXO III

### Maquete Como Método de Investigação

